

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E FORMAÇÃO DO LEITOR

Ivla Cristina Gomes

Cultura leitora do professor e a prática pedagógica na formação de alunos
leitores de literatura na escola fundamental

NATAL - RN

2012

IVLA CRISTINA GOMES

Cultura leitora do professor e a prática pedagógica na formação de alunos
leitores de literatura na escola fundamental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marly Amarilha.

NATAL - RN

2012

IVLA CRISTINA GOMES

Cultura leitora do professor e a prática pedagógica na formação de alunos
leitores de literatura na escola fundamental

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Norte, como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em
Educação.

Monografia aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Marly Amarilha
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Profa. Dra. Verbena Maria Rocha Cordeiro
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Profa. Dra. Alessandra Cardoso de Freitas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof. Dr. Adir Luiz Ferreira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Aos *Paullus* da minha vida:
Héber Paullus (in memorian) e
João Paullus

AGRADECIMENTOS

À *Deus* todo poderoso e fonte de misericórdia infinita. Ele que sempre me levou em seus braços nos momentos mais difíceis dessa jornada, que não foram poucos. Tudo só existe porque Ele permite. Essa é mais uma obra Dele. A Ele toda honra e toda Glória.

À professora e orientadora *Marly Amarelha* pelo carinho e empenho dispensados a minha pessoa, sempre querendo e buscando o meu melhor. Pelas orientações, pela confiança em mim depositada mesmo nos momentos mais difíceis dessa caminhada.

À professora *Alessandra Cardoso* pelas contribuições e apoio ao longo desta jornada.

Aos meus pais, *José Luiz e Marluce Gomes*, por deixarem de ver a eles mesmos e depositarem toda a vida em sua família. Obrigada pela família que me deram. Obrigada pelas oportunidades que me proporcionaram para que os meus sonhos fossem e sejam realizados. Nossos sangues são um só.

A minha irmã *Izabel Alvi*, que todos os dias torce pelo meu sucesso. Obrigada pelos sonhos sonhados juntos, apesar das diferenças, nos completamos.

Ao meu irmão *Héber Paullus (in memoriam)*, pelo abraço no dia do resultado do processo seletivo do mestrado; e pelas palavras ditas 3 dias antes de sua partida. Impossível não sentir sua presença na nossa vida. A saudade é grande, mas à certeza do reencontro nos torna mais próximos.

Ao meu amado sobrinho *João Paullus*, o meu Tingo, experiência de amor inexplicável, não existem palavras para explicar. Seu sorriso e carinho me alimentam todos os dias.

Aos meus avôs *Manoel Dédeo (in memoriam)* e *Francisco Luiz (in memoriam)*, leitores do sertão nordestino. Pelo exemplo de sabedoria e homens honestos.

As minhas avós *Maria Alvi e Izabel Cristina (in memoriam)*, leitoras da vida e do amor. Seus nomes são o meu nome, suas histórias são parte de minha história.

Aos meus tios, tias, primos e primas, distantes ou próximos, mas sempre presentes em meu coração. Obrigada pela torcida.

A minha prima-irmã *Tatiana Albuquerque* que mesmo distante permanece sempre perto. Obrigada por vir me ver sempre que pode.

Não posso deixar de agradecer a *Ismênia Guedes* amizade nascida no primeiro dia de aula da graduação, nossos caminhos foram traçados e se cruzaram por vontade de Deus. Obrigada pela sua amizade, que seja eterna.

Aos amigos nascidos pela fé, são muitos, não irei nomeá-los, mas eles sabem que são, a Paróquia de Santo Afonso Maria de Ligório, meu muito obrigada pelos momentos de descontração e partilha, mas sobretudo pelos momentos de espiritualização e orações.

Aos funcionários do Centro de Educação e Pós-graduação que conviveram comigo durante essa trajetória.

As companheiras do Grupo de Pesquisa: Educação, Linguagem e Formação do Leitor, *Danielle Medeiros, Lívia Cortez, Nívia Priscila, Simone Leite, Vanessa, Eliene, Natália, Deuza, Kívia, Lydiane*, pelas trocas de conhecimentos.

Enfim, a todos aqueles com quem tive a oportunidade de conviver e me fizeram feliz. Obrigada.

RESUMO

O estudo investiga como acontece a formação da cultura leitora do professor formador de leitores de literatura, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, discutindo questões sobre a formação das professoras, e as práticas de leituras e práticas de formação de leitores e a repercussão na atuação profissional. Para tanto, procura conhecer, juntos aos professores, memórias de suas vivências de leitura na infância, no período escolar, na formação profissional e atualmente. A relevância do estudo está na importância de se investigar as relações existentes entre a história de vida, a cultura leitora e a prática do professor-formador de leitores. O estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, utilizando a metodologia de histórias de vida. Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista do tipo semi-estruturada. As entrevistas foram realizadas com 5 professoras de uma mesma escola municipal de Natal/RN que lecionam do 1º ao 5º ano e com 5 alunos do 5º ano que já foram alunos das respectivas professoras. Tomamos como referencial teórico os estudos de Amarilha (1991; 1993; 1994; 2006); Silva (1982; 2003); Martins (1994); Smith (2003); Yunes (2003); Nóvoa (1995); Delory-Momberger (2008); Santos (1994). A análise das entrevistas revela que muitos são os fatores que influenciam na formação da cultura leitora do professor e que essa formação se dá e se transforma durante toda a vida. Os dados da pesquisa revelam o quão importante é para o professor ter uma prática de leitura constante, considerando que a cultura leitora está em permanente processo de formação, pois ela não se dá apenas em determinados momentos, e essa, influencia na prática pedagógica diária do professor mediador e formador de leitores.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. História de vida. Cultura leitora. Formação do leitor.

RESUMEN

El estudio muestra una visión general de cómo la cultura pasa a la formación de los maestros formadores de lectores de la literatura, desde el primero hasta quinto año de la escuela primaria, la discusión de cuestiones sobre la formación de los maestros, las prácticas de lectura y prácticas de formación de lectores y el impacto en el rendimiento profesional. Para ello, rescata a profesores, los recuerdos de sus experiencias de lectura infantil, durante la escuela, la formación profesional y en la actualidad. La relevancia del estudio es la importancia de investigar la relación entre la historia de la vida, la cultura reader e la práctica de lo profesor-formador del lectores. El estudio se caracteriza como una investigación cualitativa, utilizando la metodología de historias de la vida. Para la recolección de datos se utilizó para la entrevista semi-estructurada. Las entrevistas se realizaron con 5 (cinco) profesores de la misma escuela municipal de Natal/RN que enseñar a los estudiantes de 1º AL 5º año y 5 (cinco) estudiantes que han sido sus maestros. (Tomamos) como estudios teóricos como Amarilha (1991; 1993; 1994; 2006); Silva (1982; 2003); Martins (1994); Smith (2003); Yunes (2003); Nóvoa (1995); Delory-Momberger (2008); Santos (1994). El análisis de los datos revela que hay muchos factores que influyen en la formación de la cultura del maestro y el lector que dicha formación se lleva a cabo, las formas y vueltas durante toda la vida. Los datos de la encuesta muestran lo importante que es para que el profesor tiene una práctica eficaz de la lectura, teniendo en cuenta que el lector de la cultura está en constante proceso de formación, no ocurre en determinados momentos, y esto influye en el maestro del mediador diaria la práctica docente y el entrenador de los lectores.

Palabras-claves: La lectura. Literatura. Historia de la vida. Cultura reader. La formación del lector.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1.1. Justificativa.....	13
1.2. Delimitação do estudo.....	15
1.3. Objetivos.....	18
2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	18
2.1. <i>Locus da pesquisa</i>	23
3. CAPÍTULO 1: Sobre leitura e literatura.....	26
3.1. A leitura.....	26
3.2. A leitura na infância.....	33
3.3. A leitura na escola.....	34
3.4. A leitura na vida adulta.....	41
3.5. A leitura literária.....	42
3.6. A relação texto-leitor na leitura literária.....	49
4. CAPÍTULO 2: Sobre a história de vida como abordagem da formação leitora.....	53
5. CAPÍTULO 3: Sobre a formação e a prática do professor-leitor.....	65
5.1. A constituição do ser professor formador de leitores: a inserção da leitura na vida do professor.....	69
5.2. A formação do professor formador de leitores: entendendo a leitura nos bancos da universidade.....	79
5.3. A prática do professor formador de leitores: o mediador de leitura.	90
5.4. A prática do professor formador de leitores: o que dizem os alunos.....	98
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
7. REFERÊNCIAS.....	110

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo intitulado “*A relação entre a cultura leitora do professor e a formação de alunos leitores de literatura*” pretende investigar a história de vida de professores e os aspectos culturais que contribuíram na sua formação como leitor de literatura e, em consequência, a repercussão desses aspectos em sua prática pedagógica atual.

O interesse pela temática teve início durante a participação como bolsista de iniciação científica (PIBIC/UFRN) na linha de pesquisa Educação, Linguagem e formação do leitor, do Grupo de pesquisa *Educação, Linguagem e Formação do Leitor (PPGE/CNPq)*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os estudos teóricos desenvolvidos no grupo e o convívio com pesquisadores motivaram o desejo de pesquisar a temática sobre a formação leitora do professor e sua contribuição para a formação do leitor na escola.

A partir da leitura do relatório da pesquisa *O ensino de leitura: a contribuição das Histórias em Quadrinhos e da Literatura Infantil na formação do leitor* (CNPq/UFRN; 2003-2007), e da análise das entrevistas das professoras sujeito da pesquisa pôde-se perceber a importância das leituras do professor para a prática docente em sala de aula.

Em pesquisa desenvolvida no grupo, *O Ensino de Literatura: processos de andaimagem e argumentação para formar mediadores de leitores na escola fundamental* (CNPq/PROPESQ – 2007), foram realizadas entrevistas para investigar a cultura leitora, o repertório de leitura e como foi constituída a formação leitora das docentes, dados que culminaram no estudo monográfico *A cultura leitora do professor: as influências das histórias de vida e formação profissional do professor no trabalho com a leitura de literatura em sala de aula* (GOMES, 2009).

Estudar a cultura leitora do professor-formador de leitores significa evidenciar e reconhecer o potencial educativo dos agentes sociais que dentro e fora da escola atuam e repercutem na formação docente. Daí, a necessidade em se estabelecer a relação entre história de vida, formação leitora e prática pedagógica como foco de interesse investigativo. Esse temário tem-se apresentado, atualmente, como área de pesquisa em crescente expansão no âmbito acadêmico, justamente, pela

perspectiva reveladora que apresenta sobre a injunção da história de vida e desempenho profissional.

Considerar a leitura literária na formação do indivíduo é acreditar no potencial formativo da literatura, que desperta a curiosidade, a imaginação, a autonomia, a criticidade e o gosto pela leitura. O leitor de textos literários, não apenas olha as letras, mas sim, busca sentidos nas palavras, aventura-se nas descobertas que essa modalidade de texto proporciona.

Estudar a formação leitora dos professores por meio de suas histórias de vida propicia desvelar, no tecido dos discursos de suas memórias narradas, suas crenças, seus valores, suas concepções de ensino, suas práticas e saberes docentes, que se insinuam nas suas maneiras de atuar e de compreender o processo de ensino-aprendizagem. Nessa lógica, entende-se que suas responsabilidades na formação de alunos-leitores estarão ligadas também às concepções sobre leitura construídas ao longo de suas trajetórias de vida pessoal e profissional.

A propósito do tema, constata-se a variedade de estudos que discutem sobre a importância da literatura na escola como em Amarilha (1991; 1993; 1994; 2006), Aguiar (2001), Bordini & Aguiar (1993), Magnani (1989), mas poucos assinalam ou reconhecem a importância da cultura leitora do docente e sua influência na sala de aula. No Brasil, existem muitos problemas de leitura e de formação de leitores, principalmente, quando se refere ao professor-leitor tomamos como exemplo pesquisa realizada por Amarilha (1997). Na referida pesquisa, ao responderem a uma pergunta em um questionário “*Você gosta de ler?*”, todos os professores (80) responderam que sim; apenas um disse “*não gosto*”. Entretanto, utilizando-se de outro instrumento, a conversa informal, o quadro muda e 50% desses professores, na verdade, disseram que não gostam de ler; negaram, então, o que haviam informado no questionário.

Nessa mesma pesquisa, os professores, ao serem questionados sobre a preferência de suas leituras, responderam preferir textos informativos (jornal, revistas) aos literários. Esse cenário revela a fragilidade na formação em literatura e a pouca variedade do repertório de leitura dos professores e, portanto, a necessidade de estudos que revelem a participação da leitura literária como bagagem formadora de docentes e como referência em suas práticas pedagógicas.

Entendemos que o texto literário permite ao leitor romper com as barreiras da realidade, permite-lhe o acúmulo de experiências vividas no imaginário, o que o torna mais criativo e mais crítico, além de ensiná-lo a reagir a situações desagradáveis e de ajudá-lo a resolver seus próprios conflitos (VILLARDI, 1999).

Em sendo criação que favorece a múltiplas experiências seja intelectual, linguística, afetiva, evidencia-se a necessidade de se descobrir a leitura, e os ganhos proporcionados pela experiência em ler literatura. Estudos têm constatado a dificuldade de formar leitores no contexto das instituições de ensino e nas práticas escolares, decorrentes, na maioria das vezes, da precária formação dos docentes. Zuberman (2005), em seu estudo dissertativo investigou a partir da experiência de formação de uma professora que não gostava de ler, quais aspectos que influenciam na relação entre o leitor em formação e a leitura de literatura. O estudo constatou como esse processo de formação influencia na prática docente da professora. Nessa perspectiva, evidencia-se a necessidade de se descobrir a leitura, o prazer proporcionado pela experiência literária. Constata-se, por outro lado, a dificuldade de formar leitores na realidade das instituições de ensino e nas práticas escolares, decorrentes, na maioria das vezes, da precária formação leitora dos docentes.

Com esse raciocínio, reconhece-se a importância dos professores serem leitores mais experientes em sala de aula, visto que a eles se credita grande parte da responsabilidade em formar novas gerações de leitores.

A partir desse quadro, pretende-se investigar as relações estabelecidas entre histórias de vida, cultura leitora, formação do professor, práticas de leitura, ensino e mediação de literatura em sala de aula com vistas à formação do leitor de literatura.

Desse modo, este estudo se estrutura da seguinte maneira:

CAPÍTULO 1: Sobre leitura, literatura e a história de vida das professoras

1.1. A leitura

1.2. A leitura na infância

1.3. A leitura na escola

1.4. A leitura na vida adulta

1.5. A leitura literária

1.6. A relação texto-leitor na leitura literária

CAPÍTULO 2: Sobre a história de vida como abordagem da formação leitora

CAPÍTULO 3: Sobre a formação e a prática do professor-leitor

3.1. A constituição do ser professor

3.2. A formação do professor

3.3. A prática do professor

Considerações finais

1.1. Justificativa

Este estudo se justifica pela importância de se investigar as relações existentes entre a história de vida, cultura leitora e a prática do professor-formador de leitores, abordando questões relativas ao ensino de leitura, literatura, formação do leitor. Nesse sentido, destaca-se a contribuição da formação leitora do professor para uma prática efetiva do ensino de leitura de literatura na escola.

Embora se localize uma ampla produção teórica sobre cultura leitora do professor Evangelista (2000); Mendes (2008); Pena (2010); Rolla (1996) e, por outro lado, sobre a importância da literatura para o desenvolvimento do indivíduo Bettelheim (1980); Lima (2002) constata-se que são incipientes os estudos que propõem a interface entre essas áreas. Entende-se que a prática escolar necessita, rapidamente, de interlocuções entre os diversos fatores sociais que corroboram com a Educação de uma maneira geral.

A abordagem relacionando história de vida e atuação pedagógica entende que a cultura do indivíduo se constitui em fonte fecunda de recursos para o desempenho profissional. No que se refere à cultura, para os antropólogos Santos (1994), a cultura pode ser entendida em duas perspectivas. A cultura pode se referir à compreensão de aspectos singulares do comportamento humano em relação a outros seres, percebendo-se o comportamento pelo processo do ensino-aprendizagem e não de maneira instintiva. Por outro lado, a cultura pode se referir à capacidade que o homem tem de gerar comportamentos e suas infinitas reações, através do seu potencial simbólico e linguístico (SANTOS, 1994). Ou seja, a cultura também pode ser interpretada a partir da atividade cognitiva do comportamento humano.

Assim, cultura se torna um conjunto de práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado em um dado espaço, constituído durante toda a história de

gerações passadas. É, também, um processo contínuo de construção da identidade de um grupo humano em uma determinada localidade e período, processo esse que estimula ou limita certas especificidades do homem, seu pensamento e sua criatividade (SANTOS, 1994).

Nesse contexto, em se tratando de formação do leitor, é preciso que a leitura não perca sua profundidade e razão de ser, mesmo estando diretamente relacionada aos estilos de vida dos leitores, que estão condicionados pelo seu tempo.

No que concerne à leitura, constata-se em pesquisas realizadas por Amarilha (1991; 1993; 1994); Silva (1982; 2003); Zuberhan (2005) o despreparo dos professores como leitores e formadores de leitores, assim como a precária relação que estabelecem com o texto literário. Observa-se assim, que os professores não reconhecem o potencial formador da literatura e, conseqüentemente, não a utilizam em sala de aula, privando seus alunos da experiência literária. Possivelmente, isso seja resultado da influência da história de vida do professor, uma vez que, existe uma reprodução sistemática de grande parte dos professores do processo de escolarização pelo qual passaram, na prática pedagógica de formadores de leitores.

Falar em formação do leitor e de como se dá a formação da cultura da leitura significa olhar para um dos responsáveis mais importantes desse processo - o professor. É o professor, mediador da leitura, que acrescenta novos saberes aos encontros do leitor com o texto.

Os professores não ensinam uma matéria nem transmitem conhecimentos; eles transmitem signos organizados em discursos, que provêm de registros científicos e didáticos, e que, por serem constituídos de conhecimentos, devem ser objeto de uma interpretação e de uma integração nos sistemas de conhecimentos anteriores dos alunos (que não são idênticos entre si, que são diferentes dos do professor e que não reproduzem o sistema objetivado e formalizado do domínio de saber referido). (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 117).

Nessa lógica, é possível afirmar que não se nasce leitor, e sim, se aprende a ser leitor. Assim, acredita-se nas contribuições da cultura leitora do professor, que perpassa por fatores relacionados à sua história de vida e sua formação profissional

para a formação do leitor literário, pois a prática pedagógica não se dá somente por competência técnica, mas também por uma dimensão cultural.

1.2. Delimitação do estudo

Para a investigação da interface cultura leitora do professor, formação do leitor de literatura e prática docente, consideram-se como norteadoras da pesquisa as seguintes questões:

- Como acontece a formação leitora/ construção da cultura leitora do professor?
- As histórias de vida dos professores influenciam na sua relação com a leitura?
- A formação leitora do professor tem relação com a sua prática de sala de aula?
- Quais as contribuições da cultura leitora do mediador de leitura para o trabalho com o texto literário?
- A formação leitora do professor influencia na formação leitora dos seus alunos?

Nas perguntas acima, destaca-se o papel da cultura leitora do professor na formação de alunos leitores, privilegiando-se como objeto de estudo *a relação da cultura leitora do professor na prática pedagógica para a formação de leitores de literatura*. Para tal, se fez necessário delimitar algumas circunstâncias nas quais a pesquisa foi realizada.

Realizamos estudos sobre a teoria da leitura e da literatura, com o objetivo de conhecer as possibilidades interativas e formativas do texto literário e o que este pode provocar no seu leitor. Para Lajolo (2004), a discussão no campo da leitura, numa sociedade que almeja a democracia, começa pelos profissionais responsáveis pela iniciação na leitura que devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ter encantamento com o que lê.

É no final da década de 1980, que alguns pesquisadores começam a discutir a importância do professor ser leitor para poder formar leitores (ABREU, 2003; BATISTA, 1999). Mas, é na década de 1990 que as pesquisas com perspectiva em

representações e histórias do leitor têm seu auge. Moura (1994); Moraes (2000); Cordeiro (2007) realizaram pesquisas que focalizam as discussões sobre história da leitura, leitura de professores, memórias de leituras e sobre a formação leitora dos professores. Percebemos que nesses tipos de pesquisa o professor é sempre visto como um ser e um profissional em formação contínua.

Afirmar que o professor não é só professor, e que sua prática não resulta apenas da sua formação acadêmica, mas, sim, de um conjunto de perspectivas que o constitui como pessoa, algumas vezes pode até parecer óbvio. Mas encontramos, sim, uma lacuna do que se refere à formação do professor como leitor e mediador de leitura. São frequentes as práticas frágeis e equivocadas de leitura literária com fins pragmáticos que, geralmente, objetivam o preenchimento do horário escolar, impondo silêncio e disciplina na sala de aula, o que acaba descaracterizando o caráter formativo e estético da literatura.

Parece já ser bastante difundida a importância da leitura em todos ambientes, seja em casa, na escola, em bibliotecas; em qualquer situação, o essencial é a prática significativa da leitura como uma linguagem múltipla. A casa deveria ser o lugar onde o primeiro contato com a leitura acontecesse, no entanto, fatores como o uso frequente de outras tecnologias, a falta da prática de leitura ou até mesmo o analfabetismo dos pais prejudicam a formação da cultura leitora das crianças.

A escola é entendida aqui como uma instituição de saber e formação humana através das relações inter e intrapessoais e com o mundo a sua volta, que precisa promover novas formas de leituras, considerando o efeito da leitura sobre o homem, a sociedade e o mundo. Porém, de acordo com a complexidade dos mundos sociais (DELORY-MOMBERGER, 2008), a sociedade não pode deixar somente a cargo da escola o papel de formadora de leitores, as outras instâncias da sociedade precisam também colaborar para que as crianças leitoras de hoje, sejam adultos leitores amanhã.

Para o aluno, a figura de si constrói-se numa pluralidade de mundos sociais, entre os quais a escola não ocupa necessariamente uma posição prioritária. Os mundos sociais dos quais participam os jovens nas sociedades pós-modernas são bem mais numerosos e complexos do que nas formas de sociedades anteriores. [...] Hoje, cada um desses espaços tornou-se complexo, apresenta ao mesmo tempo formas mais amplas e definições institucionais menos nítidas, e sua conjunção não mais obedece às mesmas linhas de coerência,

mas se presta à variabilidade e à flexibilidade (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 129).

De fato, as experiências que as crianças adquirem na escola lhes remetem a um lugar onde se produz signos e discursos, ou seja, o processo de ensino-aprendizagem escolar é baseado nos signos e no discurso. Segundo Delory-Momberger (2008, p. 118), os signos e os discursos são aspectos da cultura escolar por dois fatores: “por um lado, do modo indireto de apreensão do mundo, que é o da escola, e por outro lado, da maneira como, na escola, os saberes e os signos valem para eles mesmos e por eles mesmos”.

Nessa visão, o professor é o articulador entre os princípios e as práticas. Isso significa que o trabalho com a leitura literária em sala de aula precisa fazer parte da vida do professor, é preciso que o professor vivencie a leitura no seu dia-a-dia, que ele relate sobre as suas experiências de leituras, compartilhe seus livros. Assim que, quando o professor também leva a leitura literária para a sala de aula, ele é mais convincente, despertando então, o gosto pela leitura de literatura. Esses aspectos da formação do professor ficam mais salientes quando acompanhamos a reflexão de Furlanetto (2003, p. 25) sobre as nuances do conceito de formação:

O primeiro deles pode emergir da ideia de fôrma. Nessa perspectiva, pode-se pensar em formação como um processo de “enformar” o professor, um processo mais comprometido com o reprimir, com o imprimir. Essa formação acontece a partir de modelos preconcebidos, que não levam em conta a pessoa e o saber do professor. Por outro lado, o mesmo conceito pode nos remeter à palavra forma. Resgatando esse novo significado, podemos pensar em um movimento de formação que permita ao professor buscar os próprios contornos, aqueles que possibilitem sua expressão.

No que tange à formação dos professores, segundo Catani apud Nóvoa, isso implica, na consideração do conceito de *reflexividade crítica* e de assumir dois pontos: “ninguém forma ninguém” e que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida” (1997, p. 31).

Depois dos aprofundamentos teóricos, pretende-se partir para o campo de pesquisa, de maneira a desenvolver um estudo aprofundado na realidade da prática pedagógica no que se refere diretamente ao ensino de leitura de literatura em uma instituição de ensino. No contexto investigado, buscar-se-á perceber as relações

existentes entre história de vida e formação do professor-mediador-formador de leitores, e como essas relações se estabelecem na prática docente. Assim, espera-se a partir desses estudos ser possível analisar o trabalho do professor mediador de leitura, como sujeito social, provido de influências sociais internalizadas ao longo de sua formação.

1.3. Objetivo

O estudo proposto objetiva investigar os percursos formativos de 5 (cinco) professoras, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Natal/RN, considerando as influências de leitura ao longo de suas vidas escolar e profissional na construção da cultura leitora e no processo de formação do leitor de literatura.

Objetivos específicos

Investigar como as professoras se relacionavam na infância, na vida escolar e acadêmica com a leitura e a literatura;

Investigar se existe alguma relação entre a história de vida e a forma como suas professoras trabalhavam a leitura e a prática delas hoje, em sala de aula, como formadoras de leitores.

2. ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Nesta dissertação, investiga-se a cultura leitora do professor e sua influência na formação de leitores. Reúne no seu eixo teórico referenciais da leitura e da literatura, histórias de vida, formação do professor, memória e cultura leitora.

Para Bakhtin (2003, p. 332), o pesquisador das ciências humanas tem de colocar em prática o ato da compreensão, “um observador não tem posição fora do mundo observado, e sua observação integra como componente o objeto observado”, uma vez que pesquisador e participantes estão sempre dialogando. Esse autor também tem a preocupação com que o pesquisador faça sua pesquisa com responsabilidade tornando-a uma pesquisa ética. Bakhtin em seus escritos também defende que nas ciências humanas o objeto de estudo é o ser “expressivo e falante” (grifos do autor). “Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável

em seu sentido e significado”, argumenta Bakhtin (2003, p. 395). O objeto, ou melhor, o sujeito da pesquisa nesse tipo de ciência, não pode ser analisado como “coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; consequentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico” (BAKHTIN, 2003,p. 400), uma vez que ele é um ser expressivo e falante.

No território das ciências humanas, o diálogo precisa ser aberto e construído diante de uma visão multidimensional e transformadora. Entretanto, essa nova compreensão acerca do fazer científico, carece de uma visão distinta do sujeito, do tempo e da história da que apresentam atualmente. Com isso, vem a tona outra preocupação, o modo como as narrativas, enquanto configurações de crenças, valores e modos de enxergar a si mesmo, são construídas e constituídas pelos membros de uma sociedade e o que essas narrativas revelam de múltiplo,diverso, não-linear sobre a sociedade, a cultura, a ciência e a complexidade das relações que se interconectam. Entendemos também que os lugares onde essas narrativas são produzidas, são assimétricos, e por isso, os sujeitos não os compreendem da mesma maneira.

Assumimos assim, a individualidade dos sujeitos envolvidos no ambiente escolar. Essa singularidade é marcada pelos estudos atuais que analisam a especificidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Reconhecemos que a educação é uma prática social, onde professor e aluno, são vistos em suas singularidades, a partir de suas subjetividades e heterogeneidades.

Optamos por uma abordagem qualitativa por entendermos que as características metodológicas desse tipo de pesquisa são mais adequadas aos objetivos desta pesquisa, considerando os cinco aspectos básicos que configuram os estudos apresentados por Bogdan e Biklen (apud LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 11).

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Os estudos qualitativos pressupõem contato direto com o ambiente e a situação que está sendo investigada, visto que o contexto e as circunstâncias específicas em que um determinado objeto se insere são essenciais para a investigação. Esse aspecto responde às necessidades dessa pesquisa, pois para analisar a prática educativa com leitura dos professores

selecionados é necessária a observação no contexto em que ela se insere, ou seja, no espaço da sala de aula.

2. Os dados coletados são predominantemente descritivos (Op.cit., 1986, p.12). O material obtido nas pesquisas qualitativas é geralmente rico em descrições de pessoas, situações e acontecimentos e o pesquisador deve atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação investigada. Este trabalho utiliza a descrição como uma ferramenta essencial, expressa nas transcrições das entrevistas realizadas com os sujeitos participantes, nas informações coletadas sobre a escola e nas observações de campo.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto (Op.cit., 1986, p.12). nos estudos qualitativos, o pesquisador investiga o problema tal como ele se manifesta nas atividades, procedimentos e interações cotidianas, preocupando-se em retratar a complexidade que o envolve. Nesta pesquisa, buscamos estudar a relação perfil leitor e prática educativa com leitura da forma como ela se mostra no cotidiano da escola e da sala de aula, preocupando-nos com o emaranhado de aspectos e variáveis que circundam esse objeto de investigação. Além disso, interessa-me particularmente analisar como se desenvolve o processo de abordagem da leitura em sala de aula e não os seus resultados.
4. O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador (Op.cit., 1986, p.12). Há uma preocupação em considerar a perspectiva dos sujeitos participantes, isto é, a forma como vislumbram o tema em foco. Neste trabalho, para delinear o perfil leitor dos professores participantes, necessitamos dirigir nossa atenção para os diferentes significados presentes nos discursos e relatos, considerando que muitas das questões colocadas procuram compreender o lugar e o sentido da leitura na vida cotidiana dos sujeitos.
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (Op.cit., 1986, p.13). As buscas por evidências que comprovem hipóteses e as abstrações próprias do processo reflexivo se formam ou se consolidam a partir de dados coletados e durante os estudos; o pesquisador, a partir de focos de interesse mais amplos, vai afunilando as questões à medida que o estudo se desenvolve, tornando-as mais específicas. Na fase inicial

desta pesquisa as indagações eram múltiplas e, mesmo tendo determinado os objetivos da investigação e os focos de interesse, as reflexões advindas do estudo do problema é que me possibilitaram delinear com maior clareza os rumos do trabalho.

A metodologia utilizada, neste trabalho, baseou-se nas pesquisas que tratam sobre as histórias de vida especialmente sobre as narrativas, conforme Josso (2004). A possibilidade de entender o processo de formação da cultura leitora do professor e a sua influência na formação de alunos leitores nos encaminhou para a busca desse referencial. Assumimos essa postura, para que possamos compreender como a prática da leitura se faz presente nas vidas dos professores e da sua prática enquanto formadores de leitores.

Segundo Nóvoa (1995, p. 19), a sistematização de pesquisas que adotaram a abordagem das histórias de vida “nasceu no universo pedagógico, numa amálgama de vontades de produzir outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores”. Com diferentes objetivos e dimensões, essa abordagem integra estudos que investigam desde aspectos essencialmente teóricos sobre a formação docentes a estudos práticos e à emancipação dos sujeitos nela envolvidos, além da formação das identidades de professores.

Tomamos como fonte de investigação e objeto para análise as narrativas de 5 (cinco) professoras da Escola Municipal Henrique Castriciano, situada no bairro de Brasília Teimosa, Natal/RN. Serão destacadas, nessas narrativas, as práticas de leitura construídas pelas professoras ao longo de suas histórias de vida e da prática dessas como formadoras de leitores. Também foram analisadas entrevistas de alunos que estudaram na escola do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, buscando investigar como a cultura leitora dessas professoras são vistas por seus alunos na prática de formação de leitores de literatura. A partir das narrativas das professoras foi possível relacionar algumas questões acerca da leitura por parte das professoras e como essas questões interferem na prática de formação de alunos leitores: a relação das professoras com a leitura; a relação das professoras com a leitura literária; das concepções sobre o que é leitura e literatura; sobre a prática de formação de alunos leitores de literatura.

Como instrumento de pesquisa foi utilizada a entrevista do tipo semi-estruturada (GASKELL, 2002) com perguntas abertas, o que permitiu compreender detalhadamente as crenças, atitudes, valores e concepções dos sujeitos

entrevistados. Esse instrumento nos possibilitou o registro que pretendíamos que era fazer com que as professoras respondessem as perguntas baseadas nas suas experiências como professoras e leitoras; e que os alunos nos relatassem como está sendo o seu processo de formação como leitor dentro da instituição escolar. Sabemos que a situação de uma entrevista exige por parte do entrevistado um condicionamento, no sentido de condicionar o pensamento para a elaboração das respostas. Entretanto, durante a realização das entrevistas se procurou criar um clima confortável, evitando a tensão e permitindo assim a externalização das ideias por parte das professoras e dos alunos sem cobrança, até porque não podemos fazer julgamentos, e sim compreender os pontos de vistas e os porquês que levam aquele indivíduo a agir de determinada maneira.

A pesquisa por meio da entrevista de caráter qualitativo possibilitou a compreensão de como ocorreu a construção da cultura leitora das professoras, ou seja, entre os atores sociais, aqui no caso, as professoras e sua situação, como elas se constituíram leitoras (GASKELL, 2002), e como a cultura leitora dessas professoras está influenciando em suas práticas de formação de alunos leitores.

As linhas e as entrelinhas dessas entrevistas foram lidas a partir da Análise de Conteúdo, na percepção de Franco (2005), para que pudéssemos fazer a ligação entre os objetivos da pesquisa e seus resultados. Buscamos, assim, através dessas análises compreender a relação entre as experiências de leitura dos professores com sua prática pedagógica na formação de alunos leitores de literatura.

A análise de conteúdo requer que as descobertas tenham relevância teórica. Uma informação puramente descritiva não relacionada a outros atributos ou às características do emissor é de pequeno valor. Um dado sobre o conteúdo de uma mensagem deve, necessariamente, estar relacionado, no mínimo, a outro dado. O liame entre este tipo de relação deve ser representado por alguma forma de teoria. Assim, toda a análise de conteúdo, implica comparações contextuais. Os tipos de comparações podem ser multivariados. Mas, devem, obrigatoriamente, ser direcionados a partir da sensibilidade, da intencionalidade e da competência teórica do pesquisador (FRANCO, 2005, p. 16).

A sensibilidade, a flexibilidade e a abertura do pesquisador são características significativas na coleta e análise dos dados obtidos na pesquisa de campo qualitativa, pois permite a descoberta

de categorias e de formas de interpretação do objeto pesquisado. É o momento de fazer a mediação entre a teoria e a experiência vivida em campo, de dialogar com os referenciais de apoio e, então, rever princípios e procedimentos e fazer os ajustes necessários (ANDRÉ, 1995, p.47).

Assim sendo, acredita-se que por meio desses caminhos seja possível se compreender como as vivências pessoais e profissionais do professor interferem no seu papel e na sua prática de formador de leitores.

2.1. Locus da pesquisa

Para o desenvolvimento desta pesquisa, selecionamos uma escola pública do município de Natal/RN que tivesse alunos que tenham estudado nessa escola do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, e que seu corpo docente com ensino superior completo, realize um trabalho com o texto literário em sala de aula, estabelecendo uma prática sistemática de formação do leitor, no Ensino Fundamental.

A escolha pela Escola Municipal Henrique Castriciano ocorreu devido a uma experiência em sala de aula durante a pesquisa *O Ensino de Literatura: processos de andaimagem e argumentação para formar mediadores de leitores na escola fundamental (CNPq/PROPESQ – 2007)*, na qual, durante um semestre, uma vez na semana, substituía a professora em sala de aula para que a mesma fosse à universidade fazer estudos com o grupo de pesquisa. Mesmo com o contato breve, consegui me entrosar com funcionários e professores, que sempre deixaram a escola a minha disposição no que fosse preciso para os meus estudos.

Após a elaboração dos roteiros das entrevistas, fizemos o primeiro contato com a direção da escola para que pudéssemos explicar a nossa pesquisa, assim como para pedir autorização para a realização da pesquisa na escola. Em seguida, fizemos o contato com as professoras, com os mesmos objetivos, todos se mostraram abertos à experiência.

Durante nossas visitas à escola para a realização das entrevistas, podemos observar e colher alguns dados da escola. A Escola Municipal Henrique Castriciano fica situada na Rua Décio Fonseca, 663, Rocas, Natal-RN. Foi fundada no ano de 1960, precisamente nos anos de 1961 até 31 de março de 1964, na gestão de Djalma Maranhão, com a campanha “De pé no chão também se aprende a ler”. A

escola foi área piloto desse projeto. Passado algum tempo foi criado o Grupo Escolar Municipal Henrique Castriano sob o Decreto 801/66 na administração do prefeito Ernani Alves da Silveira, em 12 de abril de 1966. Essa data foi retroagida para 01 de março de 1966 através da Portaria nº 299/65, dez anos depois pelo secretário de Educação João Faustino Ferreira Neto em 24 de dezembro de 1976, quando passou a ser Escola Municipal Henrique Castriano.

Sobre a estrutura física da escola pudemos observar e considerar que a escola apresenta limitações. A escola consta de 8 salas de aula; biblioteca, que também funciona como sala de vídeo; laboratório de informática; secretaria; sala dos professores; sala da direção; cozinha; quadra de esportes; e parque. No período em que estivemos na escola, algumas alterações espaciais foram feitas, a secretaria e a sala dos professores foram realocadas, foram instalados tetos de PVC nas salas de aulas, essas melhorias foram feitas na tentativa de dar maiores e melhores condições de ensino-aprendizagem para alunos e professores.

Em relação aos recursos humanos a escola possui: 20 professores em sala de aula; 15 professores em desvio de função (direção, laboratório de informática, Projeto Mais Educação, biblioteca), sendo que 09 estão lotados na biblioteca; 02 coordenadoras; 25 funcionários nas funções administrativas e auxiliares de serviços gerais.

No ano de 2011, a escola ofereceu duas turmas da Educação Infantil, tanto no turno matutino como no turno vespertino. No Ensino Fundamental, tanto no turno matutino como no turno vespertino, foram oferecidas uma turma de cada ano (do 1º ao 5º ano) por turno.

Um problema que prejudica a paisagem sonora da escola é a localização da quadra de esportes e do parque. A quadra de esportes fica no meio da escola, vizinha às salas de aula. Como a quadra é utilizada para recreação e ensaios, quando ela é utilizada no período de aula, o silêncio fica bastante comprometido. Já o parque fica localizado atrás da biblioteca, o que torna impossível a leitura de algum livro ou texto, se o mesmo estiver sendo utilizado.

A biblioteca é um espaço barulhento, devido a grande circulação de pessoas ao seu redor, parque e secretaria, porém, pouco frequentado e utilizado por funcionários, alunos e professores para diferentes atividades. No mesmo espaço da biblioteca, funciona a sala de vídeo, é também utilizado para pequenas reuniões entre a coordenação e professores.

O espaço em que funciona a biblioteca é organizado, possui cadeiras e mesas adaptadas ao tamanho das crianças, possui pouca ventilação, mas tem ventiladores e é pouco iluminada. Não se sabe ao certo a quantidade de livro do acervo, mas estima-se um total de 500 livros, sendo eles didáticos e de literatura.

As funcionárias que atuam na biblioteca, nos dois turnos, matutino e vespertino, não têm formação em Biblioteconomia, são professoras que encontram-se afastadas da sala de aula por motivos de saúde, ou porque estão esperando a aposentadoria.

A escola participa do projeto Mais Educação, projeto do governo federal (MEC), cujo objetivo é a ampliação das possibilidades de aprendizagem dos alunos, no espaço escolar, com o auxílio de outros professores e de profissionais de outras áreas.

3. CAPÍTULO 1: Sobre a leitura e a literatura

3.1. A leitura

No percurso da história da leitura, em alguns momentos, ler significava pronunciar as letras em voz alta (MANGUEL, 1997). Estudos como o de Freire (2001) sobre leitura, reconhecem o ato de ler como uma atribuição voluntária que dá sentido à escrita; entendendo a leitura também como prática social. A leitura como prática social resulta de um processo de aprendizagem do ato de ler, sobre isso Manguel (1997, p. 85) afirma:

Ler em voz alta, ler em silêncio, ser capaz de carregar na mente bibliotecas íntimas de palavras lembradas são aptidões espantosas que adquirimos por meios incertos. Todavia, antes que essas aptidões possam ser adquiridas, o leitor precisa aprender a capacidade básica de reconhecer os signos comuns pelos quais uma sociedade escolheu comunicar-se: em outras palavras, o leitor precisa aprender a ler.

“A leitura é um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida. Fragmentado e ao mesmo tempo constante como nossas experiências de confronto com nós mesmos” (MARTINS, 1994, p. 11). De acordo com Martins (1994), lemos tudo que está a nossa volta, seres, objetos, gestos, imagens, o tempo, o olhar do outro. Ou seja, o ato de ler é mais do que decifrar códigos escritos. É também compreender o mundo dependendo do interesse, interação e necessidade do leitor em determinado momento. Assim como, suas experiências de vida e expectativas, será capaz de atribuir às suas leituras, diversos significados.

Para Freire (2001), lemos primeiro o mundo, depois lemos as palavras e as relacionamos com nossas vivências propiciadas por textos que lemos anteriormente, ou seja, a leitura é um processo que vivenciamos diariamente. Nossas próprias leituras são criadas e recriadas quando as relacionamos com aquilo que podemos perceber em nosso contexto familiar, social e escolar.

Martins (1994) destaca ainda duas concepções de leitura. Na primeira concepção defende que ler é decodificar os signos linguísticos, através de

aprendizado pelo mecanismo estímulo-resposta, da perspectiva behaviorista-skinneriana de ensino (MARTINS, 1994). A segunda afirma que a leitura é:

[...] um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos, baseando-se numa perspectiva cognitiva sociológica (MARTINS, 1994, p. 31).

Para vislumbrar no texto as emoções, sentimentos e memórias a serem resgatadas, o leitor precisa se envolver com a leitura, e a partir desse envolvimento, o leitor passa a desenvolver autonomia para que se torne sujeito de sua leitura.

A leitura é uma atividade com finalidade, por isso, Martins (1994) classifica a leitura em três níveis básicos: leitura sensorial, leitura emocional e leitura racional. Os níveis correspondem às etapas do processo de aproximação do leitor com o objeto lido, eles se inter-relacionam e ocorrem simultaneamente.

Para Martins (1994) a leitura sensorial ocorre durante toda a sua vida do leitor, é uma leitura permeada de aspectos lúdicos, apresenta-se através de cores, imagens, sons e cheiros, da experimentação do leitor com o livro, com o objeto proporcionando o prazer. Oportuniza ao leitor conhecer o que ele gosta mesmo inconscientemente. Nessa leitura, o texto se constitui como um objeto com características como: forma, cor, cheiro, espessura, textura que chamam a atenção do leitor e deixam marcas que ficam registradas em seu pensamento.

A leitura emocional promove uma participação afetiva, numa realidade fora de nós e num envolvimento de emoções, que nós leitores nos permitimos vivenciar. “Na leitura emocional emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentais por outro” (MARTINS, 1994, p. 51).

Ainda segundo a mesma autora, a leitura racional proporciona ao leitor conhecer o texto mais profundamente sem apenas senti-lo. É uma leitura reflexiva, dialética na qual se estabelece um diálogo entre a realidade do texto e a realidade do leitor. Ocasiona inter-relação entre as emoções, as experiências e os objetivos que o leitor busca através do texto. “O distanciamento crítico, característico da leitura racional sem dúvida induz a disposição sensorial e o envolvimento emocional a cederem espaço à prontidão para o questionamento” (MARTINS, 1994, p. 70).

Desse modo entendemos que quanto maior for a experiência de vida do leitor, quanto maior for o seu nível de maturidade, maior será sua possibilidade de compreensão e interação com o texto.

Smith (2003) analisando a leitura e o ato de aprender a ler na perspectivas da psicolinguística, afirma “A leitura sempre envolve fazer perguntas a um texto e a compreensão segue-se à extensão até onde estas questões foram respondidas” (p. 75). Assim, entender a leitura como compreensão é a possibilidade que se tem de se relacionar o que quer que estejamos observando no mundo a nossa volta, ao conhecimento, intenções e expectativas que se possui, ou seja, relacionar o externo, o mundo, com o interno, teoria de mundo (SMITH, 2003).

[...] a leitura é um ato que precede e não decorre da escrita; ao contrário do que se supõe, ela é antes uma antecipação da escrita, pois para escrever o mundo é necessário que ele tenha sido lido (YUNES, 2003, p. 41).

A leitura, por isso, passou, a ser entendida como uma experiência (YUNES, 2003). A leitura torna-se experiência não somente quando em interação com a palavra escrita, mas também quando se relaciona com imagens e momentos, quando o leitor deixa ser tocado e consegue construir sentidos com o que está antes e depois da leitura. Além de que, entender o ato de ler como experiência é:

desfazer a certeza dura e vacilar com a confiança de que se perdendo há mais a encontrar: a linguagem não se esgota no sentido atribuído historicamente, suspenso sobre seu uso cotidiano. [...] As palavras vivem *entre* os homens e a ninguém pertencem com exclusividade. Se as palavras dependem de quem as diz para terem este ou aquele sentido, é importante conhecer o sujeito que as controla, escolhe, usa. Do mesmo modo, quem lê o faz com toda a sua carga pessoal de vida e experiência, consciente ou não dela, e atribui ao lido as marcas pessoais de memória, intelectual e emocional (YUNES, 2003, p. 10).

Vygotsky (1998) e Smith (2003), afirmam que a concepção de leitura enquanto interação é uma construção do leitor que surge a partir de seus conhecimentos prévios, de suas experiências, de seus objetivos e de sua ação sobre a linguagem escrita.

A leitura também é considerada um mecanismo por meio do qual se internalizam, além do registro padrão da língua, estruturas linguísticas mais complexas, desenvolvendo de modo globalizado o desempenho linguístico do falante.

Outro aspecto que precisa ser entendido no ato de ler é a relação pensamento – linguagem que possui caráter histórico e complexo, e já originou varias discussões entre linguistas, pedagogos e psicólogos. Dentre eles, Vygotsky (1991, p. 44), para quem:

(...) as estruturas da fala dominadas pela criança tornam-se estruturas básicas de seu pensamento. Isto nos leva a outro fato inquestionável e de grande importância: o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos elementos linguísticos do pensamento e pela experiência sócio-cultural da criança. Basicamente, o desenvolvimento da fala interior depende de fatores externos: o desenvolvimento da lógica na criança, como os estudos de Piaget demonstram, é uma função direta de sua fala socializada.

A unidade do pensamento verbal está no aspecto interno da palavra, em seu significado. É através do significado que o pensamento e a fala se unem e constitui o pensamento verbal. Sobre isso, Vygotsky (1991, p. 132) afirma:

o pensamento e a linguagem, refletem a realidade de uma forma diferente daquela da percepção, são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo.

Segundo Smith (2003), a leitura não se gera dissociada do pensamento. E sendo a leitura um processo que exige o envolvimento das funções psicológicas superiores, não pode ser trabalhada como um ato mecânico. O autor ressalta que: a leitura é fazer perguntas ao texto escrito. E a leitura com compreensão se torna uma questão de obter respostas para as perguntas feitas “obter resposta para as suas perguntas” (SMITH, 2003, p. 107).

Jouve entende que “ler é, anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos” (2002, p.

17). Assim, podemos caracterizar a leitura como uma atividade complexa que utiliza faculdades mentais superiores, os sentidos e valores culturais internalizados através das interações sociais.

A linguagem sendo compreendida como um lugar de interação humana e social pode ser pensada não como um conjunto de códigos e normas irrevogáveis, mas como uma construção social e sempre em curso.

A leitura não é um ato solitário, nem um monólogo, pois, ao ler o leitor, interage com o autor e com leitores virtuais criados pelo autor. Supõe também a decodificação de sinais e propõe a imersão no contexto social da linguagem e da aprendizagem, através da compreensão do discurso de outrem, tanto o autor como o leitor, possuem suas respectivas histórias de leitura relacionadas às do texto, sendo responsáveis pela construção de significados de, com e sobre a linguagem.

A leitura, por isso, passou, paradoxalmente, a ser um precioso instrumento de reaproximação à vida, pelo qual o deslocamento de horizonte provocado pelo texto, pela interação que mobiliza o sujeito do desejo, ressitua o leitor e faz com que ele possa atualizar o texto no ângulo da sua historicidade, da sua experiência, dando-lhe também vida nova (YUNES, 2003, p. 11).

Nessa concepção, o leitor vai além do texto, a partir do diálogo com o objeto lido. Na leitura, o leitor deixa de ser um mero decodificador ou receptor passivo e assume um papel atuante. Segundo Yunes (2003, p. 12), “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado”. A interação leitor-texto para Iser (2002) é como um jogo:

Os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo. O próprio texto é o resultado de um ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém em um mundo existente, mas, conquanto o ato seja intencional, visa a algo que ainda não é acessível à consciência. Assim o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo. Essa dupla operação de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de vislumbrar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações (ISER, 2002, p. 107).

Eco (1994, p. 34) aponta que, o texto é antes de tudo “uma máquina preguiçosa que espera muita colaboração da parte do leitor”. O texto literário solicita constantemente ao leitor o preenchimento de lacunas, pois como o próprio Eco relembra, o texto literário é um bosque com diversos caminhos chamando o leitor para percorrê-los. As lacunas são indicadores dos segmentos dos textos, que ao serem conectados constituirão o sentido da obra. Segundo Iser (2002), a conectividade entre as lacunas do texto, interrompida pelos vazios, determina um número de possibilidades indefinidas de leitura e, de acordo com a combinação dos esquemas, exige decisão do leitor. As conexões dos textos são combinadas pelo receptor através de seu repertório de leitura. Esse mesmo teórico acrescenta que os vazios do texto tanto serão preenchidos pelo repertório do leitor como pela sua estratégia de leitura.

O ato da leitura é um processo que requer a ativação por parte do leitor de seus conhecimentos anteriores. Os esquemas textuais dialogam com diferentes culturas, advindas de textos de outros autores. Sendo assim, o leitor também precisa relacionar o texto que está lendo com outros textos, outros discursos. É nesse percurso de conexão do texto que está sendo lido com outros, juntamente com o repertório de vida e leitura, que o leitor dá significação ao texto.

E para que uma leitura seja significativa é preciso que haja a compreensão do texto (SMITH, 2003). Ao afirmar isso, o autor se refere a todos os tipos de textos, informativo ou literário, ficcional ou não-ficcional. Ao realizar uma leitura significativa, o leitor consegue fazer previsões através da linguagem, das funções e características do gênero textual lido, o que leva a compreensão. Assim, como o texto oferece pistas, apresenta-se com convenções implícitas e ou explícitas que norteiam o percurso que o leitor deve fazer. Além disso, aprender sobre as convenções do texto facilita na compreensão da leitura, já que oferece indícios para que o leitor se aproxime e se aproprie da mesma.

Nesse sentido, concordamos com Solé (1998, p. 18) quando diz que:

Poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada.

Sendo o indivíduo capaz de ler e interpretar o mundo, iniciar-se na leitura das palavras não deveria ser uma tarefa complexa, e sim um processo agradável, no qual o leitor concretiza com as letras, as imagens do seu pensamento. A aprendizagem da leitura acontece apesar de nós mesmos e, certamente, apesar das instruções específicas [...]. (SMITH, 2003, p. 89).

Foucambert (1994, p. 5) conceitua a leitura como um processo que resulta na ação crítica do sujeito no mundo, pois segundo ele, através da leitura conseguimos explorar o texto na busca de respostas:

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se sabe.

Kramer (2010, p. 114) assume a leitura como experiência:

A leitura pode ser fruição, divertimento, prática que informa, comunica, avisa. Não pretendo uma definição exclusiva nem proponho que toda leitura ou escrita deva ser experiência, tampouco que se não for experiência não é leitura nem escrita. É preciso instrumentalizar, tal como é preciso divertir-se, envolver-se, praticar. Entretanto, entendo que para se constituir como formadoras a leitura e a escrita precisam se concretizar como experiência. Focalizemos a leitura: está ela sendo praticada como passatempo ou como algo que passa para além de seu tempo de realização, do tempo vivido? É a segunda forma de leitura que me interessa (Kramer, 1995): a narrativa – o relato para o outro torna a vivência uma experiência. O leitor leva rastros do vivido no momento da leitura para depois ou para fora do momento imediato; isso torna a leitura uma experiência. Sendo mediata ou mediadora, a leitura levada pelo sujeito além do dado imediato permite pensar, ser crítico, relacionar o antes e o depois, entender a história, ser parte dela, continuá-la, modificá-la.

Entendemos que quando a leitura é compreendida como mecanismo de interação humana e social, constitui a si e ao sujeito um trabalho – no sentido de transformação, social e contínuo. Dessa forma, é importante valorizar o sujeito, no sentido de que seus conhecimentos prévios e de linguagem devem ser vistos como contribuição para futuras leituras.

Para tanto, a leitura precisa ser vista como um ato de imersão no contexto social da linguagem e também da aprendizagem, que se dá através da interação com o outro.

3.2. A leitura na infância

Podemos considerar que o leitor do texto impresso, tal como conhecemos, é recente e surge na Europa, no século XVIII, quando a impressão dos livros de modo artesanal passa para o empresarial, possibilitando uma maior quantidade de livros e com isso, maior acesso também. Essa expansão que surge na produção dos livros se desdobra também na expansão do próprio ato da leitura, tanto na Europa quanto no Brasil, passando a ser valorizada socialmente.

A família enquanto instituição passa a ser imprescindível ao novo modelo de Estado vigente: o Estado burguês. Sendo, considerada uma miniatura da sociedade, a família como espaço privado de vivência, começa a intensificar o gosto pela leitura. O gosto pela leitura se constitui em atividade adequada a esse contexto de privacidade doméstica.

A formação do leitor inicia-se no seio da família e se processa em longo prazo, incorporando diversos mediadores como: bibliotecários, professores, amigos.

Assim, a família deve reconhecer seu papel de orientadora e de construtora da identidade de um indivíduo promovendo o ato de ler para que, ao ser incorporado nas mediações domésticas, seja construído o gosto pela leitura.

A sociedade construiu e continua construindo valores ao longo de sua história, valores morais, sociais, éticos, dentre outros tendo a família como espaço de reprodução primeira. Um desses valores que é a formação do gosto pela leitura através da família que é passada através de práticas junto às crianças e através do exemplo.

Há algum tempo psicólogos vêm discorrendo sobre a importância da criação de um vínculo mais forte entre pais e filhos, e que uma das formas de se fortalecer esses laços, seja através de atividades prazerosas, como é o caso da leitura.

Os pais podem incentivar a prática da leitura contando histórias para os filhos dormirem, presenteando as crianças com livros, incentivando os filhos a contarem histórias em casa, assim haverá sempre uma troca de conhecimentos e cria-se um

estímulo para que as crianças, adolescentes e jovens tenham realmente prazer pela leitura, pois não adianta as crianças crescerem ao redor de livros e odiarem a leitura.

Se as crianças são educadas em um ambiente onde a leitura é privilegiada pelos pais, possivelmente teremos mais adiante um leitor que continuará a ter gosto pela leitura. Porém, se nos deparamos com pais e familiares que não apreciam a leitura, é necessário encontrar outras possibilidades para desenvolver o gosto pela leitura nas crianças.

A familiaridade com os signos advêm primeiro das relações estabelecidas nessa *comunidade de leitores*, a família. O termo *comunidades de leitores*, utilizado por Chartier (1999) exemplifica várias dessas comunidades: espirituais, intelectuais, profissionais, família, etc.

A família pela própria formação e pelos laços que a unem, não são laços apenas sanguíneos, mas afetivos proporciona um espaço para a livre troca de experiências e aprendizagem. Proporcionando oportunidades de interação entre o livro e o leitor, a família concebe a leitura como um valor social já mencionado anteriormente, que determinará a caminhada literária desse leitor.

3.3. A leitura na escola

As constantes críticas a respeito da dificuldade de se construir o gosto pela leitura nos leva a refletir sobre como se constitui a atividade pedagógica da leitura nas escolas. A apropriação dos saberes sociais pela escola tem sido muito estudada após a decadência dos velhos paradigmas modernos, cuja ênfase era nos saberes conceituais e declarativos, muitas são as contestações, principalmente em função da inclusão de conteúdos que agreguem maior complexidade e sentido às aprendizagem, que contemplem o fazer, o sentir e o pensar.

Especificamente no campo da leitura literária é que essa questão ganha maiores dimensões, mobilizando as várias instâncias da escola, principalmente o professor, sendo esse o responsável direto pela apropriação na escola de uma prática de leitura efetiva. Sabemos também que a leitura no sentido de apropriação da cultura literária é um processo que se inicia através do acesso à escrita; porém para se constituir um leitor, aqui especificamente, de literatura, é preciso um trabalho pedagógico contínuo e diário da prática da leitura literária.

Há uma enorme discussão entre estudiosos para entender a questão da leitura de literatura na escola. Essa discussão passa por aspectos como a conceituação, concepção de leitor, ligação entre a literatura e a escola, o caráter literário das obras. E quando falamos de leitura literária na escola nos vem logo a mente duas peças chaves, o professor e o aluno, aliás três, professor, aluno e biblioteca, não que os outros representantes escolares não sejam responsáveis pelo processo de construção do gosto pela leitura, mas esses, são os atores principais.

Um longo processo histórico marca a dicotomização entre literatura e escola, e também entre o estético e o pedagógico. A oposição que se faz entre a intervenção pedagógica e a emergência pelo gosto da leitura é um grande dilema da educação. A escola se constitui como um importante agente de letramento literário, para muitos, o único, que apesar das diferentes maneiras didáticas de trabalhar, nunca deixou de lado a literatura, entendendo como um saber social capaz de proporcionar prazeres múltiplos ao leitor.

O trabalho com a leitura na escola exige do mediador atividades de leitura orientadas pelo gosto, pelo prazer de atribuir sentido ao texto, deixando-se vivenciar o encantamento da descoberta dos muitos sentidos, oportunizando a construção de conhecimento. Para que o professor desenvolva em seus alunos o interesse pela leitura, ele precisa lhes oportunizar o contato permanente com práticas significativas de leitura.

O professor mediador de leitura deve proporcionar situações lúdicas e interativas com o texto literário. As crianças precisam lê-lo, manuseá-lo, comentá-lo e ressignificá-lo através da pintura, desenho, recontação, para que gradativamente se torne um leitor no âmbito individual, sendo necessário fazer a discriminação eu *versus* mundo, pela estruturação de sua personalidade e pela conscientização do processo de internalização por que passa (AGUIAR, 2001).

Cabe ao professor, como mediador e articulador, relacionar-se com a comunidade escolar para realizar uma prática educativa de formação de leitores. Farias (2007) afirma que as atitudes, gestos ou expressões, afetam substancialmente as relações que permeiam a interação de professores e pais, professores e representantes da administração escolar e entre eles próprios.

Compreendemos que as práticas de leitura são sociais e, por isso, variam em diversos contextos, assim como o tipo de leitor em diferentes momentos históricos, bem como a participação pedagógica na formação desses leitores.

Ao nos referirmos à prática da leitura de textos ficcionais na sala de aula, observamos que muitos professores simplesmente reproduzem a concepção de ensino de leitura pelo qual passaram. É uma leitura compromissada somente com a avaliação (realizada muitas vezes através das fichas de leitura e exercícios gramaticais), sem estímulo e sem prazer. Leituras obrigatórias. Assim, os textos ficcionais perdem sua característica de gratuidade e sedução.

A escola frequentemente tem propiciado aos aprendizes o contato com livros importantes de literatura, mas esse contato tem acontecido, como já citado anteriormente, de maneira equivocada, sem aproveitar as potencialidades dos textos. Acredito que esse tipo de prática prejudica ainda mais o caminho a ser trilhado na construção do gosto pela leitura de textos ficcionais.

O trabalho realizado com a literatura em sala de aula deve tornar uma prática constante no cotidiano escolar dos alunos, pelos diversos motivos já apontados anteriormente, mas principalmente pela ampliação do conhecimento de mundo e pelo prazer que a leitura proporciona. Para que isso venha a ocorrer, é necessário que a literatura seja trabalhada de igual para igual aos outros tipos textuais, assim, aos poucos, é possível que o aluno se torne um leitor eficiente.

Os primeiros livros literários direcionados para as crianças surgem no final do século XVIII (ZILBERMAN, 2003), com função utilitário-pedagógica e, por isso, foram sempre considerados uma literatura menor. O objetivo da produção literária para crianças era de ensinar valores, ajudar a enfrentar a realidade social e a apropriação de hábitos do mundo adulto, permeados de caráter didático e moral.

Entretanto, para pensar a literatura para crianças é necessário pensar no seu receptor: a criança. Até o século XVIII as crianças viviam como adultos, “adultos em miniatura”, não existia um mundo infantil, não havia uma visão diferenciada para as crianças. E portanto, não se escrevia para as crianças.

Foi a partir da Idade Moderna que a criança passou a ser vista como um indivíduo que precisa de atenção especial. O adulto passa a idealizar a infância e assim, a valorizar a criança. A criança é aquele ser inocente e dependente do adulto. Ainda hoje alguns livros trazem essa concepção de criança, de inocência e de falta de domínio da realidade.

Hoje, outra concepção de infância tem sido defendida; a criança agora é vista como um indivíduo que tem medos, dúvidas, contradições, conflitos, não no sentido de desconhecer a realidade, mas por projetar em si a imagem do adulto.

No Brasil, a literatura para crianças chegou no final do século XIX, em torno de 1900, mas ela ainda se apresenta com as características encontradas na Europa (AMARILHA, 1997, p. 46).

A relação entre a literatura e a escola é forte desde o início até hoje. Estudiosos de diferentes vertentes da prática pedagógica defendem o livro na sala de aula, hoje o objetivo não é mais transmitir os valores da sociedade e, sim, propiciar uma nova visão da realidade. Além de estimular e desenvolver a capacidade de pensar do indivíduo. Entretanto, esse objetivo é o que propõem os teóricos, na prática não é muito bem o que acontece. Para isso, é necessária uma mudança de atitude perante a escola. Mudança essa que requer um grande compromisso, devolver, ou melhor, dar direito de voz ao aluno.

Estudos apresentados por Chartier (2001) contribuíram para entender como acontece a leitura nos diferentes contextos históricos e sociais. Esse mesmo autor afirma que a forma de apropriação da leitura literária se desencadeia a partir das relações que se estabelecem com a leitura na concepção de um determinado contexto social.

Entretanto, a escola, como instituição responsável pelo desenvolvimento cognitivo, social e emocional do indivíduo está agindo sobre o conhecimento e a prática da leitura de forma a promover a perda de significado em relação às práticas sociais nas quais ele está inserido.

A leitura literária assim, como outros ramos do conhecimento também está sob o impacto do processo, de escolarização. Esse fato abre espaço para pensarmos como as diversas formas de organização do ensino, em função das concepções de aprendizagem e de sujeito, determinam os modos de escolarização da leitura literária.

Essa questão se aprofunda com Magda Soares (1999), que ao discutir o ensino da literatura infanto-juvenil, afirma que a escolarização é um processo inevitável, por considerar a escola como a instituição dos saberes escolares, porém, se faz necessário uma escolarização adequada da literatura. Vale salientar que para termos uma escola se faz necessário a escolarização de saberes e conhecimentos, como lembra a mesma autora. A formação e constituição de uma instituição de ensino estão diretamente atreladas a saberes escolares presentes nos currículos, disciplinas, materiais, planejamentos, metodologias, sendo esses responsáveis pela criação de um espaço e de um tempo para uma aprendizagem significativa.

Para Soares (1999), a escola é uma instituição na qual a relação entre as tarefas e as ações se dá em torno de processos formalizados de ensino, ou melhor, o trabalho acontece a partir de um tratamento peculiar dos saberes pela seleção, e em consequência disso, a exclusão, de conteúdos através da forma de ensinar e de aprender esses conteúdos. É esse o processo que a autora assinala como sendo de escolarização do processo que a institui e constitui. Diante dessa perspectiva, é inevitável que a literatura, ao se tornar um saber escolar se escolarize, isso significaria negar a própria instituição (SOARES, 1999, p. 21).

Todavia, é preciso salientar que a autora, ao analisar o ensino de literatura, não está condenando a escolarização desse conhecimento, ela critica a maneira com que esse ensino tem se realizado no dia-a-dia das escolas. Quando essa escolarização se dá de forma inadequada, acontece uma distorção da leitura literária, o texto literário perde seu potencial, a sua exploração fica apenas em definições e classificações que pouco contribuem para a formação de leitores de literatura, muitas vezes, acontece o contrário, o leitor cria uma resistência a aquele tipo de leitura.

Considerando-se que a literatura é uma forma de discurso que abarca a representação do homem e da linguagem, entende-se que a contribuição da literatura para a formação de leitores é de fundamental importância, já que a literatura fornece sentido à vida e esse é talvez um dos maiores anseios do homem. E essa função da literatura é uma maneira de sustentar o desejo pela leitura.

Embora a escola, ainda não tenha consciência da sua importância, estudar e averiguar as relações que os alunos estabelecem com a leitura de literatura é uma maneira de demonstrar sua relevância. Na pesquisa realizada por Amarilha (1994) intitulada *O Ensino de Literatura na Escola: as respostas do aprendiz* (CNPq 1994), ao serem questionadas “Onde você lê histórias?”, 68,55% das crianças da 1ª série, disseram que o lugar onde têm acesso à literatura é em casa. Isso é um aspecto positivo, “pois mostra que, mesmo com o advento da escolarização, as crianças continuam a ter no lar o ambiente mais estimulador e o mais frequente para lerem suas histórias”, explica Amarilha (1994, p. 45).

Nessa mesma pesquisa, verificou-se que o conhecimento e o contato que as crianças têm com narrativas, se dá informalmente, portanto, de maneira não-escolarizada. As respostas dadas pelas crianças apontaram o pouco domínio do conceito de literatura evidenciando a lacuna na formação escolar. Da mesma forma,

foi constatado que o conceito de literatura também é assimilado de maneira confusa por parte dos professores. Esses dados resultam no que, Amarilha (1994, p. 46), constatou que “a presença assistemática e irregular da literatura na escola, repercute diretamente na formação do aluno” em decorrência do vazio na formação de professores e da atração planejada da escola.

Entendemos a prática da leitura de diversidade de textos na sala de aula deve ser preocupação do professor, procurar oferecer aos alunos os mais variados tipos de texto, com a intenção de que os alunos conheçam vários discursos e diferentes formas de utilização da palavra. Mas, o texto literário além de proporcionar o desenvolvimento do raciocínio lógico da criança, como em outros gêneros textuais, apresenta uma característica específica.

Zilberman (2003, p. 16) afirma que uma sala de aula tem todas as condições para se tornar “um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor para o intercâmbio da cultura literária”.

O Ministério da Educação e Cultura em documento sobre Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p. 55) faz a seguinte orientação em se tratando da literatura:

Estamos entendendo por experiência literária o contato efetivo com o texto. Só assim será possível experimentar a sensação de estranhamento que a elaboração peculiar do texto literário, pelo uso incomum de linguagem, consegue produzir no leitor, o qual, por sua vez, estimulado, contribui com sua própria visão de mundo para a fruição estética. A experiência construída a partir dessa troca de significados possibilita, pois, a ampliação de horizontes, o questionamento do já dado, o encontro da sensibilidade, a reflexão, enfim, um tipo de conhecimento diferente do científico, já que objetivamente não pode ser medido. O prazer estético é, então, compreendido aqui como conhecimento, participação, fruição. Desse modo, explica-se a razão do prazer estético mesmo diante de um texto que nos cause profunda tristeza ou horror”.

Entretanto, o que encontramos nas salas de aulas de nossas escolas, seja em qual nível de ensino for, é uma desconexão, entre o que está nos documentos oficiais e o que está sendo realizado na prática.

Infelizmente, na maior parte das escolas há o predomínio da leitura didatizada, ou seja, a leitura deve ser realizada a partir de um propósito dado pelo professor, e uma leitura que deve entender o que se acha que há para ser

entendido, sem nenhuma outra interpretação além daquela orientada pelo esquema de estudo do texto, sem nenhum desafio ou apropriação da obra por parte do leitor.

A escola precisa ser consciente do seu papel para o desenvolvimento e formação de leitores de literatura. É de competência da escola ensinar a ler literatura e de formar leitores que gostem de ler literatura, pois só assim será possível se constituir uma sociedade capaz de contextualizar, criticar, problematizar situações apresentadas nas leituras, mas principalmente formando leitores que entendem o verdadeiro significado do ato de ler.

Se a afirmativa de que a literatura favorece à aquisição de conhecimentos e saberes relacionados à vida do homem, assim como, aprimora a capacidade de pensar e sentir, como já citado anteriormente, está difundida no meio pedagógico, então, por que ainda encontramos grandes lacunas quanto à presença da literatura nas salas de aulas de nossas escolas?

Acredito que isso seria outra discussão, para outro trabalho, precisaríamos analisar uma série de fatores, o que não é nosso foco, no momento. Porém, sem dúvida alguma dos fatores dessa lacuna é o professor-leitor, ou seja, acreditamos que para se ter um trabalho efetivo de leitura em uma sala de aula, o responsável, o professor, precisa ter uma formação leitora sólida, consistente, pois só assim, ele poderá testemunhar o quão valioso é a prática da leitura literária.

O descompromisso político e pedagógico de todo o sistema educativo com relação à leitura literária é preocupante, já que ainda nos dias atuais, para muitos, a escola é o único espaço em que se tem acesso à literatura, e como se pode constatar na realidade de nossas escolas, geralmente esse acesso acontece através do livro didático, com adaptações ou recortes de textos literários, ou na biblioteca – quando existe na escola, além de que, em grande parte das escolas que tem biblioteca, o contato do aluno com o livro é limitado.

Apesar de todo o descompromisso acreditamos que seja possível sim, trabalhar-se com a leitura literária na escola, desde que o objetivo principal vise à formação de leitores que gostem de ler literatura. E essa formação perpassar pela formação do professor.

Pesquisas realizadas por Ramalho, Nuñez e Gauthier (2004) afirmam que as origens sociais, as vivências e interações com o mundo, ao longo da vida, influenciam os profissionais da educação na escolha da profissão, na formação da sua auto-imagem e na maneira como se relacionam com a leitura. Podemos

acrescentar que, então, as experiências de leitura também compõem esse elenco de influências. Assim como suas vivências escolares como aluno traz em sérias implicações à sua prática pedagógica, à construção de saberes, de competências e de sua identidade profissional.

Nessa lógica, é primordial analisar os fatores que permeiam a formação de leitores, para a partir daí refletir sobre a prática pedagógica relacionada à leitura. A reflexão como atitude profissional do professor nos permite vê-lo como alguém que tem sua história, suas necessidades, interesses e limitações no decorrer da sua prática (Ramalho, Nuñez e Gauthier 2004, p. 23).

A forma como o professor irá conduzir a ação pedagógica e sua relação com a leitura sofrerá influência das lembranças de suas histórias escolares, esse é um aspecto que passa do pessoal para o profissional, tornando-se referência.

Estamos falando da relação professor leitor – aluno leitor, e nesse ponto, a competência de formar o leitor, primordialmente depende do professor. Então, a dificuldade que o professor terá em formar esse leitor, não será de nenhum outro membro da escola que não seja ele, já que ele só irá desenvolver a habilidade leitora em seus alunos se ele próprio possuir essa habilidade.

3.4. A leitura na vida adulta

A leitura é uma das maneiras que o homem tem de se sociabilizar com os outros. Possibilita o acúmulo de conhecimentos à medida que seu repertório de leitura aumenta. O contato do homem com o livro deve começar desde cedo, de modo agradável e gradual. Os livros precisam caminhar com o homem à medida em que ele cresce.

Quando criança os livros de contos, fábulas trazem-na a um mundo imaginário onde ela se sente confortável, onde não precisa conhecer a realidade do mundo que a cerca. Com o passar dos anos, a leitura começa a mudar de acordo com as necessidades de determinada época da vida. A adolescência, geralmente, é um momento em que surgem várias indagações, e o jovem procura respostas nos textos. São várias as opções de leituras oferecidas, são histórias em quadrinhos, romances, crônicas, poesias, aventuras.

Na idade adulta, as responsabilidades aumentam e surgem as preocupações com o futuro, novamente, as práticas de leitura, podemos dizer, mudam de foco. A

preocupação agora é com leituras relativas à formação profissional do indivíduo, o que não significa ou tem que significar o não interesse e a não prática de leitura de outros gêneros. É comum escutarmos que na vida adulta a principal desculpa para não ler é a “falta de tempo”, como teremos a oportunidade de verificar nas entrevistas feitas para esta pesquisa. A vida profissional que cada dia exige mais profissionalismo e formação, a sociedade que exige outras formas de comunicação – redes sociais, os meios de comunicação que estão cada vez mais sofisticados, e que para muitas pessoas são mais atrativas que a leitura tornam-se empecilhos para a frequência aos textos literários.

Mais do que a possibilidade de se “desligar” do mundo real e embarcar no enredo de um bom livro, é necessário dar ao adulto a dimensão de que ler é uma experiência múltipla: é uma atividade que pode envolver qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda, a própria vida do ser humano. Na realidade, é um dos principais instrumentos que permite ao ser humano situar-se com os outros. Através da leitura os adultos podem usufruir, em meio ao corre-corre do dia a dia, de momentos só seus, com o ritmo que cada um quiser impor, mais lento ou mais rápido, de acordo com a situação.

A condição de leitor está sempre em aberto, pois o leitor nunca está formado, é um processo contínuo, constante, marcado por vários tipos de leituras, interesses, situações, sendo assim, é fundamental que o adulto tenha contato diário com a leitura, para que essa prática torne-se efetiva e perdure por toda a sua vida.

3.5. A leitura literária

Refletir sobre o tema da leitura implica na análise de diversos fatores. É interessante como surgem várias perguntas quando nos deparamos com a palavra leitura. Logo nos interrogamos: leitura de quê?; leitura de imagens, palavras, gestos?; de texto informativo, piada, poesia, narrativa, artigo?; quem escreveu? de que se trata?; que personagens aparecerão? É real ou é ficção?. Neste trabalho, optamos pela abordagem da leitura literária, uma vez que entendemos que através desta, o leitor é apresentado com experiências enriquecedoras e prazerosas que perpassam pelos conflitos da vida real e o encaminham para um mundo ficcional, no qual seus sentimentos são vivenciados com intensidade.

Na tentativa de entender o que é um texto literário, surgem as seguintes perguntas:

O que é literatura?

Qual a diferença entre um texto literário e um texto não-literário?

E em meio a algumas leituras, surgiram diversos conceitos, uns bem diretos, outros um tanto quanto confusos, ou até mesmo incoerentes. Entretanto, conseguimos conceituar o texto literário como um texto capaz de provocar no leitor um envolvimento, permeado pela linguagem lúdica e simbólica que promove o jogo de máscaras, no qual o autor cria usando as palavras e não tem o objetivo de transmitir informações, mas sim possibilita uma experiência estética, com sentido. Nesse tipo de texto, o leitor precisa relacionar a trama, as personagens, seus conhecimentos prévios, fazendo interpretações que não estão explícitas no texto. É através da sua imaginação, que o leitor dará sentido às palavras, especulando sobre as entrelinhas.

A palavra literatura vem do latim *“littera”* que significa letras, e nesta mesma língua, a literatura é vista como um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem; é relacionada com a gramática, a retórica e a poética. Etimologicamente, literatura quer dizer a arte da criação de trabalhos artísticos em prosa ou verso, referentes à ciência que estuda as produções artísticas escritas, além do conjunto de trabalhos que pautam um determinado assunto (LAJOLO, 1982, p. 29).

A literatura é uma pintura, pois trata de uma atividade mental que produz imagens mentais. É também por excelência, a arte da palavra; só lhe damos sentido quando conseguimos construir imagem mental, que se elabora como um quadro até que chegue a construir um todo. Ainda sobre a conceituação de literatura como arte, Danziger e Johnson (1974, p. 11-12), afirmam que:

Talvez a maneira mais antiga e mais venerável de se descrever a literatura como arte seja considerá-la uma forma de imitação. Isto define a literatura em relação à vida, encarando-a como um meio de reproduzir ou recriar em palavras as experiências da vida, tal como a pintura reproduz ou recria certas figuras ou cenas da vida em contornos e cores.

Quanto ao caráter comunicativo da literatura, este está diretamente relacionado ao momento em que o texto entra em contato com o leitor. O texto só se

completa quando o leitor constrói um sentido para o que está lendo. Podemos dizer assim, que o caráter comunicativo do texto literário é a interação, dinâmica, que acontece entre o texto e o leitor (JOUVE, 2002). Em suma, o texto sugere os sentidos que se podem produzir e, do mesmo modo, estimula atos de apreensão que originam a sua compreensão.

A materialidade do texto, constituída dos signos linguísticos e da estrutura textual, ganha finalidade em razão de sua capacidade de estimular atos comunicativos. A partir deles, o texto se traduz para a consciência do leitor, o que torna evidente o fato de que a comunicação estabelecida entre o texto e o leitor se processa de maneira dialógica.

Portanto, a estrutura e a apreensão do texto por parte do leitor formam a situação comunicativa que se estabelece à medida que o texto se faz presente no leitor como correlato da consciência. Ou seja, o próprio texto faz transferência de informações, mas essa transferência só será efetivada se o texto conseguir ativar certas disposições da consciência do leitor, como por exemplo, a capacidade de apreensão e de processamento da leitura.

Os textos literários possuem estruturas comunicativas que, assim como os atos de fala, têm uma dimensão pragmática o que garante seu êxito comunicativo. O leitor em contato com o texto pode ou não dar conta das possibilidades comunicativas a ele inerentes, ou seja, ter êxito ou fracasso na sua leitura (CERTEAU, 1994).

Entretanto, é nessa função de interlocutor do texto que o leitor com sua história de vida participa da criação literária. Esse protagonismo exercido pelo leitor é o caminho pelo qual o mediador de leitura deve passar para poder conduzir neo-leitores a percorrê-lo. Nesse sentido, a função comunicativa do texto literário se abre para a ação pedagógica do professor que quanto mais experiência tiver como leitor, mais bagagem trará para seu trabalho de mediador.

Em face desse papel de mediador, o professor leitor precisa também conhecer e reconhecer em cada texto, as peculiaridades próprias do texto de literatura. Para sustentar sua ação pedagógica e explorar a natureza comunicativa do texto literário é preciso que ele, como leitor mais experiente, tenha clareza sobre atributos que constantemente se apresentam nos textos literários. Reconhecer a linguagem em sua manifestação literária será, portanto, um papel fundamental na articulação do leitor com o texto.

Além disso, cada leitura pede seu ritual próprio. Os rituais de leitura nos mostram que cada texto, palavra ou imagem é um recorte no plano mais amplo da linguagem, e pede uma leitura específica. Essas assertivas são de Carneiro (2005, p. 65), que exemplifica dizendo-nos que ler um romance não é o mesmo que ler um poema ou uma notícia de jornal. Da mesma forma que, assistir a um filme é diferente de assistir a uma novela. Também não se lê uma fotografia do mesmo modo que um filme.

Assim, apresentamos a seguir, atributos específicos da literatura conforme os conceituam alguns teóricos.

Pensando nesse aspecto, destacamos, a relevância do plano de expressão, (FIORIN e PLATÃO, 1991) que é a recriação do conteúdo através da organização das palavras como ocorre no poema que por meio de recursos como a rima, a sonoridade, o ritmo, a distribuição das sequências por oposição ou simetria, repetição de situações ou descrições salienta a especificidade da linguagem literária.

Outra característica é a intangibilidade, ou seja, “o caráter intocável do texto literário” (FIORIN e PLATÃO, 1991, p. 351), ou seja, o texto literário precisa ser lido integralmente, para que possamos aprender o essencial, pois ao resumirmos, perdemos o seu sentido ou deixamos de apreciar a construção estética.

Outra característica relevante é que o texto literário possui linguagem conotativa, já que a partir do jogo que faz com as palavras, cria novos significados para elas, que ganham um sentido incomum, figurado, metafórico, circunstancial, que vai depender do contexto na qual está inserida.

Uma última qualidade destacada por Fiorin e Platão (1991) para caracterizar o texto literário é com relação ao uso da linguagem, que de acordo com esses autores o signo linguístico é constituído de duas partes distintas, uma parte perceptível e uma parte inteligível. A parte perceptível é denominada de significante ou plano de expressão. É comum ocorrer que o plano de expressão, uma mesma palavra tenha vários significados, explorando assim, a polissemia. Mas, uma vez inserida no contexto, a palavra deixa de admitir vários significados e ganha um significado específico no contexto. Para a compreensão de um texto, a apreensão do significado contextual é um aspecto importante, principalmente quando se refere ao texto literário. Nesse tipo de texto, é comum se explorar as diferentes possibilidades

de interpretação do significado de uma palavra. Porém, em um texto, tudo deve ser limitado e coerente.

Assim, compreendemos que a função estética da leitura é aquela que cumpre o papel de fazer a escrita do texto literário diferente da de outros textos. Considera-se um texto como literário se ele cumprir a função de representar de forma artística o real, combinando forma e conteúdo. Além de que a função estética permite ao texto um leque de interpretações, ou seja, ela é plurissignificativa, o que estimula a função comunicativa do texto.

Culler (1999) levanta cinco pontos a respeito da natureza da literatura, são eles: a literatura como a “colocação em primeiro plano” da linguagem; literatura como integração da linguagem; literatura como ficção; literatura como objeto estético e literatura como construção intertextual ou auto-reflexiva.

Culler afirma diz que a literatura é a linguagem que “coloca em primeiro plano” a própria linguagem, e acrescenta que a organização da linguagem literária é diferente da linguagem que utilizamos no nosso cotidiano, em outros gêneros, a isso ele denomina de literariedade. São os artifícios linguísticos usados, como: a rima, a organização das palavras no texto, que podem caracterizar a literatura.

Outro aspecto que pode ser observado na caracterização da leitura literária é a literatura como integração da linguagem, ou seja, é a procura e a exploração durante a produção do texto das “relações entre forma e sentido ou tema e gramática e, tentando entender a contribuição que cada elemento traz para o efeito do todo, encontremos integração harmonia, tensão ou dissonância” (CULLER, 1999, p. 37).

A literatura como ficção é outro ponto característico da literatura, a maneira como as palavras são exploradas provocam relações diferentes entre o mundo do leitor e as possibilidades imaginárias criadas pelas palavras. Culler, 1999, p. 37, afirma que:

Uma razão por que os leitores atentam para a literatura de modo diferente é que suas elocuições têm uma relação especial com o mundo – uma relação que chamamos de “ficcional”. A obra literária é um evento linguístico que projeta um mundo ficcional que inclui falante, atores, acontecimentos e um público implícito.

Acrescenta ainda que a ficção separa a linguagem de contextos usuais deixando-a aberta à interpretação.

A quarta característica da literatura apontada por Culler é a literatura como objeto estético, uma vez que, um dos objetivos da literatura é a inter-relação entre forma, ou melhor, o que provoca no leitor e o seu conteúdo. Para um texto ser literário ele precisa indagar sobre a contribuição de suas partes para o efeito do todo, sem se importar se vai informar ou persuadir (CULLER, 1999, p. 40).

Para entender melhor o conceito de objeto estético, utilizaremos os conceitos de Kant conforme apresenta Culler (1999, p. 39):

Estética é historicamente o nome dado à teoria da arte e envolve os debates a respeito de se a beleza é ou não uma propriedade objetiva das obras de arte ou uma resposta subjetiva dos espectadores, e a respeito da relação do belo com a verdade e o bem. [...] A estética é o nome da tentativa de transpor a distância entre o mundo material e espiritual, entre um mundo de forças e magnitudes e um mundo de conceitos.

Observamos que mesmo no que se refere à estética a participação do leitor é fundamental, posto que os atributos do texto precisam ter o reconhecimento do interlocutor para se realizar.

Concluindo as características da literatura segundo Culler, temos a literatura como construção intertextual ou auto-reflexiva, isso significa que um texto surge a partir de outro que por sua vez já retoma ideias de um terceiro; é uma cadeia de textos relacionados entre si, que retomam, transformam, criticam, repetem, entre eles mesmos. A esse respeito Culler (1999, p. 41) afirma:

A intertextualidade e auto-reflexividade da literatura não são, finalmente, um traço definidor mas uma colocação em primeiro plano de aspectos do uso da linguagem e de questões sobre representação que podem também ser observados em outros lugares.

Podemos acrescentar que a intertextualidade evidencia o caráter comunicativo da literatura que aciona o diálogo entre textos e provoca o leitor a fazer esse percurso.

Sobre a linguagem literária Amarilha (1997, p. 49) discorre:

A linguagem literária organiza os fatos em forma diferente da linguagem oral do cotidiano. Como essa roupagem tem bossa, ritmo, humor, o leitor [...] percebe que está diante de uma maneira diferente de ser da língua.

Amarilha (1997, p. 54), afirma também que a literatura proporciona o transitar entre o real e o fictício, uma vez que:

possibilita esse treinamento no simbólico em dois níveis: no nível da palavra – quando chama atenção sobre si mesma, pois a literatura é produto de linguagem. Na literatura, a palavra é o elemento mais importante, é ela que desencadeia o universo imaginado. [...] O outro nível em que atua é o da identificação com as personagens de uma narrativa que dá ao leitor ou ouvinte a possibilidade de suspender, transitoriamente, a relação com o cotidiano e viver outras vidas.

Sabemos que o texto literário permite “romper com as barreiras da realidade, possibilita ao leitor o acúmulo de experiências só vividas imaginariamente, o que o torna mais criativo e mais crítico, além de ensiná-lo a reagir a situações desagradáveis e de ajudá-lo a resolver seus próprios conflitos” (VILLARDI, 1999, pg.6).

A leitura de literatura desperta no leitor a curiosidade e o interesse pela descoberta desenvolvendo a expressão das ideias, a imaginação, a autonomia, a criticidade e o gosto pela leitura. Tomamos como princípio que o leitor, ao ler textos literários, não passa apenas os olhos pela página cheia de letras; ele busca um sentido nas palavras, aventura-se na descoberta do que está escrito com todo seu universo de leituras e vivências.

Acreditamos ainda que uma possível função social da literatura é a de facilitar ao homem compreender os dogmas que a sociedade lhe impõe. Isso é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionado pela leitura. Se a sociedade buscar a formação de um novo homem, terá de se concentrar na infância para atingir esse objetivo. Aguiar (2001) acredita que a criança é uma fabuladora de mitos, isso porque a sua mente e a sua forma de perceber intuitivamente o mundo combinam com a literatura. Assim, a leitura literária é uma incentivadora na busca pela identidade e pela interação com a realidade. De acordo com Mortatti (2008, p. 26) que cita Candido poderíamos afirmar que:

[...] pensar que os (bons) textos literários encantam ensinam (obviamente, se lidos, ou pelo menos ouvidos), porque fazem diferença em nossas vidas, constituem experiências profundamente humanas - “algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (CANDIDO, 1972, p. 805) -, porque nos ajudam a formular perguntas para nossa vida, estimulam nossa sabedoria, nossa busca de conhecimento de nós mesmos e do mundo. Nesse sentido, encantam e ensinam, porque, lendo-os, aprendemos algo sobre nossa vida, ao mesmo tempo em que aprendemos sobre a importância da literatura na formação do ser humano, sobre os ambíguos vínculos entre fantasia e realidade, sobre a “função integradora e transformadora da criação literária com relação a seus pontos de referência na realidade”(CANDIDO, 1972, p. 805). Esses textos têm, portanto, uma função formativa específica.

Ler literatura é produzir sentidos a partir da interação com culturas diferentes, de costumes e crenças desconhecidas, de contextos sociais diversos, sentidos esses que devem ser capazes de estabelecer relações de aprendizagem, ressignificação, identificação, enfim de valorização da existência humana.

3.6. A relação texto-leitor na leitura literária

O ato de ler como já discutimos não é um monólogo, é um diálogo entre o texto e o leitor, ou entre o autor e o leitor, ou entre o que está sendo dito e o que o leitor já sabe sobre aquilo.

Para Kleiman (1999, p. 65) a linguagem é “o instrumento mais eficiente para interferir na vida interior dos outros”. É o homem se utilizando da linguagem para transformar-se, enquanto ser racional responsável por sua evolução social, emocional, psicológica e espiritual.

O homem é um ser que por excelência precisa do outro para se desenvolver, tanto por questão de sobrevivência biológica, como para se inserir na sociedade. Sociedade essa cercada de meios que possibilitam o crescimento afetivo, cognitivo, cultural e econômico do homem. Dentro desses meios existe um elemento de extrema importância durante a leitura de textos literários, a imaginação. Mas então, o que poderíamos chamar de imaginação?

Segundo o Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa (1999, p. 1077), imaginação é:

1. Faculdade que tem o espírito de representar imagens; fantasia. 2. Faculdade de evocar imagens de objetos que já foram percebidos; imaginação reprodutora. 3. Faculdade de formar imagens de objetos que não foram percebidos, ou de realizar novas combinações de imagens: imaginação criadora. 4. Faculdade de criar mediante a combinação de ideias: escritor de muita imaginação. 5. A coisa imaginada. 6. Criação, invenção. 7. Cisma, fantasia, devaneio. 8. Crença fantástica; credence; superstição. 9. Invenção ou criação construtiva, organizada (por oposição a fantasia, invenção arbitrária).

Entretanto, para termos uma atividade imaginativa precisamos nos remeter a ficção. E o que seria ficção?

Popularmente relacionamos a ficção à criação de coisas imaginárias e ou fantasiosas (FERREIRA, 1999, p. 899). Para Amarilha (2006, p. 74) “A ficção é a sistematização do material e da imaginação”. Iser (1993, p. 53) aponta que a ficção “é um meio de nos dizer alguma coisa sobre a realidade”.

A leitura de textos literários requer aceitação e envolvimento do leitor. E em se tratando de ficção, o leitor precisa participar de um jogo, jogo esse que é a própria leitura, que requer afastamento do real, envolvimento e também aceitação do que é ficção. Eco (1994) chama de contrato ficcional ao envolvimento e à aceitação do leitor feitos antes, durante e depois da leitura, o leitor é uma espécie de co-autor, ele dará significado ao texto a medida que ocorrer a atividade imaginativa.

A ficção é um recorte de situações reais que se tornam representativos e por isso “atinge sua possibilidade própria de constituição da experiência ou, mais precisamente, de pré-constituição dos esquemas possíveis da experiência, não como realidade, mas sim como irreabilidade” (JAUSS apud STIERLE 2002, p. 149). Nesse sentido, podemos entender que a ficção depende do real e o real da ficção, e que essa relação é indissociável.

Através da ficção podemos vivenciar experiências que no real nem sempre é possível, são emoções, passeios, prazeres, que somente a ficção é capaz de permitir com tamanha intensidade e segurança.

Pensando na interação entre o texto e o leitor, observamos que durante o ato da leitura se realizam atividades de construção, significação, ressignificação, criticidade, antecipação, formulação e reformulação de hipóteses, aceitação ou repulsão de ideias e conclusões.

Autor e leitor não têm espaço comum de referência. Portanto, é fundamentando-se na estrutura do texto, isto é, no jogo de suas relações internas, que o leitor vai reconstruir o contexto necessário à compreensão da obra. (JOUVE, 2002, p. 23)

Segundo a teoria da Estética da Recepção, formulada por Hans Robert Jauss, a relação texto-leitor é construída pelo efeito e pela recepção, o efeito, condicionado pelo texto, e a recepção, condicionada pelo destinatário. “Assim, o sentido se concretiza como duplo horizonte: o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial, trazido pelo leitor de uma sociedade determinada” (ZUBERMAN, 2005, p. 20).

Os teóricos da Estética da Recepção, como: Jauss (2002), Iser (2002), Stierle (2002) entendem o processo de efetivação da recepção como a interação do leitor com o texto. Esse é sem dúvida o ponto principal da estética da recepção, o diálogo entre o leitor e o texto. O que significa que o leitor não é mais considerado um destinatário passivo, ele ganha papel atuante, o leitor participa da elaboração do sentido do texto. Isso deixa de lado a visão de que ler é decodificar os signos, mas é também e principalmente, construir significados.

Foi a partir dos estudos desses teóricos que houve o redimensionamento no papel do autor, a partir de então, o autor deixa de ser o dono do texto, uma vez que ele não tem o poder de controlar o significado que o leitor dá ao seu texto. Isso porque, segundo Iser (2002), a interpretação que o leitor dará ao texto lido estará vinculada à sua experiência de vida e à sua experiência como leitor. De forma que: “o significado da obra literária é apreensível não pela análise isolada da obra, nem pela relação da obra com a realidade, mas tão só pela análise do processo de recepção, em que a obra se expõe, [...] na multiplicidade de seus aspectos.” (STIERLE, 2002, p. 134). Assim, a teoria da recepção se concretiza como uma teoria dos pontos de vista da recepção e da história.

Para Bordini e Aguiar (1993, p. 81), na perspectiva da teoria da estética da recepção “a obra é um cruzamento de apreensões que fizeram e se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no que agora é estudada”. A literatura que era considerada uma escrita intocável, imutável, definitiva, em contato com o leitor, na verdade passa a ser um processo dialético, o leitor através do texto no qual está tendo contato, passa a dialogar com o seu acervo – na memória – de outros textos já lidos.

Essa recepção como já falamos anteriormente é uma atividade do leitor, pois depende de suas experiências com outras leituras e do confronto com seus conhecimentos de mundo.

Conforme afirma Jouve (2002, p. 128):

A leitura, ao levar o leitor a integrar a visão do texto à sua própria visão, não é em nada, portanto, uma atitude passiva. O leitor vai tirar de sua relação com o texto não somente um “sentido”, mas também uma “significação”. [...] Em outros termos, existe, de um lado, a simples compreensão do texto e, de outro, o modo como cada leitor reage pessoalmente a essa compreensão.

Podemos considerar assim, a leitura literária de forma dinâmica, em que a inter-relação, texto-leitor, se configura de modo ativo, percorrendo diferentes caminhos, percepções, emoções, sociedades, informações, experimentadas durante a leitura.

4. CAPÍTULO 2: Sobre a história de vida como abordagem da formação da cultura leitora

Neste capítulo iremos abordar os aspectos teóricos referentes à história de vida, à memória de leitura e à cultura leitora do professor, o que é, como se forma e a sua relação com a prática sistemática de formação de alunos leitores. Inter-relacionando esses conceitos, discutiremos o papel da escola e do professor na construção do gosto pela leitura dos alunos.

Falar que o homem é um ser biológico e histórico-social, pode ser considerado até um clichê, mas é uma afirmação que há muito se estuda. Para tentar explicar as diferenças comportamentais do homem, é que as ciências se dividiram, hoje existem diversos campos de pesquisa em que o foco é o homem em seus diversos aspectos.

A prática educativa em sala de aula é um fenômeno complexo, que contempla conhecimentos vários que não se limitam apenas ao conhecimento da sala de aula, mas integra também todo um contexto sociocultural dos atores envolvidos nessa prática. Em decorrência dessa lógica, procuramos destacar a relevância do contexto cultural como parte da formação do professor mediador de leitura.

Para essas reflexões nos fundamentamos em estudos atuais sobre a formação de professores que abordam o método das histórias de vida, tais como: Nóvoa (1995); Delory-Momberger (2008); compreendendo como todo o percurso formativo do professor – do seu convívio familiar à sua formação profissional - influencia em sua identidade profissional, a partir de questionamentos como Delory – Momberger (2008, p. 25) elaborou:

Como se encontram o mundo de experiências, figuras e expectativas que a criança, o jovem e o adulto em formação trazem consigo, e o mundo de conhecimentos que as instituições educativas propõem? Existe uma relação entre a forma como os indivíduos representam sua vida e a maneira como eles adquirem competências e saberes sobre o mundo e sobre si mesmos? Como a família, a escola e sociedade elaboram modelos de trajetórias de formação? Como os indivíduos constroem subjetivamente o percurso e a imagem de sua existência?

São questionamentos como estes que as histórias de vida e formação vêm utilizando como alternativa de investigação e formação, que permitem a análise mais detalhada, intimista, singular, sensível dos trajetos de formação dos professores como leitores.

O trabalho de pesquisa a partir dos relatos de vida, ou melhor, dos relatos centrados sobre a formação, efetuados na perspectiva de evidenciar e questionar heranças, continuidades e rupturas, projetos de vida, múltiplos recursos, ligados às aprendizagens da experiência etc., o trabalho de reflexão, a partir de uma descrição da formação de si (pensante, sensível, imaginante, comovendo-se, apreciando, amando) permite ter a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades expressas são confrontadas com sua frequente inadequação para uma compreensão que libera a criatividade em nossos contextos em mutação. O trabalho sobre essas subjetividades singular e plural torna-se uma das prioridades da formação, em geral, e do trabalho dos relatos de vida em particular. (JOSSO, 2008, p. 25)

Segundo Nóvoa (1995, p. 19), a sistematização das pesquisas cuja abordagem são as histórias de vida “nasceu no universo pedagógico, numa amálgama de vontades de produzir outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores”. Essa abordagem engloba estudos que investigam desde aspectos teóricos sobre a formação docente a estudos práticos e à emancipação dos sujeitos nela envolvidos, assim como a formação da identidade do professor.

As reflexões, aqui apresentadas, somam-se a muitas outras, pois trazem o professor para o centro da investigação, dando importância e reconhecimento às histórias de formação e suas influências sobre o modo de atuar dos professores (CATANI, ET AL, 1997). Em seus estudos, Nóvoa (1995) relata que cada professor constrói maneiras próprias de ser e de ensinar, entrecruzando o pessoal e o profissional. Nessa concepção, o processo de formação de professores precisa se efetivar a partir da articulação de diferentes saberes (pré-profissionais, da formação, da experiência).

Sendo assim, não podemos dizer que a formação do professor acontece somente durante sua formação profissional, mas, sim, de todo o processo pelo qual se constituiu, por meio de suas experiências vividas e sentidas e que, de uma forma

ou de outra, contribuem na formação da sua identidade profissional. Podemos dizer, então, que o professor:

É um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 1995, p. 46)

Nóvoa (1995, p. 16) prossegue suas reflexões com provocações como: “Como é que cada um se tornou no professor que é hoje? E por quê? De que forma a ação pedagógica é influenciada pelas características pessoais e pelo percurso de vida profissional de cada professor?”. E nos responde com os três pilares de sustentação do processo identitário do professor, os três AAA: A adesão, A acção, A autoconsciência.

A adesão se refere aos princípios e valores que norteiam o professor ao investimento positivo das potencialidades de seus alunos. A ação implica nas escolhas que o professor faz com relação às suas maneiras de agir, sejam elas de carácter pessoal ou profissional. “Todos sabemos que certas técnicas e métodos “colam” melhor com a nossa maneira de ser do que outros.” (NÓVOA, 1995, p. 16). A autoconsciência está ligada à reflexão que o professor faz sobre a sua própria ação/ prática.

A identidade, segundo Nóvoa (1995, p. 16), não é um produto; é um processo no qual se constroem maneiras de ser e estar na profissão. E mais na frente acrescenta que:

O processo identitário passa também pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa actividade, pelo sentimento de que controlamos o nosso trabalho. A maneira como cada um de nós ensina está directamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino: “Será que a educação do educador não se deve fazer mais pelo conhecimento de si próprio do que pelo conhecimento da disciplina que ensina?” (Laborit, 1992, p. 55). Eis-nos de novo face à *pessoa* e ao *profissional*, ao *ser* e ao *ensinar*. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal. (NÓVOA, 1995, p. 17).

Todo adulto, que foi um dia aluno, guarda consigo lembranças mais ou menos precisas de sua escolaridade. Assim sendo, o processo de escolarização do professor contribui para o conceito do que é para ele a escola. Lembranças boas ou más ficam na memória, controlando certas atitudes em situações que ele já tenha vivido durante sua vida escolar.

A relação do professor com o aluno é também a relação do primeiro com sua própria infância e talvez, se ela for suficientemente depurada ao longo dos anos, a relação com a infância absoluta. Mais do que todos os outros adultos, o professor mantém um diálogo constantemente de renovação com a criança que ele era ou está convencido de ter sido (Snyders, 2005, p. 86).

Para entendermos um pouco melhor sobre esse trabalho com as histórias de vida de professores, faz-se necessário entender o que viria a ser memória. Com a raiz do latim *memor*, - *ois*, que significa “aquele que se lembra de algo” ou “aquele que se faz lembrado” ou ainda “aquele que faz lembrar”. Acrescentando o -*ia*, surgiu *memoria*, -*ae*, que significa memória ou lembrança (SUTTER, 2005). Assim podemos entender que memória é a:

relação com a mente, designa simultaneamente um processo do pensamento e o lugar/ celeiro em que se armazenam as lembranças/memórias; em outras palavras, o conjunto de conhecimentos que caracteriza tanto um indivíduo (através de sua história pessoal) quanto um grupo social (uma nação, uma tribo, por sua cultura e tradição) (SUTTER, 2005, p. 72).

Para Oliveira (2001, p. 120) “memória é algo sem fim, que se confunde com a própria natureza” e completa com as palavras de Arrigucci Júnior (1987) “... com sua contínua produção de diversidade que jamais se totaliza, formando uma paisagem que é impossível completar, uma vez que se constitui pela justaposição infindável de elementos, numa soma inacabada...”. A esse respeito Araripe (2001, p. 71) afirma:

Nos caminhos para a compreensão da construção da sociedade a memória tornou-se um dos principais elementos para entender o mundo social, pois nos possibilita saber quem somos, integrando o nosso presente ao nosso passado. Olhar como se dá a relação do homem com o universo social: o que cria, produz, apropria, incorpora

e simboliza, é fundamental para compreender o movimento da ação e do fazer do homem como manifestação social e constituição da sociedade.

Para essa mesma autora, memória é:

[...] um fenômeno construído, consciente ou inconscientemente, e mantém estreita ligação com a questão da identidade, já que devemos pensar a questão da identidade a partir das representações coletivas. Identidade no que se refere ao que apresentamos para nós e para os outros e que nos faz representar. É a memória, dessa forma, elemento indispensável na constituição do sentimento de identidade (2001, p. 72.)

Por isso, não podemos pensar a memória como um armário, depósito, mas sim, como mecanismo de estruturação e organicidade (MARQUES, 2006). Buscar entender como se dá a formação da cultura leitora do professor, é compreender a identidade do professor por meio de uma transferência psicológica e social é relacionar os saberes emergentes da sua vida pessoal e da sua formação profissional. E então, nos questionamos junto com Marques (2006, p. 13):

Como agora articular esses momentos significativos na congruência das vivências e das práticas, nos rumos que tomaram eles, em si mesmas e no processo mais amplo que se inserem? Não, certamente, em processo mecânico e linear, mas em movimento de espiral, de sorte a que transitemos dos eventos singulares para as correlações entre eles, dos cortes no tempo e no espaço para a continuidade, entre os avanços numa direção e os recuos, de um mesmo processo formativo, unitário e concreto, em que as sementes, o tempo e o vento desenham a “geometria” da árvore.

Trabalhar com histórias de vida é estar trabalhando com a memória, a fonte é sempre a evocação, a memória, reconstruindo um passado pela perspectiva do presente e fundamentado no social. É por meio dela que conseguimos entender o estágio atual em que o professor se encontra, o porquê de suas concepções e suas práticas. Tomando como referência as palavras de Furnalettto (2003, p.12) “o professor toma decisões, processa informações, atribui sentidos, fundamentado no que conhece e sabe; sua subjetividade é composta por uma mescla de teorias, vivências, crenças e valores”.

Após esse percurso sobre a história de vida iremos adentrar na formação da cultura leitora do professor.

Como nos aponta Nóvoa (1995), a formação do professor ocorre a partir da sua própria história, de toda a carga psicológica, social, econômica, afetiva, escolar, política, histórica, cultural, é compreender e analisar que todos esses aspectos estão sempre interligados e que por isso, dialogam entre si, influenciando um ao outro. Compreender como acontece o processo de formação da cultura leitora do professor é compreender que há diferentes níveis de realidade envolvidos. Não há como se analisar e compreender esse processo focalizando apenas um desses aspectos. A análise da formação da cultura leitora do professor através das narrativas de suas histórias de vida, parte do pressuposto de que as fontes formativas não se limitam a apenas um espaço e um aspecto, mas sim, a vários espaços e múltiplos aspectos. Esse pensamento é compartilhado por Fontana (2006) quando afirma que:

A multiplicidade e o conflito, que vivemos nas relações sociais em que nos constituímos, também se produzem dentro de nós. Somos uma multiplicidade de papéis e de lugares sociais internalizados que também se harmonizam e entram em choque. Cada um de nós não é apenas um professor ou professora. Somos também homens e mulheres, negros, mulatos, brancos, brasileiros, estrangeiros, ou mesmo brasileiros estrangeiros em nosso próprio chão, velhos e moços, pais e filhos, irmãos, esposos, a professora mais antiga da escola, aquela que está iniciando seu primeiro ano de trabalho, a professora militante, a professora não sindicalizada, a professora que dobra período, aquela que não depende do seu salário para viver, etc... Muitos em um (p.229).

Entendemos que o homem é um ser social e por isso durante toda a sua vida vai agregando influências de várias pessoas, meios, instituições; a medida que ele vai conhecendo, se reconhece e adapta, e cria a sua própria história. Como afirma Fontana (2006, p. 227) “Ao nascer, cada um de nós, mergulha na vida social, na história, e vive, ao longo de sua existência, distintos papéis e lugares sociais, carregados de significados – estáveis e emergentes – que nos chegam através do outro.”

Ser o sujeito da história e ser o agente criador da cultura não são adjetivos qualificadores do homem. São o seu substantivo. Mas não são igualmente a sua essência e, sim, um momento do seu próprio processo dialético de humanização. No espaço de tensão entre a

necessidade (as suas limitações como ser da natureza) e a liberdade (o seu poder de transcender ao mundo por atos conscientes de reflexão) o homem realiza um trabalho único que, criando o mundo de cultura e fazendo a história humana, cria a própria trajetória de *humanização do homem*. (Brandão, 1985, p. 24)

Brandão (1985) afirma que o homem cria e recria a cultura, nessa mesma lógica, Lararia (1995) acredita que:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 1995, p. 46)

Cotidianamente a palavra cultura é dita de maneira conotativa, ou seja, muitas vezes é usada para diferentes significações. É bem verdade que não existe apenas um significado para a palavra cultura, porque estamos falando de algo que não é concreto, inacabado, estático. A terminologia da palavra cultura tem origem no verbo latino *colare*, cujo significado é cultivar, criar, tomar conta e cuidar, o que se relacionava o cuidado do homem com a natureza (CHAUÍ, 2001, p. 127).

Diante dessa concepção, podemos dizer que “a cultura é o aprimoramento da natureza humana pela educação em sentido amplo [...]” (CHAUÍ, 2001, p. 128).

De acordo Chauí (2001), no século XVIII o significado de cultura ganha uma outra roupagem, resulta da formação-educação do homem, expressos na formação de instituições, livros, ações, artes, religião, formação de Estados organizados que se responsabilizaram por essa atividade de formação. Para explicar essa nova concepção de cultura a partir do século XVIII, a autora argumenta que:

[...] tem início a separação e, posteriormente, a oposição entre Natureza e cultura. Os pensadores consideram, sobretudo a partir de Kant, que há entre o homem e a Natureza uma diferença essencial: esta opera mecanicamente de acordo com leis necessárias de causa e efeito, mas aquele é dotado de liberdade e razão, agindo por escolha, de acordo com valores e fins. [...]. cultura é o reino da finalidade livre, das escolhas racionais, dos valores, da distinção entre bem e mal, verdadeiro e falso, justo e injusto, sagrado e profano, belo e feio (CHAUÍ, 2001, p. 128).

Segundo Laraia (1995, p. 30) Edward Tylor foi o primeiro a definir cultura do ponto de vista antropológico da forma como se utiliza atualmente. Ele conseguiu formular uma ideia que já vinha se desenvolvendo há algum tempo. Para Tylor apud Laraia (1995, p. 25) cultura é todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade.

Para o antropólogo, a cultura pode ser compreendida de duas maneiras: a cultura pode ser a maneira de se compreender aspectos singulares do comportamento humano em relação a outros seres. Assim, o comportamento é visto como reflexo do processo de ensino-aprendizagem, e não de maneira instintiva, é um produto desse processo. Outra maneira de se compreender a cultura, diferente da visão da antropologia, é que a cultura se refere à capacidade que o homem tem de gerar comportamentos e suas infinitas reações através do potencial simbólico e linguístico. Ou seja, a cultura também pode ser interpretada a partir da atividade cognitiva do comportamento do homem.

Santos (1994, p. 44-45), resumidamente, apresenta o conceito do que seja cultura:

Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo se poderia falar da religião. Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe. Entendida dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros.

Continuando, o mesmo autor acrescenta:

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também a sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade.

Consideramos relevante assinalar que cultura e sociedade são conceitualmente distintas, mas existem estreitas relações entre elas. Se

entendermos que a sociedade é um sistema composto por inter-relações que ligam os indivíduos, a cultura consiste nos valores, crenças, atitudes e normas criadas e seguidas por esses indivíduos que constituem um grupo social. Podemos compreender que nenhuma sociedade existe sem cultura, assim como, nenhuma cultura existe sem sociedade. “Cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades são palco do embate entre as tendências conservadoras e as inovadoras” (LARAIA, 1995, p. 1003). Para Santos (1994, p. 50):

[...] a cultura é a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica, criadora, ela mesmo em processo, uma dimensão fundamental das sociedades contemporâneas.

Entendendo a cultura como um processo social em permanente construção (SANTOS, 1999), a formação de uma cultura leitora, no nosso caso, de leitura de literatura, entendemos que é uma atividade na qual entram em questão os repertórios de leitura, de conhecimentos de mundo, influências de outras pessoas com relação ao ato de ler, formando assim, o gosto pela leitura. Então, podemos dizer, que a memória é o mecanismo através do qual emergem as lembranças de episódios de vida relacionados a leituras.

Há diversas suposições acerca da ausência da cultura leitora, afirmativas como: “não se lê porque não se conhecem os segredos do mundo da leitura”; “não se lê porque não há estímulo apropriado”; “não lê porque não tomou o gosto pela leitura”. Essas são algumas frases ditas e escutadas no meio educacional. É preciso mais do que campanhas promocionais de incentivo a prática de leitura, é necessário investigar, quem, como, o quê, por que razões, em que condições ou se lê ou não se lê.

Há também de se verificar fatores políticos, sociais, culturais e econômicos que favorecem ou desfavorecem esta ou aquela leitura. Abandonar a postura de quem sabe o que deve ser ou fazer é preciso, pois, só assim será possível o afloramento das contradições, dos interesses e dos valores que colaboram **com e para** as práticas de leitura. É impossível se formar uma cultura da leitura, sem que a sociedade cultive valores históricos. “Dessa forma, a cultura, pensada como

resultado do que é socialmente construído pelos atores sociais, no decorrer da história, tem na memória um papel significativo para a sociedade” (ARARIPE, 2001, p. 71).

As práticas escolares têm mostrado que uma criança forçada a fazer atividades sem sentido, lá na frente se torna um adulto esgotado, em virtude disso, todo esforço deve ser feito na formação do leitor, em sua base, ou melhor, durante suas primeiras experiências de leitura. O caminho é despertar desde cedo, o gosto pela leitura, o prazer de ler, deixar de lado a leitura de compreensão complexa e a leitura crítica para depois, e focar, inicialmente, na leitura por prazer e por experiência de maneira mais afetiva. Isso porque Halbwachs (apud Araripe 2001,p. 71) aponta que “para uma memória que evoca uma relação do grupo com o meio do qual faz parte, ressaltando que é através de uma comunidade *afetiva* que encontramos o indivíduo, que reconhece o individual enquanto ser social”.

É preciso que a leitura não perca sua profundidade e razão de ser, mesmo estando diretamente relacionada aos estilos de vida dos leitores, que estão condicionados pelo seu tempo.

Se a leitura é um meio de descobertas, de aquisição de conhecimentos, de mexer com a criatividade e de vivenciar experiências, nada melhor do que começar pela criança, que tem grande capacidade de leitura. A criança vive num mundo de viagens e de forte potencial imaginário, entretanto, ela precisa ter oportunidades, ser provocada, para descobrir coisas e ir buscá-las nos livros. Porém, ela só vai aprender isso se lhe for ensinado. E é na escola que muitas crianças têm a única oportunidade de ter contato com a leitura de textos literários, além de que é preciso considerar que é na escola que passamos grande parte do nosso tempo diário e da nossa vida, entre a educação infantil e o ensino médio são cerca de 15 anos. Daí, a importância de relacionarmos a infância do professor e aquela que estão vivendo seus alunos para entendermos a relação que pensamos exista entre a cultura leitora do professor e sua prática pedagógica.

Na vida do indivíduo, a escola acompanha as experiências sucessivas de idades tão diferentes quanto a infância, a adolescência e, para alguns a fase a adulta jovem. Dentre todos os períodos da vida e todos os espaços sociais, o tempo e o lugar da escola, distinguem-se por uma dupla especificidade: nunca no curso de sua vida, o indivíduo sofre tantas transformações físicas e psíquicas – cada uma das quais representa, em graus diferentes,

choques biográficos. [...] Enfim, enquanto primeiro espaço de socialização secundária, a escola representa um dos principais testes do mundo social e cultural de origem e do sistema de representações do qual esse indivíduo é portador. A conjunção, no tempo e no espaço da escola, das formações física, psíquica, intelectual, mas também relacional e social, faz da escola um cadinho de experiências na construção da biografia pessoal e das representações que a acompanham. (DELORY- MOMBERGER, 2008, p. 113).

Estudar a formação do leitor e de como se dá a formação da cultura da leitura é olhar para quem é dada a responsabilidade de formar esse leitor, nesse caso, como estamos tratando do ambiente educacional escola, o professor. É interessante considerar que a palavra leitura e leitor têm implicações de acordo com o modo como se organiza o conhecimento na sociedade. Ser ou não leitor é uma questão relativa, pois existe uma multiplicidade de materiais escritos como observamos no desenvolvimento dos meios de comunicação. Hoje, considera-se leitor qualquer pessoa, mesmo que analfabeta, que tenha conhecimento sobre a escrita e utiliza esse conhecimento para realizar tarefas cotidianas. Nessa visão, leitor é alguém que conhece o código escrito ou que tem domínio sobre a função e algumas normas desse código, ainda que não totalmente.

O professor é o “cozinheiro da felicidade” afirma Rubem Alves (2000), pois consegue tornar o conhecimento apetitoso, atizando em seus alunos a vontade de comer, de experimentar a leitura e, depois de prová-la, ficar encantado por ela. É o professor, mediador da leitura, que acrescenta novos saberes e novos sabores aos encontros do leitor com o texto.

Assim, podemos concluir que não se nasce leitor, e sim, se aprende a ser leitor, e a formação da cultura da leitura se dá, em função de diversos fatores: através da literatura em que se (re)conhece a realidade; por meio de uma educação literária que leva o leitor a uma educação estética; por meio da leitura que aproxima o leitor da cultura; por meio dos saberes relativos à literatura que estão em permanente atualização. Assim, pensamos que a formação do leitor de literatura não se dá somente por competência técnica, mas também por sua dimensão cultural.

5. CAPÍTULO 3: Sobre a formação e a prática do professor formador de leitores

Neste capítulo iremos analisar entrevistas realizadas com 5 professoras e com 5 alunos de escola da rede pública de ensino do município de Natal; sobre a relação entre formação e prática pedagógica.

Pesquisas com professores têm trilhado novos e interessantes percursos a partir de trabalhos que envolvem a relação entre a história de vida e a prática pedagógica, sejam relacionados às memórias pessoais e profissionais de um tempo mais remoto ou mesmo da última aula dada (NÓVOA, 1995), visto que analisar fatos ocorridos no passado possibilita o entendimento do que ocorre no presente. Sendo assim, refletir sobre a prática pedagógica não deixa de ser uma reflexão sobre o que já passou e sobre o que se acredita que seja possível, mas, sobretudo a possibilidade de poder modificar o hoje também.

Nóvoa (1995) considera pertinente que se investigue o ensino escolar com base nas ações dos professores no âmbito da vida de cada um, pois não se pode separar o eu pessoal do eu profissional. Essa posição do autor embasa-se em uma visão que olha o trabalho que o homem realiza fundamentando nas relações entre homens e nas relações por eles já vividas.

As linhas e as entrelinhas das entrevistas foram lidas a partir da Análise de Conteúdo, na percepção de Franco (2005), para que se pudesse fazer a ligação entre os objetivos da pesquisa e seus resultados. Buscamos, assim, na análise das entrevistas das professoras, estarmos o mais atenta possível à escuta de seus dizeres, para que as experiências pessoais e profissionais com a leitura nos ensinassem sobre o processo de formação da cultura leitora.

Como o nosso objetivo não é exercer juízo de valor sobre as ações das professoras, iremos nomeá-las de Professora Diva (1º ano); Professora Rejane (2º ano); Professora Débora (3º ano); Professora Maria José (4º ano); Professora Goretti (5º ano); os alunos se chamarão João, Miguel, Clara, Alice e Eduarda, respeitando assim “os valores, as concepções e os significados culturais dos atores pesquisados, tentando compreendê-los e descrevê-los e não encaixá-los em concepções e valores do pesquisador” (ANDRÉ, 1999, p. 46). Os nomes das professoras estão relacionados aos nomes das professoras que do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental foram minhas maiores incentivadoras na prática da leitura de

literatura; os nomes dos alunos se referem às crianças com as quais compartilho minhas leituras, sobrinho, afilhados e vizinhas.

Definida a escola, locus desta pesquisa, selecionei como sujeitos participantes da primeira etapa do trabalho todos os professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), no turno matutino, totalizando 05 (cinco) docentes. Interessava-me, particularmente, compreender como acontece a formação da cultura leitora da professora e a sua relação com a formação de alunos leitores de literatura, motivo pelo qual me pareceu mais adequado focalizar o trabalho nas classes dessa fase escolar, já que é nessa fase que os alunos começam a ter os primeiros contatos com a literatura.

Para a entrevista dos participantes elaborei um documento semi-estruturado, que se compôs de duas partes: primeiramente um roteiro de entrevista (Anexo 1) pré-estabelecido com 23 questões, que tiveram como objetivo levantar informações referentes à formação leitora das professoras, suas vivências de leitura e seus vínculos com a leitura em diferentes fases da vida: primeira infância, fase da escolaridade e adolescência, vida adulta, e sua prática em sala de aula como formadora de leitores. E, em seguida, uma ficha pessoal (Anexo 2), contendo informações como idade, sexo, estado civil, existência ou não de filhos, renda individual/familiar e escolaridade.

Com autorização dos informantes, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. A entrevista gravada pareceu-me um instrumento confiável, à medida que possibilitou a repetição e o esclarecimento das perguntas aos participantes. Propiciou também me deter mais atentamente nas atitudes e condutas da entrevistada, ou seja, não somente no que foi dito, mas como foi dito. Além disso, a gravação permitiu um maior aprofundamento no trabalho posterior, por meio da reprodução das vozes e falas, e, conseqüentemente, a percepção de detalhes e informações para além do momento da aplicação.

Cada entrevista revelou-se um encontro, um momento de compartilhar experiências, memórias, vidas. A possibilidade de conhecer as lembranças infantis relacionadas aos livros e à leitura foi intensamente rica, trazendo-me maiores inquietações. As informações e dados coletados permitiram-me traçar o perfil leitor das professoras, como se formaram e se constituíram leitoras, ou não, suas dificuldades e anseios.

Optamos por organizar as informações mais objetivas dos sujeitos participantes, visto que podem me auxiliar a delinear um primeiro panorama desta pesquisa: idade, sexo, estado civil, número de filhos, renda individual e familiar, jornada de trabalho e formação. Cabe observar que a totalidade dos sujeitos é do sexo feminino, motivo pelo qual estamos a utilizando este gênero quando em referência aos participantes da pesquisa.

Observamos que, com exceção de uma docente com idade de 34 anos, a maioria das professoras pesquisadas (4) se encontra na faixa entre dos 40 anos, o que me permite dizer que se trata de um grupo jovem.

A maioria das informantes (4) é de solteiras, e apenas uma é casada. Entre elas, 4 professoras não têm filhos, e uma tem.

Quanto à carga de trabalho, todas as professoras cumprem jornada semanal de 20 horas; assim como não exercem outro tipo de atividade para complementar a renda.

Sobre a renda individual, padronizada em salários mínimos, 4 professoras afirmaram ter renda de até 2 salários mínimos; apenas uma possui rendimento acima de R\$ 3.000,00, essa possui 2 vínculos.

Com relação à formação, todas as professoras 5 cursaram o Magistério – formação de professor em nível médio. Todas possuem nível superior; apenas uma não é formada em Pedagogia. Observamos também que apenas uma professora não fez ou está fazendo uma pós-graduação; 3 já concluíram cursos de especialização e uma está com o mestrado em andamento.

Das 5 professoras entrevistadas, 3 concluíram o ensino superior em universidade pública (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), e 2 concluíram em universidade privada (Universidade Vale do Acaraú).

As análises dos dados permitem traçar as diversas maneiras de ser-leitor das professoras participantes, os diversos percursos no encontro ou desencontro com os livros e com a leitura, descobrindo nessa trajetória diversos aspectos que retiram a homogeneidade que normalmente se atribui a essas profissionais, como se o ser-professor estivesse implicitamente relacionado ao ser-leitor – o que não é verdade, haja vista a complexidade e singularidade de cada ser humano.

Embora tenham sido encontradas similaridades em aspectos como idade, remuneração, formação profissional das professoras pesquisadas, quando

adentramos na análise de suas experiências com leitura, nos deparamos com a heterogeneidade dos caminhos percorridos para a formação da professora-leitora.

Durante o momento da entrevista, a partir dos relatos e de momentos informais que tivemos em oportunidades anteriores e posteriores as entrevistas, observamos alguns aspectos da personalidade frente ao ofício de professoras.

Observamos que a professora Diva é bem calma, tranquila, um pouco tímida, parece gostar bem mais de escutar do que de falar, domina com tranquilidade sua turma, a maneira como sua sala de aula é organizada, o tratamento com seus alunos, a organização do seu material de trabalho, revela ser uma professora comprometida com seu trabalho.

A professora Rejane é daquelas pessoas que no dito popular se diz: “Já chega chegando”, suas roupas estampadas e coloridas e seus acessórios são sempre alegres, gosta muito de se maquiar. Sua busca e participação por cursos de capacitação nos permite pensar que é uma professora que está comprometida com sua formação continuada, ou seja, tem consciência de que sua formação é um processo, não acabou. Em sala de aula mostra ser uma professora empenhada na aprendizagem dos alunos, durante as atividades procura ficar circulando pela sala para auxiliar os alunos.

Sobre a professora Débora observamos que apesar de ser a mais nova em idade e em experiência em sala de aula, pareceu-nos uma professora desmotivada, com a sala de aula e com a nossa pesquisa. Para a nossa entrevista marcamos pelo menos umas 4 vezes até que desse certo, ela sempre pedia para que fosse remarcada pois estava sem tempo. Observamos que sua sala de aula é bem monótona e ao mesmo tempo agitada, monótona no sentido de que, as atividades parecem ser repetitivas, atividade no quadro ou livro, as crianças copiam, respondem e a professora fica sentada na porta da sala observando o movimento da sala, enquanto um aluno tira uma dúvida ou mostra a atividade e os outros ficam brincando e fazendo bagunça na sala. Apesar de trabalhar apenas nessa escola, professora não relata na entrevista nem em momentos informais com outros professores, como por exemplo, nos momentos dos intervalos que faça ou esteja interessada em fazer algum curso de formação continuada.

A professora Maria José desde o início mostrou ser uma pessoa bem objetiva, foi bem acessível a entrevista, aceitou logo e já queria fazer no “primeiro contato” que tivemos para explicar a pesquisa. Mostrou-se objetiva e direta em suas

respostas, por mais que instigássemos, ela não dava muita abertura para falar, é uma pessoa tímida e bem uma voz baixa e tranquila. Relatou na entrevista e reafirmou em momentos informais sua desmotivação e frustração com a profissão. Pareceu-nos também cansada e sobrecarregada, pois a mesma trabalha em 2 escolas e ao chegar em casa, assim como acontece com outras mulheres, ainda precisa fazer os afazeres domésticos.

A professora Goretti sempre deixou sua sala de aula aberta para a pesquisa, sem que nos via, nos deixava a vontade em sua sala de aula. É uma pessoa aberta ao conhecimento e aproveita todas as oportunidades que tem para aperfeiçoar a sua formação, atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É simpática e adora falar, o que facilitou no momento da entrevista, a maneira saudosa com que falou do seu passado, o entusiasmo com que fala do presente e a esperança do futuro entusiasmo a todos ao seu redor. Em sala de aula está sempre preocupada com a recepção dos conteúdos por parte dos alunos, procura sempre diversificar a maneira como o conteúdo é explorado. É uma professora que consegue levantar problemáticas e reflexões junto a outros professores da escola; quando não está satisfeita ou não concorda com algo que está acontecendo na escola se posiciona; assim como, repassa os conhecimentos que está adquirindo com as novas experiências que vem aprendendo na Universidade.

5.1. A constituição do ser professora formadora de leitores: a inserção da leitura na vida da professora

Todas as professoras pesquisadas nasceram e passaram a infância na zona urbana – Natal/RN, o que possibilitou que os acessos aos materiais escritos acontecem de forma mais rápida e fácil; já que sabemos que até hoje – bem menos do que na época em que essas professoras eram crianças – o acesso de materiais de leitura na zona rural ainda é deficitário. Ao serem indagadas sobre as primeiras lembranças de suas experiências com a leitura nessa fase da vida – infância – todas revelam terem sido estimuladas para as práticas de leitura através de seus familiares.

Professora Maria José: Eu comecei a me interessar pela leitura através do meu irmão, meu irmão mais velho, ele lia muito, tinha muitos livros, meu pai sempre comprava livros para ele. Eu via e ficava curiosa para saber o que tinha nos livros.

Professora Débora: Minha tia lia todos os dias porque ela morava de frente da minha casa não é, então assim, era como, eu jantava a noite e como prêmio ela lia uma história pra mim e ela lia muitas coisas, inclusive lendas indígenas, que eu me lembro que aprendi muito de lendas indígenas com ela contando, então todo dia lia uma história diferente, ela sempre procurava variar e me dava muito de presente, eu fiz varias coleções de história em quadrinhos, então na época da Mônica em que a Mônica era muito forte, Chico Bento, o interessante de Chico Bento é que ela trabalhava muito comigo a questão do Chico Bento falar errado, então ela ia consertando.

Nessa fase, aparecem também as vivências de leituras associadas à oralidade, como práticas frequentes. Há relatos de momentos de reunião da família, principalmente à noite, quando os adultos (pais, mães, avós) contavam histórias inventadas.

Professora Goretti: Minha experiência com a leitura é bem interessante, eu tinha uma pessoa que eu conhecia que morava lá na rua, aquelas madrinhas de fogueira de antigamente, madrinha Zeneide e ela tinha o hábito de contar histórias e ela contava histórias nas rodas mesmo assim, então ela tinha uma afinidade muito grande com criança e eu era uma dessas, uma das preferidas dela, muito próxima dela tinha um carinho muito especial por mim e todos os dias ela fazia aquela roda com as crianças e contava aquelas histórias, geralmente esses contos de fadas só que de uma forma bem informal ela contava e tinha um jeito bem bonito.

Essas contações em alguns casos acontecia devido a falta de contato com materiais escritos por parte do contador.

Professora Diva: Minha mãe e minha avó contavam histórias, mas não liam.

Professora Diva: Elas contavam histórias, que eu tinha problema de saúde e não podia caminhar, tinha problema nas pernas, então eu vivia muito tempo na rede, aí minha avó tinha muito carinho por mim; então ela contava história, mas lia mesmo não porque ela também não tinha muita leitura, mas a pouca leitura que ela tinha depois que eu aprendi a ler eu me espelhei nela pra gostar de cartas, que ela

gostava de mandar cartas para os amigos e para a família que morava em Santos, em Recife, mas ler historinhas chegar e abrir um livro eu não lembro, se ela lia, eu não lembro, mas que ela contava.

No caso dessa professora identificamos na figura da sua mãe e da sua avó, como elemento fundamental no aprendizado da leitura da professora, a mãe e a avó, mesmo de forma intuitiva, foi a base para o trabalho educacional e consequentemente da leitura. A privacidade do lar traz fatores importantes para o processo de ensino-aprendizagem da leitura, a ligação afetiva, o sentimento de proteção e os traços comuns.

Nos relatos dos primeiros contatos das professoras com a leitura, encontramos uma professora que encontra no pai analfabeto, seu maior incentivador. O pai da professora Rejane, mesmo sem ter a experiência de pegar um livro e ler, ao levar para casa os livros que encontrava no lixo, proporcionou aos filhos um grande repertório de leitura. Esse pai conseguiu transmitir para os seus filhos o valor e a importância da leitura mesmo sem saber ler. Tratava e pedia para que seus filhos tratassem os livros com zelo, como relata a professora Rejane:

Professora Rejane: [...] na minha casa tinha uma caixa cheia de revistas e livros e eu ficava manuseando eles, brincando de ler e escrever mesmo sem já ter feito isso, meu pai analfabeto minha mãe também analfabeta e aí eu acho que foi começando por aí.

Professora Rejane: Meu pai que trazia. Como meu pai era pintor, assim nas casas que fazia a limpeza eram jogados no lixo aí ele trazia pra casa e dizia: “não é pra riscar!”, mas eu não me contentava em só olhar eu queria era riscar “eu já disse que era pra você só olhar”, aí depois eu fui pra aula de reforço que ensinava as primeiras letras mas era chato à beça porque a professora me coloca pra cobrir os sons silábicos, só isso, e eu via os outros escrevendo e dizia “quando é que eu vou escrever? Quando é que eu vou ler?” e ela respondia “quando for o tempo” e era chato demais pra mim aquela tática porque eu só fazia cobrir “Ba be bi bo bu da de di do do” só cobrir sabe aí eu sei que depois eu fui pra primeira série fui alfabetizada e o percurso foi esse.

Na verdade esse pai, provavelmente já havia planejado mesmo que implicitamente, um projeto de escolarização para seus filhos, ainda que não tivesse um objetivo específico, mas com a proposta de proporcionar aos seus filhos através da leitura, e dos estudos, pensava em uma qualidade de vida melhor do que a dele.

Ao relatarem sobre a frequência com que tinham contato com a leitura na infância, três professoras afirmaram ter tido contato diário e as outras duas de maneira esporádica. Sendo que esses contatos diários aconteciam por motivos e/ou meios diferentes.

Professora Débora: [...] eu gostava muito então era assim uma coisa muito, muito forte é quase que diariamente sempre a noite, cedo depois do jantar eu ia pra lá e ela sempre lia pra mim, então era muito forte era uma coisa muito presente é bem frequente.

Professora Goretti: [...] todos os dias ela fazia aquela roda com as crianças e contava aquelas histórias, geralmente esses contos de fadas só que de uma forma bem informal ela contava e tinha um jeito bem bonito.

Professora Rejane: As caixas de livros lá de casa eu lia e relia todos. Então, ficou um hábito que eu mesma criei pra mim: todos os dias eu lia pra dormir, eu lia pra acordar, eu lia toda hora, então, era Chico Bento, revista do Sétimo Céu, Capricho, Sabrina, Júlia, Bianca.

Professora Rejane: Eu lia muito. Tinha uma época, à noite, lá em casa, que não tinha energia a gente ligava o candieiro, bem antigo e a gente ficava ali lendo livro de história (ou estória), eu sempre tinha que ocupar minha mente com leitura porque eu tinha aquele desejo de conhecer aquelas histórias que estavam ali, então eu lia todos os gêneros. Meu irmão tinha muito livro de bang-bang eu lia esses livros e eles também e eu lia tudo o que aparecia.

Quanto ao repertório de leituras presente na lembrança das participantes, na infância, apenas uma professora não citou um livro que leram para ela ou que ela leu nessa fase. Apesar de terem afirmado terem lido bastante nessa fase, ao serem questionadas sobre o nome dos livros, poucas se lembraram dos nomes, e nenhuma citou algum autor.

A professora Débora afirma que quando criança costumava ser presenteada com livros, e ela considera que isso foi um fator importante para sua prática de leitura.

Professora Débora: A leitura entrou na minha vida muito cedo porque eu tinha uma tia que era professora, então, ela começou desde quatro, cinco anos quando eu comecei a me alfabetizar, ela já

me dava de presente livros, então ela nunca me deu boneca essas coisas, aí me dava livros [...]

Essa mesma professora em outro momento volta a afirmar que era presenteada com livros por ter pessoas ao seu redor que reconheciam a importância da leitura:

Professora Débora: Olha na verdade eu sou caçula de uma família muito grande, de uma família muito mais velha, então eu tenho cunhadas que tem idade pra ser mãe e eu tenho minha madrinha, que é minha cunhada, é professora e ela fazia também essa história de me dar livros de presente muitos jogos, muito livro e ela gostava de me ver ler, quando eu aprendi a ler, às vezes, ela sentava e conversava comigo: “Vamos ler alguma coisa?” “Vamos!”, então ela também, não como a minha tia, como estímulo diário da minha tia, mas ela também contribuiu um bocado pra isso.

Professora Débora: Tinha, até porque, assim, ela me dava de presente, todos os presentes eram livros tudo era relacionado a leitura, né (sic), ela trabalhava com biblioteca, ela era professora e trabalhava numa biblioteca, então, ela tinha muito acesso a isso e trazia muita coisa pra mim.

O material escrito a que tinham acesso também foi tratado como um “brinquedo”, as palavras erradas das histórias em quadrinhos se transformavam em brincadeira entre tia e sobrinha.

Professora Débora: É e era muito interessante, uma brincadeira muito que ela fazia em relação a isso a consertar, vamos consertar a maneira do Chico Bento falar e eu gostava muito então era assim uma coisa muito, muito forte é quase que diariamente sempre a noite né, cedo depois do jantar eu ia pra lá e ela sempre lia pra mim, então era muito forte era uma coisa muito presente é bem frequente.

O livro era também companheiro de Diva que gostava de brincar sozinha, que tinha além da boneca, um livro como brinquedo, com o livro ela brincava de ser professora.

Professora Diva: [...] foi mais assim: porque eu gostava de brincar só e meu primeiro brinquedo além da boneca foi um livro, eu brincava de ser professora; foi dessa maneira assim, aí depois eu

comecei né (sic) lendo através dos meus estudos mesmo e continuidade com a formação de professora né (sic), aprofundi um pouquinho mais.

Portanto, nos relatos das professoras identificamos que todas tiveram, com intensidades diferentes, experiências positivas de leitura relacionadas principalmente à oralidade na infância, como ouvir histórias e relatos narrados pelos familiares. Parece-me que, as questões econômicas, os valores culturais presentes nas famílias das entrevistadas não foram fatores de exclusão para a prática de leitura, já que todas relatam que vieram de famílias pouco favorecidas economicamente e com pais com baixa escolaridade.

Quando questionadas sobre onde e quando aprenderam a ler, todas afirmaram ter sido na escola, entre 6 e 7 anos. As experiências de leitura das professoras, no período escolar, nem sempre foram lembradas como positivas, algumas afirmaram ler porque tinham que responder aos questionários, eram obrigadas. Há depoimentos que relacionam o ingresso na instituição escolar com a ampliação das leituras, justificada, principalmente, por ter que cumprir com as atividades dadas pelos professores.

Professora Maria José: Não. A leitura era assim: todo bimestre tínhamos que comprar o livro que a professora pedia, fazia o resumo e entregava a ela. Mas eu sempre gostava dos livros.

Professora Débora: Em especial não. Em especial por incrível que pareça não, a gente tinha as aulas de literatura com a professora de literatura né, então ela já era voltada pra isso, o estímulo de lá era o estímulo normal de sala de aula.

Professora Goretti: Não tive não, nenhuma. Todas elas direcionadas ao livro didático. Não tinha esse estímulo, não lembro de nenhum professor ter contado histórias que estimulasse tudo, que sentisse o desejo naquela hora, pegar um livro depois não tinha esse incentivo não é uma lembrança mesmo boa não, que eu tenho.

Professora Rejane: Não tenho muita lembrança. Porque naquela época não era passado para o aluno pesquisar não era passado para o aluno muitas coisas que hoje estimulam. [...]

Identificamos nas falas das professoras que o “velho” e permanente modelo de leitura de literatura por obrigação e para o preenchimento de questionários é um método não eficaz de formação de leitores, já que o mesmo, não proporciona aos leitores uma leitura prazerosa e “sem responsabilidade”, é uma leitura que deve ser realizada com determinado objetivo e com prazo pré-determinado de conclusão.

Silva (2004) versa sobre os critérios e formas de indicação das obras literárias no espaço escolar. Mostrando discrepância entre as leituras indicadas pelos professores e o interesse dos alunos, a autora fala de um “ritual de encomenda, compra, leitura e trabalho com os livros na escola”.

Silva (2004) ainda descreve alguns dos critérios utilizados pelos professores na indicação de tais livros: livros e autores de seu conhecimento, adequação à idade e à série, interesse, motivação para a leitura. Dessa forma, negligenciam o seu próprio conhecimento sobre os alunos com quem convivem, suas diferenças e particularidades, suas experiências de vida e, conseqüentemente, colaboram para o desencontro entre as leituras sugeridas pela escola e os interesses dos alunos.

A quebra desse modelo virá com as mudanças de atitude de toda a comunidade escolar, pais, professores e alunos; é preciso que todos reconheçam seu papel como leitores e formadores de leitores. Essas mudanças serão possíveis quando as reflexões das práticas pedagógicas se tornarem ações, ou seja, se os professores e os pais que foram escolarizados nesse modelo de prática de leitura reformularem as práticas de leitura para seus alunos e filhos, práticas que sejam mais prazerosas do que pelas quais passaram.

Outro fator que influenciou na prática da leitura dessas professoras durante o seu período escolar foi o uso das bibliotecas. A biblioteca escolar torna-se, então, lugar importante na vida dessas leitoras:

Professora Maria José: Tinha biblioteca sim, eu estudava lá na Francisco Ivo. E eu sempre ia lá. Pegava livros, consultava quando precisava para fazer trabalho.

Professora Débora: Eu estudei no CIC muito tempo, comecei no Maristela. No Maristela a gente teve pouco, pouco acesso à biblioteca, então, eram menos livros, mas quando eu entrei no CIC lá pro (sic) 5º ano já e nós tínhamos uma professora de literatura que era voltada pra isso, aís e a gente tinha acesso à biblioteca toda semana, porque a gente tinha uma aula dentro da biblioteca e com isso ela fazia muita questão de trabalhar a leitura, trabalhar as

histórias, trabalhar a história em quadrinhos, ela trazia muito recorte de revista, entrevista, sempre na semana tinha um foco, não é, do que aconteceu na semana e a gente fazia várias leituras sobre aquilo ali, então, nessa época até o 3º ano é, o meu contato com a leitura foi mais assim, mas essa questão de biblioteca, essa questão de estudar texto, foi voltado a isso aí, durante muito tempo. Depois eu entrei, fui fazer o magistério no Ateneu, aí a escola estadual a gente tinha quase nada de acesso a biblioteca, e ao mesmo tempo que eu fazia um, eu estudava numa escola de manhã e em outra a tarde, que eu queria fazer magistério, mas eu não queria sair sem o 2º grau normal, então eu frequentava os dois. Dentro do Ateneu eu não tive acesso, mas dentro do CIC eu tive bastante, com professor, com biblioteca, com aulas sobre isso né (sic), a gente foi muito ao cinema, discussão de filme, a gente redigiu bastante com relação aos filmes que a gente assistia e tudo e, aí, entra a Universidade também, porque na Universidade eu fiz pedagogia e você não faz pedagogia se você não lê, não tem como. Então, assim, eu tive muito acesso nesse período aí, com relação à escola, dentro do CIC, na Universidade que aí é uma questão sua, pessoal, você não obriga você a ir pra biblioteca você vai porque você necessita realmente dela.

Professora Débora: Muitas vezes fora desse horário ou na hora do intervalo, né (sic), eu lanchava a gente lanchava e entrava na biblioteca pra ler, pra ver algumas coisas diferentes, como a gente naquela época já tinha esse acesso a internet se tinha o computador, mas o acesso a internet era muito reduzido, então a gente via muito isso, a questão de revistas, entrevistas de livros, coisa do tipo: “olha que vocês dessem uma lidinha em tal livro, Senhora, que vai cair na questão do vestibular”, então a gente já ia dando uma sondada pra ver como era, eu não eu tive bastante acesso à biblioteca nessa época.

Professora Diva: Do Café Filho, que é nossa escola vizinha, não tenho muitas lembranças porque era pequenininha, né (sic), tinha seis anos eu acho, não lembro muito, mas no Isabel Gondim nós frequentávamos a maioria das vezes, o professor indicava pesquisa aí, eu ia com outra turma fazer as minhas pesquisas, mas assim, às vezes, de 15 em 15 dias, tinha aula de leitura que a gente ia, já na 5ª a 8ª série a gente ia, frequentava, escolhia um livro fazia empréstimo.

Professora Rejane: Sim. Tinha frequentava e eu ia só. No Augusto Severo tinha muitos livros de literatura brasileira e eu li todos eles, toda semana eu trazia 2,3 eu estudava pela manhã, passava a tarde dormindo e a noite lendo esses livros e depois eu comecei a frequentar a biblioteca ao lado do Ateneu que era muito boa. Tinha uma parte que era só de livros infantis, muita coisa boa, eu ia lá, levava as minhas amigas e tudo, mas eu lia todos os clássicos da língua portuguesa, literatura brasileira, quer dizer eu li.

Professora Goretti: Tinha biblioteca, porque a escola que eu estudava era uma escola conveniada, como o Bradesco hoje é, era uma escola conveniada com as costureiras do Grupo Guararapes e minha mãe era costureira, aí saiu. Mas só que ela tinha um contato tão grande com as pessoas lá que conseguiu vaga, então colocou eu e meus dois irmãos, então, na época, era uma escola muito arrumada uma escola até de elite, nós andávamos mesmo na linha, né (sic) porque era uma escola que tinha que preservar um nome, então lá eles tinham essa biblioteca muito bonita como eu já falei, mas era assim uma coisa muito distante do aluno era um ambiente, parecia tão sagrado que a gente tinha até medo de ir lá e realmente éramos impedidos e, de uma certa forma, esse medo provocava o nosso afastamento mesmo, essa forma como eles colocavam a biblioteca.

Nesse relato da professora Goretti também podemos observar que, mesmo no século XX, a biblioteca era tratada e vista como um lugar sagrado, intocável, como na Idade Média. Durante a Idade Média, a Igreja era o centro da sociedade. Sociedade essa dividida em três classes: o clero, que detinha o monopólio do conhecimento, a nobreza e os militares que sofriam preconceito quanto ao gosto pela leitura, e a plebe que não tinha acesso por esta. Nesse contexto, as bibliotecas estavam sob o comando do clero e eram de difícil acesso para a população que se conformava com sua condição, pois era educada através da tradição oral. A alfabetização era privilégio de poucos. Assim, a tarefa da escrita destinava-se aos cultos que eram os clérigos (MCGARRY, 1999).

Com o passar do tempo, os suportes de leitura passaram por modificações. Os rolos de pergaminho, por exemplo, foram substituídos por folhas de formato parecido com o livro como conhecemos hoje. As primeiras bibliotecas medievais encontravam-se dentro de mosteiros e o acesso ao material era permitido apenas aos pertencentes às ordens religiosas ou pessoas que fossem aceitas por estas. E mesmo assim, o acesso às obras existentes era controlado, pois algumas delas eram consideradas de natureza profana.

Todavia, os processos de mudança para laicização, democratização, especialização e socialização da biblioteca ocorreram lenta e continuamente. A concepção de biblioteca como um depósito de livros passa a se modificar, torna-se uma biblioteca pública preocupada com a comunidade leitora. McGarry (1999, p. 117) conceitua a biblioteca pública como “[. . .] uma instituição que fornece um serviço gratuito a toda população de uma comunidade, distrito ou região, sendo em geral financiada, no todo ou em parte, com recursos públicos.”

Em pesquisa realizada por Silva (2000), com alunos e professores usuários da biblioteca de Ciências Humanas e Educação (HE) da UFPR, a biblioteca é percebida como um local de armazenamento de documentos. Esse conceito é reforçado com a idealização da biblioteca como um lugar sagrado, de silêncio, podendo também ser um local de pesquisa. As professoras entrevistadas apresentam um conceito de biblioteca tanto como um “depósito”, quanto como um “centro de referência”.

Pelo que foi possível observar e compreender, a imagem de Biblioteca ‘ideal’ foi ligada à ideia de um lugar de silêncio, igreja, um lugar sagrado. Consequentemente pode-se afirmar que a biblioteca esteve presente na visão do homem como parte integrante da organização social, ainda que tenha vigorado a imagem de algo intocável, divino, um templo onde o ser humano deve silenciar. Embora seja significativa essa representação, há lugar nesse templo para a pesquisa, para o encontro e a convivência das pessoas (SILVA, 2000).

O uso da biblioteca que nasceu da necessidade de fazer pesquisas escolares tornou-se uma prática efetiva para outros tipos de leituras:

Professora Goretti: [...] depois que eu comecei a conhecer o ambiente da biblioteca eu comecei a ir só porque eu gostava da biblioteca, até hoje eu gosto de biblioteca. Eu gostava, então, às vezes, eu estava lá em casa mesmo de tarde e vinha pra cá pra biblioteca, às vezes, passava praticamente o dia todo dentro da biblioteca, aí olhava revistas, olhava livros, artigos, tudo que eu achava interessante eu pegava lá, eu gostava daquele ambiente, silêncio é... a forma como as pessoas sentavam pra ler achava interessante, achava bonito, aí, pra mim era encantador.

Sobre os livros que ficaram guardados na memória como leituras marcantes dessa época, infância e os primeiros anos na escola, todas se lembraram de pelo menos um livro; eram contos de fadas, lendas indígenas, e livros didáticos, esses livros didáticos que foram citados são lembrados com emoção, por se tratarem de presentes: “Guardei, o 1º livro que mamãe comprou pra mim [...]” (Professora Rejane); e por apresentarem ilustrações e fragmentos de textos que saciavam a vontade de ler “me chamava a atenção a imagem dele, a capa e os contos, os contos não eram contos, eram pequenos textozinhos muito elementares” (Professora Goretti). Percebemos também a presença marcante das histórias em

quadrinhos na formação da cultura leitora da professora Débora “[...] eu fiz várias coleções de história em quadrinhos, então na época da Mônica, em que a Mônica era muito forte, Chico Bento, o interessante de Chico Bento é que ela trabalhava muito comigo a questão do Chico Bento falar errado, então ela ia “consertando”.

A análise dos depoimentos revela que a escola exerceu pouca influência sobre a formação leitora dessas professoras, por vezes, contribuindo para que a leitura fosse vista como mais uma atividade escolar trivial e obrigatória. Paradoxalmente, apesar de a escola e o professor não se constituírem como os principais estimuladores para a leitura, há nos relatos incidências significativas de ampliação da frequência nas atividades que envolvem o ato de ler no período dos anos iniciais da escolaridade, mesmo com o aspecto desestimulador da obrigatoriedade.

São poucas as lembranças envolvendo mediações com a leitura, nos anos escolares, fazendo referência à figura do professor como modelo de leitor e como formador pelo gosto pela leitura. Não há por parte das professoras pesquisadas a existência de uma professora que tivesse estimulado a prática de leitura, o que nos leva a concluir que as escolas e professoras pelas quais essas professoras passaram foram omissas na construção e formação da cultura leitora dessas professoras.

5.2. A formação do professor formador de leitores: entendo a escolha profissional

Neste momento da análise, iremos encaminhar nosso olhar para o leitor adulto, para as práticas de leitura das professoras nos anos iniciais de sua formação profissional, magistério e graduação.

Conforme Nóvoa, a perspectiva de relacionar a história de vida à formação profissional procura ir além da natureza da instituição escolar da qual o professor faz parte, por estar seu olhar voltado aos contextos e histórias individuais que antecedem até mesmo sua formação e atuação na qualidade de docente.

Para pensar em formação de professores, neste momento, é necessário ir além de modelos que privilegiem a racionalidade

técnica; devemos levar em conta os avanços culturais e o surgimento dessa nova subjetividade. Não podemos mais pensar em um professor abstrato, genérico, não podemos mais acreditar, de maneira ingênua, que a formação dos professores acontece somente nos espaços destinados a esse fim. Cada vez fica mais claro que as professoras e os professores, mulheres e homens inacabados, contraditórios e multifacetados – com histórias pessoais forjadas nas relações que estabelecem com o outro, a cultura, a natureza e consigo mesmos – fazem escolhas, criam-se e recriam-se encontrando formas de crescer e de se exercer profissionalmente (FURLANETTO, 2003, .p. 14).

A fim de compreender o porquê que escolheram ser professoras, questionamos: Como foi que você se tornou professora? E três das cinco professoras responderam que foi uma ideia que cultivaram desde a infância, através de exemplos apaixonados pela profissão, e por gostarem de brincar de ser professora.

Professora Diva: Como eu te falei, acho que desde menina que eu brincando em casa de casinha, eu era professora das bonecas, sozinha mesmo, aí quando eu cheguei na 8ª série, naquela época tinha professor que era o coordenador, além do coordenador tinha o orientador pedagógico, orientador educacional falando mais assim, nessa época tinha, elas faziam com a gente um teste de vocação, teste vocacional, hoje a gente não tem mais isso nas escolas né, mas era muito bom naquele tempo porque você ia fazer, o aluno quem escolhia ir fazer, então eu conversava, eu gostava, eu gosto mais de conversar com os adultos do que com os jovens, aí eu conversando com ela me perguntou se eu gostaria de fazer o teste e aí eu fui era individual, você ficava sozinha lendo e respondendo um questionário, depois de alguns dias ela me deu a resposta e o que eu dizia ela disse: “Realmente você dá pra professora”, e eu segui. Também tinha o estímulo da minha tia, porque moça pobre tinha dois caminhos, ou ia ser enfermeira ou professora, porque era o espaço do mercado né, então com as minhas características eu segui o magistério, fui direto pra o Kennedy, onde eu cursei, onde a minha formação de professora, magistério eu cursei; assim que saí, cursei, é, fiz o concurso do Estado, passei em 9º lugar, já fui entrando aí voltei pra minha escola, a primeira sala de aula foi dessa professora aqui ó Socorro, ela tava gestante e foi a primeira sala, pertinho da minha casa, achei maravilhoso.

Encontramos na fala dessa professora o quanto os aspectos culturais da sociedade influenciam nas escolhas de vida do homem, escolha de vida, porque ao escolhermos uma profissão estamos escolhendo ter aquele “estilo” de vida que aquela profissão requer. No meio cultural em que a professora Diva vivia, ela só

teria duas opções profissionais – professora ou enfermeira – então, escolheu ser professora, por se identificar desde cedo com essa atividade, brincando de ensinar às suas bonecas e confirmando sua aptidão pela arte de ensinar através do teste vocacional.

Vejamos o testemunho das outras professoras sobre a escolha profissional.

Professora Débora: Foi uma questão de paixão, porque eu via minha tia né (sic), ela me, ela foi uma influência total, aí, ela falava muito disso eu e eu achava maravilhoso ela trabalhando, né (sic), sempre foi uma paixão e eu dizia: “Ai tia, quando eu crescer eu vou ser professora”, ela dizia: “Então estude, que pra ser professora precisa estudar” e eu fui entrando nesse mundo assim de educação muito cedo, né (sic), desde muito pequena, foi uma questão de amor mesmo, eu podia ter feito só o 2º grau normal, mas optei por fazer o magistério porque eu queria ir pra sala de aula e assim, apesar de ser uma coisa muito difícil, não é fácil ser professora, mas quando a gente gosta daquilo que a gente faz é um prazer fazer, muitas vezes, a gente vem com a cabeça cansada, muitas vezes a gente vem desestimulada porque a gente sabe que não tá fácil, a gente vê o governo não estimular essa questão do professor que é uma coisa, era pra ser primordial e não é, mesmo com tudo isso às vezes dizem: “Ah você é sofressora”, eu digo: “Não, eu sou professora”, porque foi uma opção, uma escolha de vida que eu fiz, na hora que for sofressora eu saio de sala de aula porque não tá me servindo mais trabalhar com crianças. Eu trabalhei com todas as faixas, eu trabalhei com crianças pequenininhas, com menino de maternal, com jardim, com alfabetização, com 1º ano, com 2º, com 3º, com 4º, com 5º, trabalhei de 5º ao 9º ano dando aula de história, aí trabalhei com 2º grau, né (sic) porque aí eu fui preparar os meninos pro CEFET, pro vestibular com aulas de história, aula de ética e cidadania, então eu nunca saí desse mundo, meu mundo desde muito cedo.

Professora Goretti: A minha história de professora é bem interessante porque já outro dia eu tava pensando se eu havia me tornando professora por acaso, não foi, já em pequena mesmo eu gostava de brincar de escolinha, né (sic), o quadro e o giz apesar que hoje eu não suporto, eu nunca gostei de giz, mas naquela época era interessante; o giz eu achava legal ter um quadrinho; nós não tínhamos quadro, mas nós tínhamos eu lembro que era uma porta velha e a gente estudava com aquela porta, escrevíamos e tal e eu lembro que nesse processo de escrita eu apanhei muitas vezes porque quando eu aprendi a escrever mesmo, eu queria registrar tudo em qualquer canto, então eu registrava nas paredes da minha casa, eu registrava nos móveis com friso, registrava no chão, eu gostava de riscar, entende? [...]Em relação à minha vida como professora, já em pequena como eu vinha lhe dizendo eu já gostava de escrever, de ensinar e tudo, quando eu fui crescendo tinha sempre alguém que me pedia aulazinha de reforço, eu ia e dava, aquelas aulazinhas de reforço ajudava e tal. Depois quando me

tornei adolescente, antes de começar a trabalhar mesmo, eu lembro que fui trabalhar no Mobral, existia o Mobral, minha mãe inclusive era minha aluna numa escolinha lá em Morro Branco, que sei nem sei se ainda existe hoje, eu era muito novinha e o meu público era o que eram pessoas casadas, empregadas domésticas, pessoas que já eram avós, avôs, então já eram pessoas já bem, de até hoje eu tenho uma afinidade muito grande com essas pessoas, minhas primeiras experiências como professora mesmo especificamente em que foram de planejar e ter aquele cuidado, eu lembro que eu ganhava umas moedinhas, às vezes, eu ia pro banco e ganhava e umas moedinhas, poucas moedinhas ele botava na minha mão, mas isso me dava uma grande satisfação eu lembro disso com muito carinho, que eu acho que essa, eu sou professora hoje vem de mim é um sentimento mesmo é uma vontade que eu sempre tive.

Para a professora Maria José ser professora foi um “acaso”, por motivos financeiros. Como foi a primeira opção que lhe apareceu ela aceitou; o incentivo por parte dos colegas de trabalho levou-a a fazer o curso de Pedagogia, mas o tom da sua fala (audio) e a forma como falou, suas expressões (durante a entrevista), nos levam a concluir que fez o curso por impulso, sendo “Administração o curso dos seus sonhos” (fala em um momento informal alguns dias após a entrevista). Como podemos observar em seu depoimento:

Professora Maria José: Ah! (sic) Eu me tornei professora por acaso, porque eu estava precisando. De funcionária pública eu sou professora há 21 anos, mas eu ensinei 2 anos antes em uma escola particular, escolinha de bairro, mas que não conta oficialmente. Foi assim: a mulher foi chamar minha irmã lá em casa para ensinar, mas minha irmã estava trabalhando. Como eu estava precisando de dinheiro, me ofereci. Foi assim! (sic) Mas eu tinha feito vestibular para Administração e não passei, fiquei desestimulada. Quando eu estava na escolinha, tentei vestibular novamente e fiquei em dúvida entre Letras e Pedagogia, e o pessoal da escola me incentivou a fazer Pedagogia “Como você está ensinando, você faz o curso para aprender mais e assim você cresce”. Ai eu fiz (em tom desanimado).

O motivo que acarretou a escolha da professora Regina pelo magistério foi a dificuldade que tinha na disciplina de matemática, tentando fugir de um curso que a sobrecarregasse de números, mas no primeiro momento, assim como a professora Maria José, a professora Rejane relatou ter se tornado professora por acaso, optou pela Pedagogia, e ainda no estágio se apaixonou pela sala de aula, e hoje “não me imagino fora dela” (professora Rejane), afirma.

Professora Rejane: Eu? Por acaso. Assim nada é por acaso, mas como eu não gostava de matemática tenho dificuldade, eu fui fazer um curso que não exigisse tanto quanto, o magistério foi esse curso aí eu não pensava em lecionar, quando chegou no estágio que eu fui estagiar na Escola Olga Maria perto da minha casa, lá trabalhava minha prima que trabalha lá até hoje e a diretora era D. Dolores e ela disse: “Como você tem sua prima nesta turma você vai pra outra turma”, aí eu comecei a lecionar e gostei nesse momento comecei a dar aula entrei no caminho e não me imagino fora dele.

Por diversos motivos, os professores escolhem seguir essa profissão, seja por influência de um parente, ou de uma professora, seja por vocação, seja por não ter outra opção na comunidade em que está inserido. Sobre essas escolhas Furlanetto (2003, p. 47) discorre:

Pelos mais variados caminhos, alguns professores assumem sua própria formação, isso significa responsabilizar-se pelo seu próprio desenvolvimento, fazer suas escolhas, aproveitar as oportunidades que lhes são oferecidas pelas políticas públicas, pelas instituições escolares, pela própria vida.

Assim como constata Furlanetto, não podemos afirmar que o apelo ao exercício da docência chega da mesma maneira a todas as professoras entrevistadas. É a própria vida e seus diversos caminhos que acabam definindo as escolhas de nossas professoras. Entretanto, três referências se sobressaem: 1) exemplo direto de alguém que é professor; 2) modelo social da prática da profissão que se origina na experiência de frequentar a escola e repercute nas formas de brincadeiras de “faz-de-conta” e 3) na falta de alternativa para se realizar em outra profissão.

A partir dessa constatação podemos também pensar em tipos diferentes de profissionais. A propósito Freire assinala:

[...] a nossa presença no mundo, implicando escolha e decisão, não é uma presença neutra. A capacidade de observar, de comparar, de avaliar para, decidindo, escolher, com o que, intervindo na vida da cidade, exercemos nossa cidadania, se erige então como uma competência fundamental (FREIRE, 2000, p. 33).

Portanto, ao decidirem pela profissão de professoras – esses sujeitos já estavam exercendo habilidade necessária ao magistério. Decidi,r tomar em suas mãos a formação de outros cidadãos.

E isso resulta num fato inquestionável que é a responsabilidade do educador. Responsabilidade esta de ensinar os alunos a serem responsáveis e oferecer a cada um a possibilidade real de aprender. Aprender é um direito extremamente valioso, mas que comporta ao mesmo tempo uma série de deveres. A possibilidade de que assumam suas responsabilidades aumenta se considerarmos a capacidade pedagógica do professor e seu comportamento com o aluno.

Após questionarmos sobre os fatores que as tornaram professoras, interrogamo-nas com perguntas mais objetivas acerca de teorias sobre a leitura e literatura, que tenham sido estudadas durante sua formação profissional inicial.

Identificamos nas entrelinhas que aquelas leituras obrigatórias dos anos iniciais da escola, se estenderam para essa nova fase, agora com uma nova roupagem, para suprir as necessidades de leitura relacionadas à profissão. Revelam o gosto pela leitura e lamentam o pouco espaço para se dedicar a essa atividade, leitura-prazer, voltada para a satisfação de seus desejos, de suas emoções.

Registramos que todas as professoras da pesquisa fizeram magistério e, apenas uma, não fez graduação em Pedagogia, cursou licenciatura em Filosofia. Na procura por compreender como aconteceu a formação profissional dessas professoras no campo da leitura e da literatura, perguntamos se durante o processo de formação profissional, seja no magistério e ou na universidade, tiveram disciplinas que discutissem sobre o ensino da leitura e literatura. Vejamos as respostas:

Professora Diva: Tive, tive. Na formação de pedagogia teve, literatura infantil foi no magistério, né (sic), tinha literatura infantil a gente aprendia a fazer atividades com jogos e brincadeiras. Ainda lembro da professora, o apelido dela era Bolinha, era muito conhecida, na época, lá, no Instituto Presidente Kennedy, a partir daí eu comecei a entender a função da literatura que é importante, o brincar, a criança aprende brincando não é, e dei prosseguimento também na minha formação de pedagogia, também nós tínhamos uma atividade, uma área que era só literatura e a gente aprendeu e eu aprofundei mais, conhecer, que literatura era mais pros adultos né, pra instruir os adultos do que as crianças, aí também estudei um pouquinho.

Professora Rejane: Estudei. Já faz tantos séculos, mas estudei. [...]Sim. Literatura infantil tive essa disciplina.

Professora Débora: Não, especifico nisso aí não, porque assim eu fiz um trabalho, mas o meu trabalho era sobre um programa que tinha dentro da prefeitura, né (sic), que era “Escola Para Todos” que era um trabalho que se fazia dentro das escolas particulares, né (sic), se colocava tantas vagas em escolas particulares com criança lá dentro né (sic). Então, eu achei muito interessante o trabalho, eu estudei o trabalho eu fui coordenadora dentro da escola que eu trabalhava desse projeto, então, assim, eu não fiz um projeto específico com leitura, eu fiz um projeto com o trabalho da prefeitura dentro das escolas, né (sic), não foi específico nisso nessa área.

Professora Maria José: Não. Nenhum. Eu não me lembro, não. Que tratasse assim profundamente não, era só aquela parte técnica de como chegar na sala de aula e fazer.

Professora Goretti: Eu lembro que tinha essa disciplina que era o professor Márcio que comentava sempre sobre o assunto, se eu não me engano, era História da Educação e, lá, eles apresentavam os teóricos e tinha uma disciplina também Didática que a professora era a professora Maria José, hoje já é Doutora e tal (sic), ela também passava alguns textos relacionados à literatura, uma coisa muito pouca mesmo, mas tenho uma vaga lembrança, era mais assim com o professor Márcio, mesmo.

Muito já discutimos sobre o reflexo que as experiências de leitura do professor interferem no modelo de leitor que eles são para seus alunos. Mas não é só isso que irá nortear o trabalho do professor como formador de alunos leitores de literatura, recorrendo sobre o professor mediador de leitores, Fregonezi (2003) destaca que a prática do ensino de leitura só será efetiva quando o mediador for além de leitor conhecedor de teorias que fundamentam o ensino da leitura, e nesse caso, do ensino da leitura de literatura.

Fregonezi (2003) vai além das teorias linguísticas e cognitivas, quando se trata do professor formador de leitores. Para esse autor, o professor, precisa se apropriar dessas teorias e ele próprio desenvolver estratégias de leituras para si, assim como, criar atividades didático-pedagógicas para suas aulas de ensino de leitura de literatura.

Anteriormente a essa pergunta sobre a formação acadêmica, pedimos para que as professoras conceituassem o que é ler; e o que é literatura, com objetivo de identificarmos se a ausência ou presença do conhecimento teórico sobre o ensino

da leitura e literatura influencia no conceito que as professoras têm do que sejam esses dois conceitos essenciais em uma sala de aula do ensino fundamental.

No capítulo 1, conseguimos reunir vários teóricos que versam sobre o que seja a leitura, e a literatura. Encontramos nas respostas das professoras sobre o que é ler, o conceito de leitura como uma atividade social, como experiência, conceitos esses trabalhados pelos estudos de Freire (2001), Martins (1994), Yunes (2003) anteriormente discutidos. Observamos que apesar da ausência de uma discussão ampla e específica sobre a temática – leitura – no período de sua formação profissional inicial, essas professoras dominam com propriedade uma das múltiplas perspectivas do que venha a ser o ato de ler, porque além da perspectiva social, a leitura também é entendida do ponto de vista biológico (visão – funcionamento do olho), cognitivo e emocional.

Professora Diva: Ah (sic), ler tá lá na parede escrito, quando eu leio eu viajo, quando eu escrevo eu faço a minha alma feliz.

Professora Rejane: Ler é decifrar um mundo não apenas decodificá-lo, mas conhecê-lo profundamente, porque na hora que você lê uma palavra você vai também até o seu significado, suas raízes. Na hora que eu vou ler uma palavra eu estou já na minha mente imaginando aquilo e é isso que eu quero, que meus alunos façam, que quando eles leiam uma palavra, ali, ele esteja imaginando a lua como é que ela é feita e puxar assunto sobre aquilo; a palavra é lua, mas que formato tem a lua, que cor tem a lua, será que mora alguém na lua, se aprofundar naquilo não apenas ler e decodificar aquela palavra, se aprofundar, sentido lato, né, (sic) toda a sua raiz.

Professora Débora: Ler é conhecer o mundo, se você não consegue ler você não tem domínio de nada né (sic), até pra você pegar um ônibus na rua se você não souber ler você não pega um ônibus. Quando a gente é criança, eu me lembro muito disso, que o mundo de uma maneira muito diferente antes de ler e como eu aprendi a ler, eu percebia que eu dominava o mundo pra mim era assim, eu domino o mundo, eu sei de tudo, eu quero comer uma coisa eu sei o nome que tem aquilo ali, porque consigo ler, a partir do momento que você lê, você descobre o mundo, a gente só descobre o mundo depois que a gente consegue ler, isso é uma coisa que é certa.

Professora Maria José: Leitura é você conseguir entender, interpretar a leitura, o que o texto quer dizer.

Professora Goretti: Ler pra mim é, tem uma dimensão muito grandiosa porque eu leio em todos os locais, em tudo que eu vejo, em todos os objetos, em cada canto eu leio alguma coisa, eu interpreto alguma informação, então, eu vejo a leitura, eu vejo a leitura dessa forma. Em tudo que vejo eu leio e interpreto, eu pego algum conhecimento, adquiero alguma coisa daquilo, então pra mim ela não está restrita só ao fato do livro, só ao fato da escrita propriamente dita, ela tem uma dimensão bem mais ampla, são os meus olhos quem leem o mundo, eu leio com o coração, eu leio com as mãos, eu leio com os sentimentos, eu leio em tudo, eu vejo leitura, dimensão de leitura pra mim é bem ampla, vai além da (inaudível) vai além do contexto escolar, ela extrapola, na minha compreensão ela extrapola a minha compreensão, minha mesmo, do que seja ler.

Ao serem questionadas sobre o que seria literatura, encontramos uma dificuldade maior em conceituá-la, a maioria se utilizou da definição do senso comum, o que mostra uma lacuna nessa parte da formação profissional o que pode influenciar nas escolhas de suas leituras em sala de aula.

Professora Diva: Mundo de sonhos, das imaginações, tudo antigo, um sonho antigo porque a gente acredita que os contadores são imortais na nossa literatura, mas é o sonho é o mundo mesmo, a fantasia.

Nessa perspectiva, a professora relaciona a literatura como uma ficção, o que é uma assertiva, como uma possibilidade de conhecer outros mundos; assim como, trata a literatura como uma maneira que algumas pessoas – os autores - têm de eternizar os seus conhecimentos, ou seja, a pessoa morre, mas os “seus conhecimentos”, ou melhor, os conhecimentos que conseguiu registrar ficarão para sempre.

Professora Rejane: É tão complexo. Pra mim, literatura, na época que eu estava lendo todos aqueles livros literários, que eu ainda vou construir uma biblioteca com todos os clássicos da língua portuguesa e literatura brasileira, pra mim aquilo ali são riquezas imensas, nos passa um mundo inteiro, porque são histórias riquíssimas, uma língua muito linda, que era aquela língua antiga, que eu acho que você fala com aqueles pormenores, delicadeza, educação, finíssima, eu acho lindo; aquele vocabulário que ninguém mais vê hoje, ninguém vê mais, só palavrões horríveis e quem fala acha muito natural. É um mundo riquíssimo, literatura pra mim, ninguém pode deixar de ler pelo menos um livro de literatura, porque eu vivia todas aquelas histórias, eu vivenciava cada uma, quando estava lendo aquelas histórias, além de que eu viajava pra todos aqueles lugares,

entrava dentro daquelas famílias, então, ler literatura ou qualquer outro livro literário, seja brasileiro ou não, é viajar através dele como quaisquer outras histórias, sendo que eles são muito mais importantes.

A professora Rejane além de conceituar a literatura como um tipo de linguagem, rica e rebuscada, que se torna possível conhecer outros lugares, situações e emoções, também reconhece seu valor cultural.

Seu desejo em possuir uma biblioteca com os “clássicos da língua portuguesa e a literatura brasileira”, “que eles são muito mais importantes” revelam que sua percepção sobre a literatura ultrapassa a experiência particular de leitura e avança para compreendê-la como um sistema cultural com valor identitário expresso pela preferência pela língua “portuguesa” e pela literatura “brasileira”. A identidade nacional está, portanto, compondo o conceito de literatura dessa professora. Assim, podemos concluir que essa professora entende a literatura como “A arte da palavra”, ou seja, através da articulação e do significado das palavras, a história vai se construindo e possibilitando ao leitor vivenciar situações nunca antes imaginadas por ele, bem como, assinala seu valor social e identitário quando destaca o aspecto nacional desse discurso.

A professora Débora não conseguiu conceituar literatura, mas falou da sua importância para o nosso dia-a-dia e como conteúdo exigido para o acesso à universidade. Essa posição indica a lacuna na formação da professora, em que a literatura não compõe o rol dos saberes docentes. Por outro lado, evidencia a pressão social que existe a propósito da familiaridade com a literatura. Desde o domínio de conhecimento para ingressar na universidade bem como fonte de informação e atualização a literatura é, pela visão dessa professora, uma necessidade em sua vida e na vida de todos, pois traz “o conhecimento que eu acho que todo mundo deve ter”.

Professora Débora: Aí, literatura entra, tanto nessa parte da questão da leitura em si, né (sic), como o conhecimento que eu acho que todo mundo deve ter e ele serve pra tudo, né (sic). A literatura não entra só em livros pra vestibular, em livros que necessita se ler, nem contos de fada, não só isso, mas também em revistas, em jornais, em coisas atuais que você precisa saber. Todo professor ele precisa tá em dia, né (sic), e todo aluno precisa também principalmente, aquele que tá na fase de vestibular e tudo, naquela fase de estudar pra universidade, então a literatura ela é primordial

pra você conseguir desenvolver um bom trabalho tanto como aluno como professor também, é muito necessário.

Para a professora Maria José, literatura é:

Professora Maria José: Literatura é o conjunto de obras sobre uma área do conhecimento, toda área tem a sua literatura, assim, na medicina, tem aqueles livros que eles utilizam, não é só na nossa área não, não é só literatura infantil.

De fato, a professora Maria José assinala um significado dicionarizado utilizado para a palavra “literatura”. Entretanto, observamos que o conceito específico sobre o discurso literário não é de seu domínio. Mais uma vez, fica evidente a lacuna na formação, sobre a literatura, dessa profissional.

Conseguimos observar no conceito da professora Goretti, a utilização do conceito da teoria da Estética da Recepção, formulada por Hans Robert Jauss (2002), na qual a relação texto-leitor é construída pelo efeito e pela recepção, o efeito, condicionado pelo texto, e a recepção, condicionada pelo destinatário. É por meio dessa relação com o texto, que o leitor consegue se identificar ou não com a história, de sentir diversas sensações, encontrar respostas para seus questionamentos. Lembremos que a professora Goretti vem participando do nosso grupo de pesquisa há, pelo menos, três anos.

Professora Goretti: A literatura está muito afetada pelas pesquisas, mas a literatura pra mim é uma forma de você interagir, conversar com o outro, quando você pega um livro de literatura que você começa a conversar, eu digo que é conversar porque é uma conversa que você mantém um diálogo e naquela literatura, naquele livro que você tá lendo você, às vezes, encontra respostas até pras suas próprias angústias, e às vezes, eu me pego pensando: “Por que eu não disse isso?”, isso aqui, ele tá dizendo exatamente o que eu penso, ou, isso aqui que ela tá dizendo é exatamente o que eu gostaria de dizer. Então, a literatura pra mim é isso, é você ter essa possibilidade de conversar, de se encontrar no outro de ver no outro você mesmo, entendeu? Esse encontro mesmo de dois, de duas pessoas e no coletivo também, só que de uma forma muito particular, cada um encontra-se dentro de um livro mesmo numa leitura coletiva, cada um vai ter muito da sua leitura particular e muito do seu momento [...].

Concluindo, percebemos que o conceito de literatura varia de professora para professora e varia no que se refere à sua formação inicial, suas experiências de vida e profissional. Entretanto, todas revelam reconhecer seu valor como área de conhecimento e, a maioria, considera-na essencial.

5.3. A prática do professor formador de leitores: o mediador de leitura

Segundo Nóvoa (1995), não é suficiente para o professor o conhecimento para o saber transmitir, mas também ser capaz de compreender, reorganizar, reelaborar e ainda utilizar o conhecimento em uma situação em sala de aula. Assim, a experiência seria importante, mas somente se transforma em conhecimento por meio da análise sistemática das práticas, por meio da ação reflexiva, um aspecto que caracteriza o professor indagador, que assume sua realidade. Esse conhecimento não é disciplinar nem pedagógico, mas prático, reflexivo, a partir da experiência.

Podemos então refletir paralelamente sobre a força que a postura reflexiva implica no desenvolvimento do trabalho docente, pois a reflexão sobre o que se pensa e o que se faz pode levar o professor a perceber suas crenças e concepções, e assim, ele consegue analisar o contrato didático na sala de aula, os conteúdos contemplados, a forma como avalia, a postura de intervenção, etc.

A prática reflexiva é, hoje, uma necessidade do professor, que se vê obrigado a rever sua postura frente às mudanças provocadas pelos avanços sociais e tecnológicos. A escola contemporânea se apresenta de forma diferente, inserida em um espaço muito heterogêneo, tanto do ponto de vista cultural como social, e muitos professores, ainda se mantêm presos a hábitos e culturas advindos de sua formação escolar, o que, naturalmente, delimita muitas de suas ações de ensino. Surge, assim, a necessidade de se repensar a prática docente, na tentativa de se aprimorar as ações desenvolvidas para se alcançar os objetivos educacionais.

Nesse sentido, a formação continuada ou atividades rotineiras de planejamento passam a ser fundamentais para o desempenho profissional. A propósito, perguntamos às professoras sobre os momentos de estudo e de formação na escola.

Pesquisadora: E com que frequência ocorrem essas atividades?

Professora Rejane: Todos os dias, inclusive agora com mais assiduidade porque estão desenvolvendo atualmente um projeto de poesias do curso próprio (formação continuada) que eu estou fazendo e, então, nessa semana e na outra só poemas porque o nosso projeto é só esse, mas eu sempre leio.

Percebemos nessa fala que a professora destaca a importância dos momentos de estudo – formação continuada em serviço – como espaço de reflexão e construção de conhecimentos sobre sua prática pedagógica, fornecendo-lhe subsídios para atuar como mediadora de leitura. Demonstra estar aberta e motivada para utilizar os conhecimentos que está adquirindo nos estudos, na sua prática em sala de aula. Fruto de uma reflexão que ela fez sobre a sua própria prática pedagógica. Sobre esse processo, Macedo (1995, p. 35) afirma:

Reflexão consiste, pois, em um trabalho de reconstituição do que ocorreu no plano da ação. Além disso, trata-se de organizar o que foi destacado, de acrescentar novas perspectivas, de mudar o olhar, de se descentrar. A hipótese é que, assim, isso produzirá benefícios para a ação. Então refletir é ajoelhar-se diante de uma prática, escolher coisas que julgamos significativas e reorganizá-las em outro plano, para, quem sabe, assim podermos confirmar, corrigir, compensar, substituir, melhorar, antecipar, enriquecer, atribuir sentido ao que foi realizado.

Esse mesmo autor também discute sobre as novas competências e habilidades dos professores de hoje, que vivem em uma realidade educacional em que a exclusão pelas dificuldades de aprendizagem não pode existir. Atualmente, vê-se de forma indissociável a relação entre ensino e aprendizagem, sendo essas consideradas complementares. Se o aluno não aprende, isso não é mais um problema apenas dele, mas é algo sobre o que o professor deve refletir. Segundo o autor, é preciso que o professor também se disponha a aprender, para que esteja efetivamente preparado para, “...confirmar, corrigir, compensar, substituir, melhorar, antecipar, enriquecer, atribuir sentido ao que foi realizado”. Nessa concepção, não pode haver dissociação entre prática e reflexão, e sim uma relação de cooperação ou reciprocidade. Assim, será sempre necessário refletir sobre as próprias ações, tanto as já realizadas quanto as por serem realizadas, mesmo que em meio às constantes adversidades presentes no ambiente escolar.

A formação do leitor é uma preocupação permanente em todo o sistema educacional, que pode ser comprovado com os inúmeros projetos de leituras desenvolvidos tanto nas comunidades escolares de forma particular como em projetos de dimensões maiores, assim como concursos, e eventos sobre a temática.

Mas, formar leitores requer de todos os que estão envolvidos, nesse processo, condições favoráveis para a prática da leitura.

Para a disseminação da prática da leitura na escola é necessária, entre outros componentes, diversidade maior de textos literários à disposição dos alunos, para que eles ampliem seus horizontes de leitura e de mundo.

Marisa Lajolo (1982) afirma que um professor bem sucedido é aquele que se confina ao papel de propagandista persuasivo de um produto (no caso a leitura), que, sob a avalanche do *marketing* e do *merchandising*, corre o risco de perder ao menos em parte sua especialidade.

Nesse sentido, todas as professoras da pesquisa afirmaram trabalhar com a leitura literária diariamente, ou “praticamente todos os dias” (Professora Goretti). Essa leitura é trabalhada, como mostra a professora Diva, sem cobrança, diferentemente do que ela vivenciou quando era estudante, com leituras obrigatórias para responder a questionários.

Professora Diva: Diariamente. Nós iniciamos após a oração na manhã, nós sentamos na rodinha, forro ali o chãozinho, eles já tem a prática, eles já vão pra lá é o chão de leitura deleite, porque eu conto pra eles se deliciarem, não cobrando nada só pra estimular o gosto, pra ouvir contar histórias.

Existe também a prática do ensino de leitura em que a leitura é trabalhada conjuntamente com o livro didático, em que se utiliza do livro literário apenas para “tapar buraco” (Professora Maria José).

Encontramos também o relato de uma professora que incorporou à sua prática de formadora de leitores, teorias e práticas de leituras que aprendeu em uma pesquisa do grupo de pesquisa Ensino e Linguagem, da UFRN, na qual foi professora colaboradora.

Professora Goretti: Bom, nós temos assim aquele horariozinho de cada disciplina, mas eu procuro, eu tenho uma visão, a seguinte: como eu estou muito afetada pelas pesquisas, pela pesquisa lá da

universidade, eu comecei a olhar hoje em todos os textos que eu leio até no didático mesmo, história e geografia eu comecei a olhar com olhar literário, então quando eu vou ler aqueles textos para as crianças eu sempre procuro ler de alguma forma ou passar para eles como se eu tivesse trabalhando um livro literário. De alguma forma, eu percebo que a recepção tá sendo bem melhor, mas a frequência com que eu trabalho o texto literário é praticamente todos os dias, raras exceções um ou dois dias, mas praticamente todos os dias eu apresento um texto literário pra eles.

Com relação a planejamento, geralmente quando eu quero, pretendo mediar de forma mais intensa, trabalhar aquele livro específico, aquele livro literário ali de uma forma mais densa aí, eu faço um planejamento prévio; tudo o que me foi passado na pesquisa, aquele planejamento de fazer a pré-leitura, estudo o livro, releio o livro em casa, leio o livro várias vezes pra compreender direitinho, procurar informações que eu sei que talvez possam ser abordadas pelas crianças e trago, mas isso é um trabalho que como é muito sistematizado e o próprio tempo também que toma que requer não é, essa situação maior, então, assim, geralmente, eu marco pra trazer eu me desligo das outras disciplinas e ou centrar o foco naquele dia, com aqueles meninos e trabalho, deixo bem à vontade vou trabalhando tudo o que foi determinado no meu planejamento, mas a frequência com que eu apresento o texto e até ensaio as perguntas, algumas reflexões, mas não muito aprofundado, meu objetivo não é aquele, é mais pelo prazer mesmo de ler, às vezes, eu trago aquele livro, leio pra eles e numa outra oportunidade aí, eu vou trabalhar aquele livro com olhar mais reflexivo, aí faço todo o planejamento, aí eu já vejo que isso faz uma diferença também quando eu trago o livro leio eles ouvem como uma narrativa normal e depois eu trago numa outra oportunidade já com esse olhar mais cuidadoso, com objetivo mais específico, de mediar, de fazer com que eles percebam a reflexão do que aquela leitura vai trazer pra ele, um encontro mesmo, mas a apresentação, a presença do livro, do texto literário é uma constante na minha prática.

Nesse relato, percebe-se claramente o impacto da formação continuada na prática da professora. Ela demonstra ter cuidado com o planejamento, faz estudos sobre o texto a ser apresentado para seus alunos. Mostra também que faz duas abordagens à literatura. Algumas vezes, ela apenas lê o texto para os alunos e, em outras, planeja estudo mais elaborado. Essa prática, segundo a professora, já tem promovido diferenças nos alunos. Portanto, desde realizar encontros com a leitura por prazer até aqueles em que aprofunda reflexões, a professora revela estar influenciada pela formação que tem recebido como participante das pesquisas na UFRN.

Outro questionamento que levantamos a respeito da prática de leitura em suas salas de aulas dessas professoras foi em relação ao planejamento dessas atividades. Na escola, existe uma rotina de planejamento, cada professora tem um

dia na semana, no horário da aula, para planejar. Nesse dia, as crianças têm aulas de artes, vídeo, educação física.

No relato da professora Diva, encontramos a sua preocupação com a escolha do livro, com a preparação do local, com a voz, com a receptividade dos alunos. Para Abramovich (1991, p.20), é importante: “ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim, quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega ao ouvinte”.

Vejamos o relato da professora a propósito:

Professora Diva: Pronto, agora mesmo eu estou planejando o que vai ser pra amanhã não é, eu já faço um planejamento prévio. Faço aqui na biblioteca, fiz teatro, tem que motivar de alguma forma, dar entonação aos personagens, se eu não conhecer a história como é que eu vou passar a emoção pra eles? Sempre eles já tão acostumados que, no final, querem saber quem é o autor, vários livros, a maioria tem no final a foto e o historicozinho, né (sic), um pequeno histórico do autor, a biografia e eles querem saber já, eles já tão, já tem o ritmo já, aquele ritualzinho que eles mesmos já sabem.

Para a professora Goretti, seu planejamento com a leitura literária é mais elaborado, ela tenta pôr em prática tudo que aprendeu ultimamente na sua volta a academia, conforme já citamos:

Professora Goretti: Com relação a planejamento, geralmente quando eu quero, pretendo mediar de forma mais intensa, trabalhar aquele livro específico, aquele livro literário ali de uma forma mais densa aí, eu faço um planejamento prévio; tudo o que me foi passado na pesquisa [...]

Na busca por compreender como ocorre a formação da cultura leitora do professor e como essa formação está relacionada com a sua prática de formador de leitores, nos questionamos: Existe alguma relação entre as práticas das professoras da pesquisa com as práticas das professoras que elas tiveram? Essa relação perpassa pelo que os teóricos da formação do professor chamam de saberes docentes: “Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo

amalgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (TARDIF, 2012, p. 36).

Para Tardif (2012, p. 40) “A relação que os professores mantêm com os saberes é a de “transmissores”, de “portadores” ou de “objetos” de saber, mas não de produtores de um saber ou de saberes que poderiam impor como espaço de verdade de sua prática”.

Para as professoras do 1º e do 2º ano existe, mesmo que um pouco remota relação entre a forma como elas conduzem a aula de leitura e a maneira como seus professores faziam. Assim, comentam sobre essa relação:

Professora Diva: Sim, isso tudo faz parte do contexto, não dá pra gente mudar muito assim, também não; a gente vai mudando a medida que a gente vai conhecendo coisas novas que acrescentem, mas o velho a gente tá sempre no dia-a-dia, como as nossas teorias, tem alguma coisa do velho que ainda está na minha formação que eu ainda não consigo me desprender, mas eu estou vendo que eu não posso ficar no velho, eu tenho que atuar, hoje, com as perspectivas de hoje.

Professora Rejane: Tem muita relação, então eu tento desvencilhar isso a todo o momento porque é uma coisa que fica enraizada e o que é que eu faço, eu busco conhecimentos para aperfeiçoar a minha prática, me desvencilhar desses hábitos que foram construídos em mim, porque é difícil; você foi alfabetizado de uma maneira e você quer alfabetizar bem, aí, você sempre pega alguma coisa do passado infelizmente, aí o que é que eu faço, me vigio constantemente pra não repetir pelo menos da época da palmatória, então não tenho como repetir isso, graças a Deus!

Devemos ressaltar que apesar de reconhecerem a relação com o passado, esse não se apresentam como algo positivo, mas como algo negativo, como marca a se desvencilhar. As práticas do passado que são referências no presente apresentam-se como uma raiz indesejável. Percebemos, então que o professor vive um conflito insuperável, pois internalizou valores e modelos do passados dos quais deseja ficar livre; essa posição o coloca em desarmonia com sua própria história e, por conseguinte, deve repercutir em sua identidade profissional algo incômodo.

De acordo com Tardif (2012, p. 66):

Para atingir fins pedagógicos, o professor também se baseia em juízos provenientes de tradições escolares, pedagógicas e profissionais que ele mesmo assimilou e interiorizou. Ele se baseia, enfim, em sua “experiência vivida” enquanto fonte viva de sentidos a partir da qual o próprio passado lhe possibilita esclarecer o presente e antecipar o futuro. Valores, normas, tradições, experiência vivida são elementos e critérios a partir dos quais o professor emite juízos profissionais.

No processo de aprendizagem a relação com o outro é inevitável, e é inevitável também as marcas que cada um dos envolvidos nesse processo traz consigo, são valores, práticas, vivências, exemplos, que muitas vezes ficam enraizadas no dia-a-dia. No caso do professor, ele precisa conciliar harmoniosamente 3 (três) aspectos: “O docente é, ao mesmo tempo, um sujeito (com suas características pessoais), um representante da instituição escolar (com direitos e deveres) e um adulto encarregado de transmitir o patrimônio humano às jovens gerações (o que é uma função antropológica)” (CHARLOT, 2005, p. 77).

Apesar de afirmarem que em sua prática pedagógica há marcas das práticas das suas professoras, essas professoras têm consciência da necessidade de refletir sobre sua prática em sala de aula, “o novo surge e pode surgir do antigo exatamente porque o antigo é reatualizado constantemente por meio dos processos de aprendizagem” (Tardif, 2012, p. 36).

Para esse mesmo autor, são 3 (três) os saberes docentes: os saberes disciplinares, os saberes curriculares, e os saberes experienciais. Os saberes disciplinares, são:

Saberes que correspondem aos diversos campos do conhecimento, aos saberes que dispõe a nossa sociedade, tais como se encontram hoje integrados nas universidades, sob a forma de disciplinas, no interior de faculdades e de cursos distintos. [...] Os saberes das disciplinas emergem da tradição cultural e dos grupos sociais produtores de saberes (TARDIF, 2012, p. 38).

Os saberes curriculares correspondem:

Aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela

definidos e selecionados como modelos da cultura erudita e de formação para a cultura erudita. Apresentam-se concretamente sob a forma de programas escolares (objetivos, conteúdos, métodos) que os professores devem aprender a aplicar (TARDIF, 2012, p. 38).

Tardif (2012, p. 38) considera que nos saberes experienciais:

Os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser.

O professor, para refletir sobre sua prática, deve fazê-lo não apenas sozinho, pois, como lembra Nóvoa (1995), é na troca de experiências e na partilha de saberes que cada um irá consolidar os espaços de formação mútua. Por essas experiências e saberes o professor é chamado a assumir, simultaneamente, o papel de formador e formando. Se quisermos dar à leitura a devida importância para a formação do indivíduo, a formação continuada deve dispor de condições pessoais, institucionais e estruturais, que permitam aos professores analisar e refletir sobre a lógica de trabalhos científicos na área de leitura. Acredito que entre os caminhos possíveis pode ser destacada a possibilidade de articulação de ações entre professores dos diversos níveis: Ensino Fundamental, Médio e Superior.

A formação sócio-histórica do ser humano é um processo que, assim como Freire (1996), acreditamos ser inacabado, até o último dia de sua vida, o homem está em constante processo de formação. Analisando nessa perspectiva, as entrevistas dessas 5 (cinco) professoras, percebemos que foi ao longo do tempo, desde a sua infância, escolarização até os dias de hoje, que elas estão enriquecendo na cultura leitora e na formação profissional. Essas professoras, explicitamente, ou não, comparavam a sua prática leitora com a sua prática de ensino de leitura.

Podemos concluir então que, vivenciando diferentes situações as professoras conseguem refletir sobre as suas experiências de leitura e as facetas de suas

práticas, que possivelmente estão presentes no trabalho que realizam na formação de alunos leitores de literatura.

5.4. A prática do professor formador de leitores: o que dizem os alunos

Para compreender melhor a prática do ensino de leitura de literatura dessas professoras entrevistadas, fomos até os alunos para saber o que eles pensam dessas práticas. Seleccionamos 5 (cinco) alunos (as) da turma do 5º ano matutino que estudavam na escola desde o 1º ano do ensino fundamental, e que haviam sido alunos dessas professoras.

A amostragem dos alunos (as) consta de 2 (dois) meninos e 3 (três) meninas; sendo 4 (quatro) alunos (as) com 10 anos e 1 (uma) aluna com 11 anos; dos 5 (cinco) alunos (as), 3 moram com o pai e a mãe e 2 moram só com a mãe; 1 (uma) é filha única e os outros têm entre 1 e 2 irmãos; apenas 1 dos pais dessas crianças, só o pai trabalha fora, as outras responderam que tanto o pai como a mãe, trabalham fora; um dado importante é que todos os alunos moram no mesmo bairro da escola e nenhum precisa de transporte para chegar até a escola.

Para a entrevista dos alunos (as) elaboramos um documento semi-estruturado, que se compôs de duas partes: primeiramente um roteiro de entrevista (Anexo 3) pré-estabelecido com 17 (dezessete) questões, que tiveram como objetivo levantar informações referentes ao gosto da leitura desses alunos, suas vivências de leitura em casa e na escola e como eles veem a prática do ensino de leitura de literatura de suas professoras.

E em seguida uma ficha pessoal (Anexo 4), contendo informações como idade, sexo, se moram ou não com os pais, se tem ou não irmãos, em que bairro moram.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, a identidade desses alunos (as) foi mantida em sigilo e seus nomes foram substituídos por nomes de crianças com as quais convivo diariamente: sobrinho, afilhado (a), vizinhas.

Nas entrevistas, um dos primeiros questionamentos era: “Você gosta de ler?”, e dos 4 (quatro) alunos (as), apenas 1 (um) disse não gostar de ler porque dá preguiça, mas essa preguiça é ocasionada pelo ambiente no qual ele tem para estudar em casa, apenas a sua cama, pois “a mesa da cozinha está sempre

ocupada”, e na cama “acaba dormindo”, mas na escola ele diz gostar de ler e de escutar as histórias que a professora lê.

Ao serem questionados (as) sobre o que é ler, muitos relacionaram a “aprender”, a aprender coisas que antes não sabiam e a importância da leitura para o futuro, acreditam que com a leitura será possível ter prestígio social, conseguir ter um bom emprego.

Vejamos algumas respostas:

Alice: Ler é aprender, porque quando a gente tá lendo, tá aprendendo várias coisas novas, sempre que eu leio alguma coisa, eu aprendo.

Eduarda: Ler é uma coisa muito boa, porque faz aprender, e aprender é muito importante para o futuro. Eu quero ser enfermeira e quando eu for estudar para ser enfermeira eu vou precisar ler muito, minha tia que diz; então eu já estou lendo, porque minha tia diz que tem que “criar uma bagagem de leitura” para poder ser enfermeira.

Esses discursos são pautados na ideia de que precisamos estudar, aprender a ler e a escrever, para ter uma vida melhor, para fazer as tarefas e exercícios da escola, para ter uma formação, para continuar estudando, para estar informado e para poder se comunicar com os outros. Discursos que vão se internalizando e constituindo os sujeitos a partir das diferentes realidades e relações que estabelecem com os outros na sociedade em que vivem. Nesses discursos há o domínio do conceito de leitura à aprendizagem e à ascensão social.

Apesar de ter sido o primeiro a levantar a mão no momento da seleção para as entrevistas, João se mostrou resistente em responder aos questionamentos, era preciso sempre instigá-lo para que ele desse suas respostas, para ele ler “é viajar”:

João: Sim, cartaz, tinha um cartaz que dizia assim: “Ler é viajar”, e eu concordo, sabia?! Ler do livro normal, das matérias não, é uma leitura que você tem que fazer para aprender, como é que chama? Eu estudei esse ano, depende do gênero, acho que é gênero informativo, então não tem como viajar muito. Mas já nesses outros livros que a professora leva para ler ou que pega aqui na biblioteca, aí sim, tem viagem, tem cada história, muito massa (si). [...] Ler também é entender tudo que está escrito, as palavras podem dizer muitas coisas, entende? Vou explicar melhor, tem que ler direito,

concentrado, porque uma palavra pode ter mais de um significado, vai depender do que o texto todo vai dizer.

A resposta de João revela que ele faz distinção entre os livros didáticos de caráter informativo e os de literatura que possibilitam viajar. O discurso claro, articulado de João revela que ele tem vivenciado processo de mediação proficiente que o habilita a expressar com precisão as experiências diferenciadas de leitura que ele vivencia na escola.

Outro conceito que pedimos para eles, como também para os professores foi o de literatura. A esse respeito recebemos algumas respostas que se destacam:

João: Literatura tem haver com a história desses tipos de livros que tem aqui na biblioteca. A professora já explicou isso. Literatura é a leitura desses livros que tem histórias diferentes, é ficção! É essa a palavra que eu queria, literatura é ficção, que não é verdade, entende?! Por isso, que viaja na nossa imaginação. Eu gosto mais de literatura do que desses livros que tem matéria, é muito cansativo. Os livros de história que tem a literatura eu fico viajando, imaginando um monte de coisas, fico querendo ser um personagem da história, é massa (sic)!

Miguel: Então, eu acho que literatura é uma coisa legal.

Pesquisadora: **Mas você acredita que a literatura é legal, por quê?**

Miguel: Porque se for aquelas histórias que as professoras contam na sala, é bem legal, tem umas coisas que não tem nada há ver, que não podem acontecer de verdade, umas histórias antigas, tem umas parecidas, muda só o nome das pessoas.

As respostas revelam alunos que pensam sobre as experiências de leitura a que têm acesso nas aulas. Experimentam a natureza ficcional do texto e sabem usufruir das possibilidades que a literatura os oportuniza. Como sabemos, a leitura de literatura possibilita que o leitor vivencie situações nunca vividas ou experimentadas, através do mergulho que ele faz na ficção. Os conceitos dos alunos coincidem com as palavras de Abramovich (1991, p.17):

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica [...] É ficar sabendo história, filosofia, direito,

política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...]

Discutindo o papel formativo da literatura, Candido aponta suas funções principais: “satisfaz a necessidade universal de fantasia, contribui para formação da personalidade e é uma forma de conhecimento do mundo e do ser” (1972, p. 802).

Também interrogamos esses alunos (as) se eles consideravam a literatura importante, e sem exceção, todos consideram a literatura importante, pois ela proporciona “conhecer outros lugares”:

João: É sim, claro. Porque se não fosse esses livros eu não conhecia tantas histórias cabulosas, eu só ia conhecer o que é verdade, a ficção eu não ia conhecer.

Clara: É eu acho! Porque quando a pessoa lê, acaba conhecendo histórias que nunca pudesse conhecer. E isso trabalha com a cabeça da pessoa. Sabe que uma vez eu vendo televisão, um médico disse que ler é importante para a cabeça não parar de funcionar, eu fiquei sem saber, aí eu perguntei a minha mãe e ela me explicou que é para que nossa cabeça fique sempre em atividade, não fique esquecida e nem pensando besteira. Então, eu acho que ler literatura é importante, porque a cabeça fica só viajando naquelas histórias.

Miguel: É importante sim, porque a gente conhece várias histórias, vários lugares, assim, tem uns lugares que eu não sabia que existe aí vai e tem na história, então a gente pergunta onde é, a professora explica. Também tem história que a gente acha que vai terminar de um jeito e termina de outro.

Eduarda: Porque é um mundo diferente do nosso, são histórias diferentes das que eu conheço, tem muitas coisas diferentes, a pessoa viaja para outro mundo.

Então, podemos afirmar que a literatura faz diferença em nossas vidas, proporciona experiências profundamente humanas, porque nos ajuda a formular perguntas para nossa vida, estimulam nossa sabedoria, nossa busca de conhecimento de nós mesmos e do mundo. Assim, a literatura, encanta e ensina, porque, lendo-a, aprendemos algo sobre nossa vida, ao mesmo tempo em que aprendemos sobre a importância da literatura na formação do ser humano, sobre os ambíguos vínculos entre fantasia e realidade, sobre a “função integradora e transformadora da criação

literária com relação a seus pontos de referência na realidade” (CANDIDO, 1972, p. 805).

Sabendo da importância da literatura para a formação do indivíduo, perguntamos para os alunos como é a prática do ensino de leitura de suas professoras, o que as professoras fazem?

Eduarda: Tem sim. A professora leva um livro, lê e depois fala sobre a história do livro.

Pesquisadora: Quem fala sobre o livro, a professora?

Eduarda: A professora e os alunos também tem discussão, tem vez que tem que parar para poder ficar tudo em silêncio e cada um fala de cada vez, porque tem vez que tem gente que não concorda com o outro, aí, fica só falando (risos), eu acho engraçado, sabe.

Miguel: É tem sempre leitura, roda, ou então ler com um amigo, a professora também conta, eu gosto quando a professora conta.

Miguel: Ah, tem. Eu gosto muito quando ela conta histórias, a voz dela com os personagens. É personagens, mesmo que se fala?

Pesquisadora: Isso. Personagens.

Miguel: Pois é, às vezes, ela diz por que escolheu, manda a gente pesquisar sobre quem escreveu, pergunta o que a gente acha que vai acontecer na história, quando acaba ela pergunta o que a gente gostou, o que a gente entendeu.

Pesquisadora: Ela passa alguma atividade, depois da leitura?

Miguel: Às vezes, mas é mais assim, perguntando, às vezes a gente pesquisa no dicionário alguma palavra difícil que não entendeu.

Pesquisadora: E você gosta desse tipo de aula?

Miguel: Gosto, porque não fica tão cansativo como é quando a aula é só copiar do quadro para o caderno, ficar respondendo do livro para o caderno, é diferente.

Clara: Tem sim, sempre tem, desde o jardim. As professoras faziam uma roda no chão e liam um livro mostrando as figuras. Também tem livros na sala, aí em uma hora da aula, ela pede para a gente escolher e ler na mesa, ou então, um escolhe e lê para todo mundo, mas geralmente é a professora que lê.

Pesquisadora: Você tem aula de leitura de literatura? Como são essas aulas?

Clara: Tem sim. A professora leva um livro, lê e depois a gente faz comentários, ela pergunta algumas coisas, ou manda recontar a história, depende do livro, depende do tempo também, às vezes é pouco tempo, às vezes é muito tempo, se o livro for bom, aí, é mais tempo, tem livros que são muito bons e, então, a gente fica falando sobre ele vários dias.

Alice: É, sempre elas separam um momento da aula para leitura, não são todos os dias, mas sempre acontece.

Alice: Tem sim. Quando era menor, era em rodinha, era com teatro, fantoches, agora é mais só o livro mesmo, tinha a professora Diva que ela lia mostrando as figuras, eu acompanhava pelas figuras.

João: É assim, a professora sempre leva esses livros e lê a história, ou, então, conta mesmo, um conto, sem ler, eu acho massa, porque ela lembra tudo, mas antes as outras professoras também liam, entende, às vezes, quando eu era menor, sentava no chão em roda, às vezes tinha fantoche, almofada.

O que discutimos aqui não é se as práticas dessas professoras são certas ou erradas, mas sim, se essas práticas de ensino de leitura ajudam na formação de seus alunos como leitores de literatura, e se eles gostam dessas aulas. Conhecemos a heterogeneidade de uma sala de aula e junto com ela as especificidades que cada aula, disciplina, tema requer tanto do professor como do aluno.

As estratégias criadas pelas professoras para as aulas de leitura são em função da imagem que têm de seus alunos no momento em que realizam o trabalho de mediação. Essas estratégias podem responder às demandas pedagógicas de formas diferentes, em razão de quem as realiza e dos objetivos que possui ao realizá-las.

Percebemos pelo relato dos alunos (as) que as práticas dessas professoras são bem parecidas, alguns (as) relembram de como as professoras do 1º e 2º ano faziam “rodinhas, fantoches, teatros”. As professoras do 3º ao 5º ano já utilizam o livro de uma maneira mais próxima aos alunos, visto que eles já têm o domínio do código escrito. Observamos a presença do dicionário para esclarecer o sentido de palavras desconhecidas e o domínio de vocabulário específico como “ficção”, “personagens”. A prática, agora, é de leitura tanto por parte das professoras como dos alunos, eles têm acesso a livros de literatura dentro da própria sala de aula. Pelos depoimentos, essas práticas de leitura de literatura estão bem consolidadas e aceitas pelos alunos, pois ao serem perguntados se gostariam de modificar algo na aula de leitura, todos disseram que não, mas que queriam “ter uma leitura todo dia” (Alice).

A formação de leitores de literatura requer que se considere seu potencial de desenvolvimento (perspectiva vigostkiana): a partir de suas possibilidades atuais de leitura, mas, principalmente, com base nas possibilidades de leitura que podem se

desenvolver com o auxílio de um leitor mais proficiente, ao leitor em formação se destinam textos que ofereçam problemas de leitura a serem solucionados em um trabalho de colaboração entre aluno e professor.

Para isso, é necessário que o professor conheça as possibilidades do seu aluno, a fim de que, com base nas potencialidades atuais vislumbre o desenvolvimento da capacidade de leitura desse aluno, sejam feitas as escolhas dos textos a serem lidos, bem como as atuações a serem realizadas sobre esses textos.

Com o objetivo de identificar como e quais as marcas de leituras que as professoras deixam em suas aulas para os alunos, perguntamos se suas professoras falam, em sala de aula, sobre as leituras que estão fazendo, sobre os livros que estão lendo ou que já leram, se eles percebem o gosto pela leitura por parte de suas professoras.

Miguel: Eu acho que elas gostam, porque se elas leem para a turma é porque elas gostam, eu acho que elas gostam, porque assim, elas entram na história, a fala e o olho mudam, sei lá, parece que ficam contentes.

Clara: Acho que elas gostam sim, porque se não gostassem não faziam. A professora Goretti ela até chora, às vezes, você acredita? Ela muda a voz quando muda de pessoa na história. A professora Diva quando ela lia, ela trazia fantoches, ela falava mais alto, ela fazia teatro.

João: Eu acho que elas gostam sim, porque se elas leem para a turma e se elas mandam a gente ler, é porque elas gostam também, porque elas não gostam de barulho e manda a gente ficar em silêncio, então se elas não gostassem de ler elas não mandavam ler, entendeu?

Alice: E acho que elas gostam de ler sim. Principalmente professora Rejane e professora Goretti, porque elas chegam mudam as vozes.

Eduarda: Elas dizem que gostam de ler, então eu acredito (risos). A professora Goretti deixa a pessoa falar o que quer sobre o livro, eu gosto quando ela pergunta o que cada um achou do livro.

Os alunos focalizam, sobretudo a mediação entusiasta e envolvente das professoras. Esse comportamento é o testemunho mais impactante de que as

professoras gostam de ler. Uma professora (Goretti) também permite que os alunos manifestem o que pensam sobre o que leem – essa atitude pedagógica valoriza a voz do aluno e explora o potencial comunicativo da literatura. Demonstra também a vivência do conceito de leitura como troca entre interlocutores, conforme ela já havia declarado em entrevista na página 85: “literatura [...] é uma forma de conversar com o outro”.

Entretanto, não encontramos registro de que elas falam de livros que estejam lendo.

Como afirma Nóvoa (1995), o professor forma a sua identidade profissional englobando o individual, não dissociando o pessoal do profissional. Apesar de não explicitarem em suas falas durante as aulas para seus alunos suas práticas de leituras, os alunos conseguiram identificar implicitamente elementos no comportamento como mediadores de leitura, de modelos de leitores. Para esses alunos, a prosódia, a emoção, o testemunho e o “simples” ato de ler, se tornam motivos para considerarem suas professoras leitoras modelos para eles.

No relato da aluna Eduarda podemos identificar uma boa receptividade na prática da professora Goretti, a professora dá ao seu aluno a possibilidade dele expor suas impressões sobre a obra. Observamos também que esses alunos acreditam na veracidade das práticas e das falas de suas professoras, se as professoras têm determinada prática a fazem porque sabem que o que estão fazendo é correto. Para esses alunos a prática pedagógica dessas professoras está entrelaçada no gosto pelo que elas fazem, ou seja, se as professoras leem para os alunos, é porque elas gostam de ler.

6.Considerações finais

Neste momento, nos preparamos para concluir, ainda que limitadamente, visto que as verdades não são irrefutáveis, este caminho que nos propusemos percorrer. Conclusões que não significam um ponto final, mas o olhar de novos atalhos e novos percursos.

Os primeiros passos deste estudo nos auxiliaram a desenhar o pano de fundo da caminhada, levantando dados importantes sobre o contexto em que se daria a pesquisa, como algumas informações sobre a escola e, principalmente, sobre as professoras, sujeitos da investigação. O grupo de participantes mostrou-se plenamente receptivo ao desenvolvimento do trabalho.

Os sentidos que assinalamos, neste estudo, são sentidos construídos pelos diálogos que tivemos oportunidade e condição de manter com autores da literatura pertinente e selecionada. Apresentamos, portanto, essas limitações certas de que, a partir das mesmas, muitos outros diálogos poderão ser criados e recriados. Assim, concluímos o estudo tecendo algumas palavras a respeito da temática abordada.

No ato de ler, quanto maior for as experiências leitoras dos sujeitos, maior será sua bagagem cultural. A formação de um repertório de leitura é uma construção constante. E a isso os professores devem estar atentos. Contudo, temos visto ao longo do tempo, que a leitura literária perde sua relevância com o passar das etapas da educação básica. Ler é entendido como o ato de decodificar palavras e interpretá-las, reconhecendo seu significado de acordo com o contexto. Todavia, o ato da leitura envolve muito mais coisas do que ler e escrever um código gráfico. Ler também significa a formação de um olhar a respeito do mundo.

No caso da literatura, devemos tratá-la não como mais um gênero, mas sim observá-la a partir do que produz seu efeito estético, reconhecendo seu papel na sociedade. A partir dos textos literários é possível se conhecer um pouco mais de nós mesmos e da cultura na qual estamos inseridos. Entendemos que a leitura de literatura conduz o leitor à descoberta do imaginário crítico, permitindo ao leitor de literatura a capacidade de ver mais além do que qualquer nível de realidade superficial de um texto.

O texto literário é complexo e essa complexidade não pode ser eliminada. Uma escola que almeja construir aprendizagens significativas, e que queira

proporcionar aos seus alunos um ensino de qualidade, comprometido com todos os aspectos do homem, não pode permitir o uso da literatura como se estivesse utilizando um texto informativo, por exemplo, isso porque, o texto literário possui um discurso com as mais variadas dimensões e referências. A maneira equivocada como o texto literário tem sido trabalhado nas salas de aula, é algo problemático, posto que a função da literatura não seja ser um livro paradidático, mas que possa promover uma reflexão prazerosa.

Ao longo desta investigação nossa preocupação foi compreender como se constitui a cultura leitora do professor mediador de leitura, tanto no âmbito pessoal como no profissional, e como essa cultura repercute na prática sistemática desse ensino de leitura literária. Sendo assim, a partir das entrevistas das professoras, acreditamos que a prática dos professores em sala de aula está diretamente ligada à história de vida de cada uma delas. Compreendemos também que a memória é o berço de todas as descobertas e criações humanas que garantem a criatividade intuitiva no trabalho cotidiano. Ensinar sobre os viveres do homem, suas invenções e criações, desvinculando-as de sua história de vida e de todo o processo que percorreu para se tornar quem ele é, e o que ele faz, é roubar-lhes a origem. O processo de ensino-aprendizagem está interconectado, em todos os sentidos. A tessitura histórica aparece fortemente vinculada à existência do homem, sua forma de se ver no mundo, sua relação com as coisas e os seus afazeres.

A formação do professor se modela através de uma socialização inseparável das aquisições escolares e dos efeitos da formação pessoal contínua. Ou seja, não são só os cursos de formação que repercutem na formação do professor, outros espaços vão esculpindo um sentido singular a cada história de formação e, em maior ou menor grau, contribuem com esse processo. Além disso, a formação também sofre influências de fatores socioculturais constitutivos do processo de desenvolvimento individual de cada pessoa. Por isso, profissionais que passam pelos mesmos cursos na prática agem tão diferentes, com histórias e projetos de vidas diferentes. Por isso, acreditamos que no processo de formação do leitor de literatura a individualidade é fator essencial, pois está contextualizada com o coletivo, no seu percurso de vida e formação pessoal e profissional.

Diante de uma abordagem discursiva, o ensino de leitura é compreendido em um enfoque mais amplo, porque se considera que o sujeito-leitor possui uma história de leitura. Acreditamos assim, que quando os professores experimentam a condição

de leitores se apropriam do ato de ler e de suas estratégias pedagógicas, reconhecem as dificuldades, limites e possibilidades do processo de formação do leitor.

A partir das análises das entrevistas e do percurso teórico deste estudo, podemos concluir que a construção da cultura leitora de um professor é um processo de múltiplos aspectos, já que a leitura constitui processos cognitivos de ensino-aprendizagem bastante distintos. Sua prática também é compreendida no âmbito social em que se vive e a formação de professores leitores implica em caminhos diversos desde o exemplo familiar, os espaços de sociabilidade, as oportunidades da vida bem como das instituições formadoras.

Podemos afirmar também, como constatado nos relatos das professoras, que um professor que vem formando uma cultura leitora ao longo de sua vida, que se identifica com a leitura e com os livros, manifesta um vínculo afetivo para com o ato de ler e desde a infância pôde usufruir do contato com materiais escritos, apresenta prática diferenciada, planejada, comprometida com o prazer da leitura.

Interpretando esses relatos, podemos inferir que as diferenças como aconteceram e acontecem, já que são seres sociais em contínuo processo de formação, a construção da cultura leitora dessas professoras pode advir não só de seu vínculo afetivo com a literatura e a frequência com que praticam o ato de ler, mas também nas possibilidades de acesso no processo de formação inicial, que todas tiveram e da formação continuada, em que o ensino de leitura e a mediação de textos estiveram presentes. É inegável que durante a formação inicial de cada uma delas, houve a aquisição de conhecimentos teórico-metodológicos que influenciam suas práticas educativas com a leitura até hoje.

Além da formação inicial, os professores podem construir sua trajetória de formação em diferentes instâncias e contextos, aprimorando e ampliando suas experiências intra-escolares, mas tal formação se dá, principalmente, no contexto de suas experiências profissionais, a verdadeira formação do professor se dá no espaço escolar.

Ressaltamos que a escola é fundamental na formação do professor, considerando que nos espaços de formação inicial os professores aprendem determinadas habilidades que legalmente os capacitam para o exercício do magistério, mas que, envoltas pela racionalidade técnica do processo, os impedem de vivenciar situações singulares do campo da racionalidade prática.

A formação do professor como leitor envolve questões relativas à sua subjetividade, a suas crenças e valores, e esse aspecto necessita ser incorporado e valorizado pelos cursos de formação inicial de professores. Os cursos de formação inicial e continuada de professores precisam de uma mudança de concepção no seu currículo, não se preocupando apenas com o nível intelectual, mas também com o nível afetivo e sensorial, favorecendo assim a construção da subjetividade dos professores.

Sobre a formação do professor como leitor, reconhecemos a função de cada uma das instâncias formadoras do leitor, a família, a escola, os cursos de formação inicial e continuada, tecendo uma cadeia de influências institucionais, cada uma com sua especificidade, colaborando assim para a formação e transformação do perfil leitor dos professores, e assim, transformando a sua prática pedagógica na qual o objetivo primeiro das aulas de leitura seja a formação de alunos leitores.

É papel da escola e do professor, não somente ensinar a ler e escrever, mas também de criar condições para que o aluno consiga realizar sua própria aprendizagem. A leitura é então, uma ponte para um processo educacional eficiente, pois proporciona a formação integral do indivíduo. Para que isso aconteça, o professor é elemento chave nessa formação, ele deve demonstrar que lê e que gosta do que faz, e passar para os alunos o entusiasmo que tem ao ler e ao tecer comentários sobre o texto. Podemos finalizar afirmando que, a probabilidade de um professor leitor ter uma prática sistemática ativa e competente de formação de leitores seja bem maior, do que a de um professor não-leitor. É esse o testemunho das 5 (cinco) professoras que apresentamos neste estudo.

7.Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1991.

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras/ ALB/ FAPESP, 2003.

AGUIAR, Vera Teixeira de (Org.). **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

ALARCÃO, I. (Org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: a leitura crítica na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

AMARILHA, Marly. **Bem-Que-Ler**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/ Ministério da Cultura/ Programa Nacional de Incentivo à Leitura, 1996.

AMARILHA, Marly. **Estão Mortas as Fadas?** Literatura Infantil e Prática Pedagógica. 9ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

AMARILHA, Marly. **O ensino de leitura: a contribuição das histórias em quadrinhos e da literatura infantil na formação do leitor**. CNPq/ UFRN, Departamento de Educação. Natal-RN: 2007. (Relatório de pesquisa)

AMARILHA, Marly. **O ensino de literatura: processos de andaimagem e argumentação para formar mediadores de leitores na escola fundamental**. Projeto de pesquisa. Natal-RN: UFRN/CNPq. Departamento de Educação, 2007. (Projeto de Pesquisa)

AMARILHA, Marly. **O ensino da literatura infantil da 1ª a 5ª séries do 1º grau nas escolas da rede estadual do Rio Grande do Norte.** Relatório final. Natal-RN: UFRN/ CNPq. Departamento de Educação, 1993.

AMARILHA, Marly. **O ensino de literatura na escola:** as respostas do aprendiz. Natal-RN: CNPq/UFRN, Departamento de Educação, 1994. (Relatório de Pesquisa)

ANDRÉ, Marli D. A. de. **Etnografia da prática escolar.** 13. ed. Campinas-SP: Papirus, 1995.

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. **Biblioteca: lugar de memória.** In: VASCONCELOS, José Gerardo; JÚNIOR, Antonio Germano Magalhães (Orgs.) **Memórias no plural.** Fortaleza: LCR, 2001.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **Enigma e Comentário:** Ensaio sobre Literatura e Experiência. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: HUCITEC, 2003.

BATISTA, A A G. Os (As) professores(as) são “não leitores”? In: MARINHO, M.; SILVA, C. S. R. Da (Orgs.). **Leituras do Professor.** Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1999. (Coleção Leituras no Brasil).

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Trad. Arlene Caetano. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora, 2004.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor.** Alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, 1972.

CARNEIRO, Flávio Martins. **Leitura e linguagens**. In: YUNES, Eliana. Pensar a leitura complexidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

CATANI, Denice Barbara et al. História, Memória e Autobiografia na Pesquisa Educacional e na Formação. In: CATANI, Denice Barbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira de; SOUZA, M. Cecília C. C. (Orgs.). **Docência, Memória e Gênero**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, R. . **A ORDEM DOS LIVROS**: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priore. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CHARTIER, R. Introdução. In: CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de Leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. São paulo: Ática, 2001.

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. **Percorrendo histórias, entrecruzando saberes.** In: SEMINÁRIO DE TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA (SETHIL), 2007, Vitória da Conquista. Anais. Vitória da Conquista, out. 2007.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária:** uma introdução. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

DANZIGER, Marlies K. E JOHNSON, W. Stacy. **Introdução ao estudo crítico da literatura.** Tradução de Álvaro Cabral, com a colaboração de Catarina T. Feldmann. São Paulo: Cultrix, 1974. <Disponível em: http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/danziger/index08.html, acesso em 19/11/2009>.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Escola, saber e figura de si. In: DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação:** figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passegi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. (Pesquisa (auto) biográfica e Educação).

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção.** Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. **A escolarização da literatura entre ensinamento e mediação cultural: formação e atuação de quatro professoras.** (Tese de Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2000.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. Do individualismo à colaboração: desafio à formação docente na contemporaneidade. In: CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo (Orgs.). **Formação do pesquisador em educação:** profissionalização docente, políticas públicas, trabalho e pesquisa. Maceió: EDUFAL, 2007.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **Pesquisa em leitura:** um estudo em resumos de dissertações de mestrado e de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995. Campinas, 1999.

FIORIN, José Luíz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Texto literário e texto não-literário**. In: ID. Para entender o texto: leitura e redação. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

FONTANA, R. A C. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAMBERT, J. **A Leitura em Questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2001.

FREGONEZI, Durvali Emílio. **O professor, a escola e a leitura**. Londrina: Humanidades, 2003.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. **Como nasce um professor?** uma reflexão sobre o processo de individualização e formação. São Paulo: Paulus, 2003.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, Martin W e Gaskell, George. **Pesquisa quantitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOMES, Ivla Cristina. **O invisível na sala de aula**: a construção da cultura leitora do professor e a sua prática para a formação de leitores. (Monografia de Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN, 2009.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. Trad. Johannes Kretschmer. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1996.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. Tradução Luiz Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JAUSS, Hans Robert. A Estética da Recepção: Colocações Gerais. In: **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. Tradução Luiz Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie Christine. Tendências da pesquisa (Auto)biográfica. In: PASSEGI, Maria da Conceição (Org.); Prefácio Christine Delory-Momberger. **Tendências da pesquisa (Auto)biográfica**. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: PAULUS, 2008.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1999.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, Leitura e Escrita: Formação de Professores em Curso**. Ed. Ática. São Paulo, SP, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1982 – (Coleção Primeiros Passos).

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, L. **Ensaaios pedagógicos – como construir uma escola para todos**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, literatura e escola: a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994 – (Coleção Primeiros Passos).

MARQUES, Mario Osorio. **Caminhos da formação de um educador**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. 192 p. – (Coleção Mario Osorio Marques, v. 7).

MC GARRY, Kevin. **O Contexto Dinâmico da Informação: uma análise introdutória**. TRad. Helena Vilar de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999.

MENDES, Josué de Sousa. **Formação do leitor de literatura: do hábito da leitura à cultura literária**. Tese de Doutorado em Literatura e Práticas Sociais. Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Instituto de Letras. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. Orientador: Prof. Dr. Robson Coelho Tinoco.

MORAES, Ana Alcídia de Araújo. **Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

MORTATTI, Maria do R. Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2008.

MOURA, Maria José de. **Uma memória:** história de leitura de professores de terceira e quarta série da cidade de Teresina. 1994. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

NÓVOA, António. (Org.) **Vidas de Professores.** Tradução de Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. 2.ed. Porto: Porto Editora, 1995.

NUNES, Lygia Bojunga. **Livro:** um encontro com Lygia Bojunga Nunes. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

OLIVEIRA, José Erivan Bezerra de. **Autobiografia e memória.** In: VASCONCELOS, José Gerardo; JÚNIOR, Antonio Germano Magalhães (Orgs.) **Memórias no plural.** Fortaleza: LCR, 2001.

PENA, Selma Costa. **História de leituras e leitores:** práticas e representações de leitura em narrativas de professores de diferentes disciplinas escolares. Natal, 2010. Tese (Doutorado em Educação). UFRN. CCSA. PPGEEd. Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Ferrer Botelho Sagadari Passegi.

PIMENTA, S. G. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. In: PIMENTA S.G. **Formação de Professores:** identidade e saberes da docência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

RAMALHO, Betânia Leite; NUNEZ, Isauro Beltran. e GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino.** 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

ROLLA, Ângela da Rocha. **Professor: perfil do leitor.** (Tese – Doutorado em Linguística e Letras). Pontifícia Universidade Católica – RS. Porto Alegre/RS, 1996.

SANTOS, José Luiz dos Santos. **O que é cultura.** 15. ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1994.

SILVA, L. L. M. **O Significado da leitura na escola.** Leitura: Teoria e Prática (Campinas), Campinas, v, 0, n. NOV., p. 35-36, 1982.

SILVA, L. L. M.; FERREIRA, N. S. A. **Leitura e Escrita da Escola: Relatos da Prática de Ensino**. Amazônia (UFAM). MANAUS/AM, p. 113-133, 2003.

SILVA, Helena de Fátima Nunes. **A Biblioteca e as suas representações**: análise das representações dos alunos e professores na UFPR. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 2000, Florianópolis. Memória SNBU... Florianópolis: [s.n.] 2000. Disponível em: <http://snbu.bu.br>. Acesso em: 20 de junho de 2012.

SOLÉ. Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura literária. In: EVANGELISTA, Aracy, BRINA, Heliana, MACHADO, Maria Zélia (Orgs). **A Escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil**. - Coleção Linguagem e Educação – 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SMITH. Frank. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Tradução Daise Batista. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Tradução de Cátia Aida Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais. In: **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. Tradução Luiz Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

SUTTER, Miriam. Pelas veredas da memória: revisitando ludicamente velhas palavras. In: YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a leitura**: complexidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VILLARD, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira.** Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** 3. ed. Tradução Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs.). **A experiência da leitura.** São Paulo: Loyola, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.

ZUBERMAN. Flavia. **Tenho um problema: Não gosto de ler!** A formação do leitor literário – construção compartilhada do prazer de ler. 2005. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

ANEXO 1:

Entrevista semi-estruturada com os(as) professores(as):

A leitura na vida pessoal do(a) professor(a):

1. Como a leitura entrou na sua vida? Antes de saber ler, você teve algum estímulo a leitura? Por parte de quem?
2. Quais lembranças de leitura você tem de quando era criança? Com que frequência ocorriam as atividades que envolviam a leitura, ouvir histórias lidas ou contadas?
3. Onde, com quem e com qual idade você aprendeu a ler?
4. Quem é a pessoa que você acha que mais o/a estimulou à leitura?
5. Que tipo de materiais você tinha acesso (livros, jornais, revistas; HQ) na sua infância? Onde; como?
6. Você tem livros que guarda desde essa época? Quais? Você lembra de alguma história, livro que você leu ou ouviu quando criança?

A leitura do(a) professor(a) nos tempos da escola:

7. Durante a sua escolaridade você teve atividades de estímulo à leitura? Quais?
8. Você teve algum professor(a) que o/a estimulou na prática da leitura? Quais atividades ele(a) fazia que o/a levaram a gostar de ler?
9. Na escola em que você estudou havia uma biblioteca? Como ela funcionava? Que lembranças você tem de sua relação com a biblioteca?

A leitura do(a) professor(a), a prática pedagógica e a formação de alunos leitores:

10. Como você se tornou professor(a)? Há quantos anos você é professor(a)?
11. O que é ser professora para você? Você gosta da sua profissão? Você é feliz com a sua profissão?
12. Defina com suas palavras o que é ler.
13. Defina com suas palavras o que é literatura.
14. Defina com suas palavras o que é escola.
15. Você se considera um leitor(a)?
16. Caso contrário, por que você se afastou da prática da leitura?
17. No seu processo de formação profissional, você estudou sobre leitura, ensino de leitura ou a relação leitura e literatura?
18. Na sua prática em sala de aula com os alunos, com que frequência ocorrem as atividades de leitura de literatura? Como são essas atividades de leitura? Existe algum tipo de planejamento?
19. Que tipo de material você usa para o trabalho com a leitura de literatura?
20. Você utiliza a biblioteca da escola com seus alunos? Com que frequência faz isso?

21. Existe alguma relação entre a forma com que você conduz o ensino de leitura e a maneira que seus professores faziam quando você era estudante?
22. Você acredita que as suas experiências de leitura, a sua prática de leitura, as influências que você teve durante toda a sua vida, isso ajuda na sua prática de formação de leitores?
23. A partir da sua experiência como professor(a), como você acredita que se forma um bom leitor?

ANEXO 2:**QUESTIONÁRIO COM AS PROFESSORAS:**

Idade: _____

Estado civil: _____

Filhos: _____

Jornada de trabalho (Horas semanais): _____

Renda individual (Quantidade de salários mínimos): _____

Tem alguma atividade extra para complementar a renda: _____

Tempo de serviço: _____

Tempo que trabalha nessa escola: _____

Leciona em alguma outra escola: _____

Há quantos anos leciona nesse ano/ série: _____

Graduação: _____

Instituição de ensino na qual se formou: _____

Escolaridade máxima: _____

Trabalha ou trabalhou em algum outro ambiente escolar: _____

ANEXO 3:**ENTREVISTA COM OS ALUNOS:****A leitura como prática:**

- 1) Com quantos anos você aprendeu a ler? Quem o ensinou a ler? Você gosta de ler?
- 2) Por que você gosta de ler?
- 3) Por que você não gosta de ler?
- 4) Qual é o lugar que você gosta de ler? Em casa, na escola, na biblioteca?
- 5) Com suas palavras, o que é ler?
- 6) Com suas palavras, o que é literatura?
- 7) Com suas palavras, o que é escola?
- 8) Você tem livros em casa? Seus pais compram livros para você? Seus pais leem com frequência em casa?
- 9) Que tipos de leitura você faz?

A leitura na escola:

- 10) Você sempre estudou nessa escola, você sempre teve aulas de leitura durante esses anos?
- 11) Você tem aula de leitura de literatura? Como são essas aulas?
- 12) Na sua opinião, ler literatura é importante?
- 13) Suas professoras sempre lhe incentivam/ incentivam a ler?
- 14) Suas professoras fazem comentários de livros que já leu ou que está lendo?
- 15) Nesses anos de escola, você percebia/ percebe por parte das suas professoras se elas gostam quando elas estão lendo ou contando uma história? Como? Elas discutem, deixam você falar o que você deseja? Ela indica livros?
- 16) Você frequência a biblioteca da escola? Com que frequência você pega livros emprestados na biblioteca para levar para casa?
- 17) Você daria alguma sugestão para melhorar as aulas de leitura literária?

ANEXO 4:

IDENTIFICAÇÃO DOS ALUNOS:

IDADE: _____

SEXO: _____

BAIRRO QUE RESIDE: _____

MORA COM OS PAIS: _____

IRMÃOS: _____

OS PAIS TRABALHAM FORA: _____

Entrevista com a professora Diva – 1º ano do Ensino Fundamental:

Pesquisadora: A gente vai falar, são três blocos, assim um é sobre a questão da sua relação na sua vida pessoal, na sua vida na escola e a sua prática, certo? Então assim Professora, como foi que a leitura entrou na sua vida?

Professora Diva: Faz muito tempo já! Assim não foi um modo especial com meus pais não, foi mais assim porque eu gostava de brincar só e meu primeiro brinquedo além da boneca foi um livro, eu brincava de ser professora; foi dessa maneira assim, aí depois eu comecei lendo através dos meus estudos mesmo e a continuidade com a formação de professora, aprofundei um pouquinho mais.

Pesquisadora: Antes de saber ler alguém lia pra você? Você tinha algum estímulo por parte de alguém pra leitura ou você só teve esse estímulo depois que você aprendeu a ler?

Professora Diva: Só depois. Minha mãe e minha avó contavam histórias, mas não liam.

Pesquisadora: Sim, mas elas contavam histórias?

Professora Diva: Elas contavam histórias, que eu tinha problema de saúde e não podia caminhar tinha problema nas pernas, então eu vivia muito tempo na rede, aí minha avó tinha muito carinho por mim então ela contava história, mas lia mesmo não porque ela também não tinha muita leitura, mas a pouca leitura que ela tinha depois que eu aprendi a ler eu me espelhei nela pra gostar de cartas, que ela gostava de mandar cartas para os amigos e para a família que morava em Santos, em Recife, mas ler historinhas chegar e abrir um livro eu não lembro, se ela lia eu não lembro, mas que ela contava.

Pesquisadora: Então tinha a parte da contação de história?

Professora Diva: É.

Pesquisadora: E assim, quais as lembranças de leitura que você tem quando você era criança? Com que frequência você lia e você ouvia essas histórias?

Professora Diva: Não era muito frequente assim durante minha infância, eram momentos como eu falei, esporádicos.

Pesquisadora: Era por acaso mesmo, não era uma coisa que acontecia sempre...

Professora Diva: Balança a cabeça sinalizando que não.

Pesquisadora: Com qual idade, onde e com quem você aprendeu a ler?

Professora Diva: Acho que minha leitura inicial foi na Escola Café Filho, eu aprendi a ler bem rápido, acho que fui fazer do tempo do preliminar, então a gente indo pro primeiro aninho que eu comecei, no seguinte ano eu já saí de lá fui pra o primeiro ano na outra escola que é a Isabel Gondim, onde eu tive a minha formação primária, naquele tempo era primário, eu cursei de lá da 1ª série a 8ª série.

Pesquisadora: Existiu uma pessoa, uma única ou mais de uma pessoa, que lhe estimulou com relação à leitura?

Professora Diva: Eu lembro muito que hoje se tornou minha amiga, foi minha professora do 3º ano do primário Salete, que ela é professora também, ainda está atuando, encontro com ela várias vezes, já fui, já participei muita excursão, encontrava com ela, nos encontros de professores a gente sempre se reencontra, foi minha professora Salete, tanta minha recordação que eu tenho dela como também comigo.

Pesquisadora: Então ela foi uma pessoa que passou essa questão da leitura?
Professora Diva: É.

Pesquisadora: E assim, quais eram os tipos de materiais que você tinha acesso para leitura? Jornal, revista, livro.

Professora Diva: Eu acho que eram mais livros.

Pesquisadora: Só livros. E onde é que, onde era esse acesso, onde é que você tinha esse acesso?

Professora Diva: Tinha uns na escola, alguns que eram da minha tia. Minha tia era professora, uma tia, tia do meu pai, tia minha porque a gente tinha a consideração não é? (sic) Aí minha tia segunda, eu brincava com as filhas dela, que as bonecas, assim o meu pai não era muito, não tinha o salário bom então a gente tinha coisa de segunda mão, então aproveitava as oportunidades que chegavam.

Pesquisadora: Você tem algum livro que você guarda desde essa época? Você se lembra?

Professora Diva: Não assim (sic), muita coisa mudança de casa, teve época de chuva, então muita coisa a gente perdeu algumas coisas então a gente não tem esses livros antigos.

Pesquisadora: Mas você lembra ainda dessas histórias que você escutava da sua avó?

Professora Diva: São esses contos clássicos né (sic)? Agora contos que ela gostava de contar eram adivinhações, eu aprendi a gostar de ler com ela, minha mãe, a gente sentava a noite, sentava fazia a rodinha conversava tinha os adultos e as crianças, que a gente sempre no meio dos adultos.

Pesquisadora: Durante a sua escolaridade, você teve alguma atividade de estímulo a leitura? Assim por parte das suas professoras, se existiam algumas atividades, como eram essas atividades.

Professora Diva: Assim basicamente só pra gente ler por prazer eu não lembro muito, mas já tinha aqueles livros que já vinham com suplementos não é, os questionários, então eu lembro muito de dois livros que eu participei e lembro da professora, Professora Livramento que era da 5ª série que ela passava que um bimestre a gente tinha que ler pelo menos um livro né (sic) e eu li Meu Pé de Laranja Lima e li, que eu gosto muito também foi um romance é de Machado de Assis, mas o romance assim eu demorei mais a ler e depois agora a gente vem (inaudível) mais, ela eu lembro muito dessa professora que ela procurava a gente, mas no final a gente tinha aquele questionário, que hoje a gente não trabalha mais assim, né (sic)? O prazer de ler se você ficar debatendo, isso já passa pra outro objetivo, mas antes era assim procurava ler, no finalzinho ficava curiosa pra saber o que era que tinha o questionário.

Pesquisadora: Você falou que teve Salete, que hoje é sua amiga que a estimulou na prática da leitura e assim, quais as atividades que ela fazia quando era sua professora que lhe despertou pra esse lado?

Professora Diva: Ela também contava histórias pra gente, no final da aula, ou antes, tinha esse momento de leitura.

Pesquisadora: Tinha alguma forma especial de contar? Era oratória dela? Eram histórias que ela escolhia?

Professora Diva: Eu acho que era mais o jeito de contar, oratória, era uma pessoa muito carinhosa.

Pesquisadora: E na escola que você estudou, na Café Filho e Isabel Gondim havia biblioteca?

Professora Diva: Sim.

Pesquisadora: E aí vocês frequentavam, vocês podiam ir, por que às vezes, os professores levavam? Como era assim, vocês faziam algum tipo de atividade?

Professora Diva: Do Café Filho, que é nossa escola vizinha, não tenho muitas lembranças porque era pequenininha, tinha seis nos eu acho, não lembro muito, mas no Isabel Gondim nós frequentávamos a maioria das vezes, o professor indicava pesquisa aí, eu ia com outra turma fazer as minhas pesquisas, mas assim às vezes de 15 em 15 dias tinha aula de leitura que a gente ia, já na 5ª a 8ª série a gente ia frequentava, escolhia um livro, fazia empréstimo.

Pesquisadora: Professora Diva, como foi que você se tornou professora?

Professora Diva: Como eu ti falei (sic), acho que desde menina que eu brincando em casa de casinha eu era professora das bonecas, sozinha mesmo, aí quando eu cheguei na 8ª série, naquela época tinha professor que era o coordenador, além do coordenador tinha o orientador pedagógico, orientador educacional falando mais assim, nessa época tinha, elas faziam com a gente um teste de vocação, teste vocacional, hoje a gente não tem mais isso nas escolas, mas era muito bom naquele tempo porque você ia fazer, o aluno quem escolhia ir fazer, então eu conversava, eu gostava, eu gosto mais de conversar com os adultos do que com os jovens, aí eu conversando com ela me perguntou se eu gostaria de fazer o teste e aí eu fui era individual, você ficava sozinha lendo e respondendo um questionário, depois de alguns dias ela me deu a resposta e o que eu dizia ela disse: “Realmente você dá pra professora”, e eu segui também tinha o estímulo da minha tia, porque moça pobre tinha dois caminhos, ou ia ser enfermeira ou professora, porque era o espaço do mercado, então com as minhas características eu segui o magistério, fui direto pra o Kennedy, onde eu cursei, onde a minha formação de professora, magistério eu cursei; assim que saí, cursei, é, fiz o concurso do Estado, passei em 9º lugar, já fui entrando aí voltei pra minha escola, a primeira sala de aula foi dessa professora aqui ó Socorro, ela tava gestante e foi a primeira sala, pertinho da minha casa, achei maravilhoso.

Pesquisadora: Mas depois você fez ensino superior?

Professora Diva: Aí cursei pedagogia e já fiz especialização em educação de jovens e adultos. No momento, estou só cursando apenas o PROFA – professor,

formação de professor formador alfabetizador, é um projeto dentro da nossa área, que da Secretaria de Educação do Município da Prefeitura, PROFA.

Pesquisadora: Há quantos anos você leciona?

Professora Diva: Há vinte e sete anos. Comecei no Estado.

Pesquisadora: Nem parece é porque é tão novinha!

Professora Diva: Obrigada! No município eu comecei há onze anos em 2000, agora no Estado eu entrei em 84, terminei, cursei e já fui entrando logo de cara.

Pesquisadora: Eu não tinha nem nascido ainda...

Professora Diva: Foi bom porque assim (sic), eu sonhava ter meu próprio, assim eu nunca, priorizei a minha formação profissional não gostava muito de namorar essas coisas, me preocupava mais em estudar porque eu via as condições do meu pai eram difíceis a gente dependia de outras pessoas, a minha avó que ajudava a nossa família, essa tia, então ela tinha duas filhas tudo que ela queria preservar a honra das filhas, então ela me colocava de acompanhante, então eu aprendi datilografia, corte e costura, tudo acompanhando porque ela queria uma pessoa ali do lado pra vigiar as filhas e aí eu ia e assim eu aproveitei, algumas oportunidades, mas queria assim ter a minha independência ajudar aos meus pais e graças a Deus consegui através do magistério.

Pesquisadora: Professora, o que é ser professora pra você? Você gosta? Pelo visto né desde criança você é feliz sendo professora.

Professora Diva: Gosto. Apesar assim, sou, acho que às vezes eu queria mudar de profissão, mas agora não dá mais não, assim porque eu tinha na minha família, aliás tem vários professores por conta desses motivos que a gente, uma família de classe pobre, agora a gente já tá em condição melhor, mas antes era muito difícil, então a gente via que o caminho tinha algumas dessas, mas você tinha que ter esse lado também pessoal porque senão não dá porque a profissão não é fácil, nós sabemos quantos dramas a gente passa pra ter uma sala de aula do jeito que a gente quer e não consegue porque a gente tem o desejo do aluno, mas às vezes não corresponde, mas eu ainda acredito nessa educação mesmo sabendo os sacrifícios que a gente tem que passar, as angústias não é, a gente recentemente passou por uma greve porque a gente vê se a gente não procurar vivenciar a sua responsabilidade como educador, ninguém vai atrás não, então às vezes a gente pára passa por essas angústias, mas é o caminho se não for atrás dos direitos ninguém nos dá de presente.

Pesquisadora: Gostaria que a senhora definisse com as suas palavras o que é ler pra você?

Professora Diva: Ah (sic), ler tá lá na parede escrito, quando eu leio eu viajo, quando eu escrevo eu faço a minha alma feliz. Eu também gosto de escrever, tenho algumas coisas, participei de projetos de leitura também pela Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do Rio Grande do Norte, funciona lá na Capitania e eu participei de uma coletânea e tem um dos meus poemas que foram, que tá lá publicado, simplesinho mas tá lá.

Pesquisadora: E também com suas palavras, o que você entende por literatura.

Professora Diva: Mundo de sonhos, das imaginações, tudo, antigo um sonho antigo porque a gente acredita que os contadores são imortais na nossa literatura, mas é o sonho é o mundo mesmo, a fantasia.

Pesquisadora: E pra você o que é isso aqui, a escola.

Professora Diva: Minha vida, parte da minha vida está aqui, onde é meu ambiente onde eu passo, deixo recordações muito felizes.

Pesquisadora: Mas assim, como é que você definiria o que é uma escola.

Professora Diva: Escola em si?

Pesquisadora: Escola instituição escolar!

Professora Diva: Tem dois pontos. O ponto de formação da pessoa, que a gente procura educar dentro aquele aspecto que nós, você conhece também, intelectual, emotivo, social porque se não for com eles, a gente não consegue ali voltar na rua e ver o resultado que pretendemos com eles, mas também onde eu ganho o meu pão de cada dia.

Pesquisadora: E professora, você se considera uma leitora?

Professora Diva: Sim.

Pesquisadora: No seu processo de formação profissional, no magistério, na universidade, você teve disciplinas que direcionassem estudos teóricos sobre o ensino de leitura, sobre literatura, relação leitura-literatura?

Professora Diva: Tive, tive (sic). Na formação de pedagogia teve, literatura infantil foi no magistério né (sic), tinha literatura infantil a gente aprendia a fazer atividades com jogos e brincadeiras ainda lembro da professora, o apelido dela era Bolinha, era muito conhecida na época lá no Instituto Presidente Kennedy, a partir daí eu comecei a entender a função da literatura que é importante, o brincar, a criança aprender brincando não é e dei prosseguimento também na minha formação de pedagogia, também nós tínhamos uma atividade, uma área que era só literatura e a gente aprendeu e eu aprofundei mais conhecer, que literatura era mais pros adultos, pra instruir os adultos do que as crianças, aí também estudei um pouquinho.

Pesquisadora: Na sua prática em sala de aula hoje com seus alunos, existe, você faz alguma atividade de ensino de literatura?

Professora Diva: Diariamente. Nós iniciamos após a oração na manhã, nós sentamos na rodinha, forro ali o chãozinho, eles já tem a prática, eles já vão pra lá é o chão de leitura deleite, porque eu conto pra eles deliciarem, não cobrando nada só pra estimular o gosto, pra ouvir contar histórias.

Pesquisadora: E assim, você já faz essa atividade, a rodinha, você leva o livro ou então faz a contação e pra essa atividade existe algum tipo de planejamento prévio, ou você chega e leva qualquer livro?

Professora Diva: Não, não pode ser não. Pronto agora mesmo eu estou planejando o que vai ser pra amanhã não é, eu já faço um planejamento prévio. Faço aqui na biblioteca, fiz teatro, tem que motivar de alguma forma, dar entonação aos personagens, se eu não conhecer a história como é que eu vou passar a emoção pra eles e sempre eles já tão acostumados que no final querem saber quem é o autor, vários livros a maioria tem no final a foto e o historicozinho, um pequeno

histórico do autor, a biografia e eles querem saber já, eles já tão, já tem o ritmo já, aquele ritualzinho que eles meso já sabem.

Pesquisadora: Que tipo de material você leva né, você falou teatro essas coisas, você leva o livro ou então só mesmo a voz, a contação, existe mais algum outro tipo de material?

Professora Diva: Existe mais. Teve textos que já tinham o próprio cd, livrinho que vem acompanhando cd, então aí nesse momento eu não conto, porque tem o narrador e eu vou apenas passando as imagens, outro através do vídeo, outras histórias também através do vídeo também, eu vou passar até uma agora essa é da galinha da angola, ela tem uma contadora de história ela prepara as crianças e vai contando cada história.

Pesquisadora: Então você utiliza vários recursos?

Professora Diva: Vários.

Pesquisadora: E você utiliza o espaço da biblioteca aqui na escola?

Professora Diva: Sim. O teatro foi aqui, o vídeo eu trago pra cá.

Pesquisadora: Aí você, assim isso é uma atividade que é frequente, às vezes, quando dá? Você tem um horário?

Professora Diva: Não é frequente, aqui na biblioteca nós temos um horário. Cada professor tem uma hora na semana pra vim com os alunos.

Pesquisadora: Já é programado?

Professora Diva: Já é programado, às vezes quando não dá pra eu vir, eu faço na sala, como eu faço um horariozinho, às vezes a biblioteca ainda não está pronta aí a gente vem depois, entendeu? Mas tem o horário, cada um tem um horário.

Pesquisadora: E eles também, você também estimula eles a virem mesmo sem ser naquele horário, pedir algum livro?

Professora Diva: É eles tem um horário pra fazer, uma vez é o empréstimo, outra vez é contação porque só tem uma pessoa pra registrar, não dá pra eu fazer tudo junto porque são muitas crianças.

Pesquisadora: Você acredita que existe alguma relação entre a forma como você conduz a sua prática de ensino de leitura e a maneira como seus professores faziam com você ou não?

Professora Diva: Assim vagamente a lembrança como eu te falei, dessa professora Salete que ela gostava de contar história também, mas eu acho que a prática a gente vai melhorando a cada dia, a cada formação que nós temos (inaudível) essa também é uma informação do PROFA, essa leitura diária, você escolhe o momento, então eu escolho o primeiro momento, a entrada que eles já tão mais calmos e aí eles vão levar pra casa também, pra passar essa leitura pros pais.

Pesquisadora: Você assim acredita que suas experiências de leitura, na sua infância até mesmo aquelas contações da sua avó, da sua mãe, as leituras que você fazia pra poder responder os questionários, as leituras da universidade, magistério, isso influencia na sua prática de formação de leitores?

Professora Diva: Sim, isso tudo faz parte do contexto, não dá pra gente mudar muito assim também não, a gente vai mudando a medida que a gente vai conhecendo coisas novas que acrescenta, mas o velho a gente tá sempre no dia-a-dia, como as nossas teorias, tem alguma coisa do velho que ainda está na minha formação que eu ainda não consigo me desprender, mas eu estou vendo que eu não posso ficar no velho, eu tenho que atuar hoje com as perspectivas de hoje.

Pesquisadora: Mas reconstruindo...

Professora Diva: Reconstruindo!

Pesquisadora: E a última pra fechar. A partir da sua experiência como professora, há vinte e sete anos em sala de aula, como é que você acredita que na verdade o leitor ele é formado, todos os dias, mas você acredita que a gente consegue formar um bom leitor, é aquela coisa a gente tem 60 anos, mas todos os dias a gente tá se formando e mas assim você quanto professora que tá ali na sala de aula que a gente sabe que a escola e o professor é responsável por essa formação também, como é que você acredita que se forma um bom leitor?

Professora Diva: Olha (sic) acho que juntando todos os elementos básicos, o interesse, primeiro a gente como professor estimulá-los a isso, se a gente não apresentar que você gosta também de ler ele não vai despertar, a não ser que ele tenha em casa alguém quem também o estimule, mas como a gente reconhece que aqui na nossa comunidade as pessoas não tem esse hábito de ler, então se a gente não estimulá-los fica um pouquinho mais difícil, porque hoje tem outros recursos que eles gostam que são mais atrativos, que é a internet, o DVD, tem muita coisa hoje que eles buscam mais que o folhear e sentir o gostinho do livro, então esse gosto de sentir o cheiro do livro novo, porque aqui nós temos muitos livros bons e novos também e eu sempre mostro pra eles como folhear, o sentir, buscar outras informações e não só ouvir aquela história, mas aproveitar esse momento e talvez algum deles, eu sei que de dez pelo menos um tem já esse hábito de gostar de ler e observar as coisas e já contar pro coleguinha.

Entrevista com a professora Rejane – 2º ano do Ensino Fundamental:

Pesquisadora: Antes de você saber ler, como a leitura entrou na sua vida como foi se você teve algum estímulo pela leitura se foi em casa

Professora Rejane: Até hoje eu me lembro como eu fui alfabetizada eu sei que foi no método antigo tradicional, mas na minha casa tinha uma caixa cheia de revistas e livros e eu ficava manuseando eles, brincando de ler e escrever mesmo sem já ter feito isso, meu pai analfabeto minha mãe também analfabeta e aí eu acho que foi começando por aí. Eu não me lembro muito bem quando eu fui alfabetizada eu me lembro que na primeira série...

Pesquisadora: E esses livros chegavam na sua casa como?

Professora Rejane: Meu pai que trazia. Como meu pai era pintor, assim nas casas que fazia a limpeza eram jogados no lixo aí ele trazia pra casa e dizia: “não é pra riscar!”, mas eu não me contentava em só olhar eu queria era riscar “eu já disse que era pra você só olhar” , aí depois eu fui pra aula de reforço que ensinava as primeiras letras mas era chato à beça porque a professora me coloca pra cobrir os sons silábicos, só isso, e eu via os outros escrevendo e dizia “quando é que eu vou escrever? Quando é que eu vou ler?” e ela respondia “quando for o tempo” e era chato demais pra mim aquela tática porque eu só fazia cobrir “BA be bi bo bu da de di do du” (sic) só cobrir sabe aí eu sei que depois eu fui pra primeira série fui alfabetizada e o percurso foi esse.

Pesquisadora: Quais as lembranças de leitura que você tem da sua infância?

Professora Rejane: Muitas. As caixas de livros lá de casa eu lia e relia todos então ficou um hábito que eu mesma criei pra mim todos os dias eu lia pra dormir eu lia pra acordar eu lia toda hora então era Chico bento revisto do sétimo céu capricho Sabrina Júlia Bianca

Pesquisadora: ... Todos os dias, na hora que dava vontade?

Professora Rejane: Eu lia muito. Tinha uma época a noite lá em casa que não tinha energia a gente liga o candieiro, o candieiro bem antigo e a gente ficava ali lendo livro de história, eu sempre tinha que ocupar minha mente com leitura porque eu tinha aquele desejo de conhecer aquelas histórias que estavam ali, então eu lia todos os gêneros meu irmão tinha muito livro de bang-bang eu lia esses livros e eles também e eu lia tudo o que aparecia.

Pesquisadora: Era aqui em Natal?

Professora Rejane: Era aqui em Natal mesmo, inclusive tinha um livro em inglês, que eu nem sei se era inglês mesmo mas dentro de mim eu dizia aquilo ali é inglês aí eu abria o livro e dizia: eu ainda vou aprender inglês, aí daí se tornou meu sonho aprender a falar inglês, pronto aí hoje eu faço inglês estou realizado meu sonho hoje porque eu sempre fui louca por esse idioma a partir desse livro era o livro (não lembra o nome) memorizo, mas fechando o olho eu lembro aquele livro, aí pronto desde a infância fui cultivada assim esse hábito que eu sempre busquei e meu pai inconscientemente ele trouxe pra mim mas eu procurei aí ficava tudo reclamando “você vai ficar sofrendo da vista” “apague esse candieiro que está na hora de dormir” mas eu fiquei viciada um vício bom positivo de só dormir se tivesse lendo alguma coisa quando tinha noite que eu não tinha nada pra ler eu saía atrás de alguém pra me emprestar algum livro pra eu ler, entende? Essa caixa eu nem sei que fim levou

quando chovia (algo que não entendi) os livros se perderam, mas hoje eu tenho minha biblioteca particular com meus livros pedagógicos, capricho não tem mais? Nem sétimo céu, meus hábitos de leitura mudaram, assim logicamente aquelas histórias em quadrinhos pra mim não tem mais o mesmo interesse hoje eu leio algumas por causa das crianças mas pra mim não tem mais os romances hoje eu quero fazer os romances não quero ler mais e minhas leituras atualmente eu digo: eu vou ler uma literatura eu vou ler uma história eu vejo e penso: eu vou comprar uma Bianca e vou comprar pra ler mas o tempo é muito pouco, então minha leitura se divide em pedagógicas por causa daqui da escola, psicopedagógicas que é a minha outra função e outros livros que sejam da área que tenham a ver com história, história do RN, coisas assim que servem pro meu trabalho. Sempre nas férias eu digo que vou ler literaturas, romances pra desopilar mais a cabeça, mas eu não consigo.

Pesquisadora: Onde foi, com quem e com qual idade você aprendeu a ler?

Professora Rejane: 7 anos na Escola Municipal Ana Maria Professora D. Zeneide.

Pesquisadora: Existiu alguém da sua família que mais a estimulou a leitura?

Professora Rejane: Eu não me lembro dessa pessoa. Porque meu pai era analfabeto como eu já disse, minha mãe é analfabeta e meu irmão não tinha tempo pra mim, porque quando eu nasci meu irmão tinha 12 anos meu pai tinha 65 anos e minha mãe quase 50 e hoje eu me pergunto: mamãe quem me ensinava lição de casa? Ninguém. Porque não tinha ninguém pra fazer isso, meu irmão já tinha 12 anos de idade estudava e saía pra fazer alguma coisa aí hoje eu me pergunto quem me ensinava a lição de casa que eu cobro tanto dos meus alunos porque eles não tinham como me dá assistência e nunca corrigiram nada meu.

Pesquisadora: Você guardou algum livro daquela casa, revista?

Professora Rejane: Guardei o 1º livro que mamãe comprou pra mim, tá guardado eu só não o trouxe.

Pesquisadora: Você lembra o nome dele?

Professora Rejane: Cartilha, tá comigo guardado eu dou aula aos meus alunos ele tá todo esfacelado de tão velhinho eu vou grampeá-lo e vou encaderná-lo porque foi meu primeiro livro é da 1ª série.

Pesquisadora: Era livro de literatura, didático...

Professora Rejane: Didático. A Cartilha é guardado até hoje, é uma relíquia.

Pesquisadora: Daqueles livros e revistas que você leu...

Professora Rejane: Um bang bang que era o seguinte “um túmulo para billy (inaudível)” foi o melhor bang bang que eu já li, um romance que eu li que eu lembro porque sempre tem aqueles mais marcantes “o homem dos olhos de aço” que era na Grécia um país que o Egito é que eu amo de paixão o segundo é a Grécia, 1º lugar é Atlântida que alguns dizem que nunca existiu mas pra mim existiu aí vem o Egito a Grécia e vem Roma. As histórias é da colonização dessa região por Jerônimo de Albuquerque.

Pesquisadora: Durante o período que você estudou na escola você teve atividades de estímulo a leitura na sala de aula? Que tipos de atividades eram elas?

Professora Rejane: Não tenho muita lembrança. Porque naquela época não era passado para o aluno pesquisar não era passado para o aluno muitas coisas que hoje estimulam. Eu estudava pela manhã chegava em casa tomava banho almoçava dormia um pouquinho e passava a tarde lendo a noite jantava e ia ler eu não tinha com quem brincar às vezes eu ia pra casa da frente q era da minha madrinha brincar com a filha dela mas eu não tinha com quem brincar então minha diversão era essa. Eu me lembro que na escola eu era muito chamada a atenção porque eu conversava muito então a professora me colocava do lado dela, e as atividades que lembro era de pintar pintura as outras eu não tenho lembrança , não me lembro de ter tido dificuldade pra aprender a ler porque mesmo tendo estímulo eu posso ter tido dificuldade mas disso eu não lembro, eu lembro que eu passei de ano e como naquela época se não soubesse ler não passava então eu fui alfabetizada com 7 anos mesmo.

Pesquisadora: Tanto na educação infantil como no ensino médio você teve algum professor que lhe chamava mais atenção porque fazia alguma atividade diferenciada com relação a leitura?

Professora Rejane: Eu me lembro muito quando eu estava no 7º ano no Augusto Severo, onde os professores de historia dividiam os temas em seminários então ali foi um estudo muito grande aprendi muita coisa “ a vida de um homem que eu não gosto Napoleão Bonaparte”, me lembro quando eu fazia magistério a professora de literatura infantil abordava muitos textos de Paulo Freire.

Pesquisadora: Você estudou em muitas escolas e nessas escolas tinha biblioteca? Você frequentava?

Professora Rejane: O 1º grau menor no Ana Maria, 1º grau maior no Padre Monte, mas não conclui lá eu fui para o Augusto Severo depois fui para o Anísio Teixeira fazer administração, não gostei do curso fui pro Ateneu fazer magistério, depois fui para o Padre Monte outra vez fazer outro curso de profissionalização aí passei 10 anos sem estudar, comecei a lecionar logo que terminei o magistério aí fiquei estudando a noite só pra ocupar meu tempo aí depois de 10 anos voltei para faculdade de pedagogia, seguido por psicopedagogia e aí entrei no município e aí fiquei fazendo os cursos que o município oferece.

Sim. Tinha frequentava e eu ia só. No Augusto Severo tinha muitos livros de literatura brasileira e eu li todos eles, toda semana eu trazia 2, 3 eu estudava pela manhã, passava a tarde dormindo e a noite lendo esses livros e depois eu comecei a frequentar a biblioteca ao lado do Ateneu que era muito boa tinha uma parte que era só de livros infantis, muita coisa boa, eu ia lá levava as minhas amigas e tudo, mas eu lia todos os clássicos da língua portuguesa, literatura brasileira, quer dizer eu li.

Pesquisadora: Como você se tornou professora?

Professora Rejane: Eu? (sic) Por acaso. Assim nada é por acaso, mas como eu não gostava de matemática tenho dificuldade, eu fui fazer um curso que não exigisse tanto quanto, o magistério foi esse curso aí eu não pensava em lecionar, quando chegou no estagio que eu fui estagiar na Escola Olga Maria perto da minha casa, lá trabalhava minha prima que trabalha lá até hoje e a diretora era D. Dolores

e ela disse: “Como você tem sua prima nesta turma você vai pra outra turma”, aí eu comecei a lecionar e gostei nesse momento comecei a dar aula entrei no caminho e não me imagino fora dele.

Pesquisadora: Há quantos anos você é professora?

Professora Rejane: Há 22 anos, ou mais do que isso (sic).

Pesquisadora: Só no Estado?

Professora Rejane: Já trabalhei em escolas privadas e há 4 anos estou no município. Trabalhei muito tempo em escola privada e antes eu trabalhava 2 expedientes depois que fui nomeada eu fiquei só 1 horário pra poder ter mais tempo pra estudar.

Pesquisadora: O que é ser professora pra você? Você gosta de ensinar? Você é feliz sendo professora?

Professora Rejane: Eu gosto, apesar dos pesares né (sic)? Não me vejo assumindo cargo de coordenação e supervisão não trabalhar com o aluno com a criança, eu gosto desse corpo a corpo com a criança não gosto de dar aulas pra adulto, pra adolescentes. Já tive essa experiência e eu não me sinto realizada, porque não vejo aquisição deles eu quero vê-los aprenderem comigo a fazer aquelas letras, a decifra-las, a construir aquele conhecimento e eu só posso ter isso com a criança, porque o adolescente já tem tudo isso pronto, só vou sistematizar os conhecimentos não me sinto realizada.

Pesquisadora: Defina com suas palavras o que você define por ler.

Professora Rejane: Ler é decifrar um mundo não apenas decodificá-lo, mas conhecê-lo profundamente, porque na hora que você lê uma palavra você vai também até o seu significado suas raízes, na hora que eu vou ler uma palavra eu estou já na minha mente imaginando aquilo e é isso que eu quero que meus alunos façam, que quando eles leiam uma palavra ali ele esteja imaginando a lua como é que ela é feita e puxar assunto sobre aquilo; a palavra é lua, mas que formato tem a lua, que cor tem a lua, será que mora alguém na lua, se aprofundar naquilo não apenas ler e decodificar aquela palavra se aprofundar, sentido lato né toda a sua raiz.

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é Literatura?

Professora Rejane: É tão complexo. Pra mim literatura na época que eu estava lendo todos aqueles livros literários, que eu ainda vou construir uma biblioteca com todos os clássicos da língua portuguesa e literatura brasileira, pra mim aquilo ali são riquezas imensas, nos passa um mundo inteiro, porque são historias riquíssimas, uma língua muito linda que era aquela língua antiga que eu acho que você fala com aqueles pormenores, delicadeza, educação finíssima, eu acho lindo; aquele vocabulário que ninguém mais vê hoje, ninguém vê mais, só palavrões horríveis e quem fala acha muito natural. É um mundo riquíssimo, literatura pra mim, ninguém pode deixar de ler pelo menos 1 livro de literatura, porque eu vivia todas aquelas historias eu vivenciava cada uma quando estava lendo aquelas historias, além de que eu viajava pra todos aqueles lugares, entrava dentro daquelas famílias, então ler literatura ou qualquer outro livro literário seja brasileiro ou não, é viajar através dele como qualquer outras historias sendo que eles são muito mais importantes.

Pesquisadora: O que é esse ambiente, o que é a escola pra você?

Professora Rejane: A escola pra mim e eu penso que deveria ser para todos, uma segunda família, só que mais sistematizada e direcionada para o campo da epistemologia. Quando você tem a sua casa harmonizada você consegue chegar aqui bem equilibrado porque aqui é a continuação, a escola pra mim é a continuação da casa só que aqui nós vamos aprender não só a leitura e a escrita, mas também outras posturas que muitas vezes na nossa casa a gente não tem, porque nós recebemos o que pais tem pra nos oferecer e muitas vezes eles não nos oferecem não é porque eles não queiram é porque eles não tiveram e aqui já tem pessoas mais preparadas para nos orientar melhor, muitos pais aprendem com os professores determinadas posturas que eles desconheciam. A escola é um globo interdisciplinar, que passa a construir o caráter do homem no sentido lato da palavra, não apenas no campo epistemológico, mas em todos os outros setores que ele vai precisar na vida social onde ele vai estar inserido ou não, porque na medida que ele não consegue ter uma certa postura ele não consegue se inserir porque as pessoas naqueles ambientes não permitem se torna um ser excluído, então aqui a gente também tem a função de incluir essas criaturas para que eles não sejam excluídos, quer dizer o peso é muito grande, para quem tá num estabelecimento de ensino porque a gente se depara não a ensinar, a falar, a sentar, a conviver é o aprender a aprender é o pilar mais importante que eu acho e realmente aqui as crianças não só aprendem, como nós também aprendemos, principalmente nós cada dia você aprende a ensinar de uma maneira diferente que busca mais facilidade pra criança aprender, a gente vai pra um curso termina e diz “já sei como vai ser”, mas aí chega na sala de aula a realidade é outra, nem toda teoria nos dá suporte pra sala de aula, a gente tem que fazer a ponte com a realidade do aluno que a cada dia vem coisas mais novas, mais diferentes por isso que estamos sempre aprendendo, porque o que nós aprendemos ontem hoje já está retrógrado infelizmente, ou felizmente porque faz com que a gente leia outra vez.

Pesquisadora: Você se considera uma leitora?

Professora Rejane: Me considero.

Pesquisadora: Você já falou que não lê tanto a questão da Literatura.

Professora Rejane: Já li muito no passado, pela questão do tempo, mas eu me preparo sempre pra ler. Essa semana eu vou ler esse aqui aí eu deixo pra segundo plano, mas eu não desisto do desejo de fazer uma biblioteca pra mim só com os clássicos literários, eu já tenho uma com os livros pedagógicos, psicopedagógicos, psicanálise e política, mas assim uma separada só pra ler para futuros filhos entendeu?

Pesquisadora: No seu processo de formação profissional, você disse que fez o magistério, a universidade. Você estudou sobre literatura, ensino de leitura ou a relação leitura e literatura?

Professora Rejane: Estudei. Já faz tantos séculos, mas estudei.

Pesquisadora: Você teve aportes teóricos sobre isso?

Professora Rejane: Sim. Literatura infantil tive essa disciplina.

Pesquisadora: Na universidade já?

Professora Rejane: Sim.

Pesquisadora: Na sua prática em sala de aula com seus alunos, com que frequência ocorre as atividades de leitura e literatura?

Professora Rejane: Eu sempre procuro ler. Antes de começar a aula eu faço o seguinte, faço uma oração com eles aí depois eu ler algum texto ou algum poema, as vezes letra de musica, alguma coisa até porque já vai socializando.

Pesquisadora: E com que frequência ocorre essas atividades?

Professora Rejane: Todos os dias, inclusive agora com mais assiduidade porque estão desenvolvendo atualmente um projeto de poesias do curso próprio que eu estou fazendo e então nessa semana e na outra só poemas porque o nosso projeto é só esse, mas eu sempre leio.

Pesquisadora: Essas atividades são planejadas, você pega um livro na biblioteca e chega lá leva, ou você já tem lido esse livro já faz um trabalho com ele prévio.

Professora Rejane: Procuro sempre algum que tenha alguma coisa a ver com o que aconteceu anteriormente, por exemplo, se tem alguma criança me dando algum trabalho em algum sentido eu vou pegar algum livro que pegue esta criança entendeu? Por exemplo, uma criança que está batendo muito no amigo eu vou pegar um livro que fale de amizade, de carinho, de amor, de qualquer coisa que quando eu fizer a leitura ele perceba e os outros também consigam levar a mensagem pra eles, porque a leitura que eu fizer consiga levar uma mensagem de apoio aquela criança de algum problema anterior, muitas vezes não mas a maioria e quando sobra um pouquinho de tempo eu ainda procuro alguma coisa pra ler pra completar o tempo.

Pesquisadora: Que tipo de material você usa para fazer esse trabalho com a literatura? Só livros, tem alguma transparência?

Professora Rejane: Tenho transparências também, já trabalhei com transparências também. A historia da lara já passamos e vou até procurar, que eu vou readaptar pra fazer um trabalho de folclore. Já trabalhei com transparências, livrinhos de historinhas, poesias que eu vi em algum lugar que eu achei interessante copiei, historias interessantes que eu vi em alguma revista eu trago também.

Pesquisadora: Aí é só no livro, você coloca alguma no quadro, tem a transparência, você trabalha com o computador com eles ou não?

Professora Rejane: Tem textos também. Quando nós temos uma pessoa para operar lá no computador, no laboratório de computação, nós levamos os alunos, dividíamos a metade da turma e orientava a professora “olha eu queria que você trabalhasse esse site aqui porque tem isso assim, vamos construir com eles o nome deles depois palavras procurar na internet algum texto, coisa pequena”, mas atualmente nós não estamos com ninguém no laboratório de informática então não (inaudível) ainda esse ano o laboratório, até porque não tem quem dê assistência a quantidade de alunos, não dá condição a uma pessoa só ficar no laboratório com eles, eu tenho medo que eles coloquem o dedo numa tomada faça alguma coisa que não deva.

Pesquisadora: Você utiliza esse espaço da biblioteca com os alunos?

Professora Rejane: Utilizo, mas não muito. Utilizo mais a leitura de livros na sala pelo corre-corre do dia a dia, eu utilizo pouco a biblioteca, mas é utilizada não com a frequência que deveria, mas eu procuro fazer no próprio espaço da sala de aula um cantinho de leitura, com tapete onde eles sentam.

Pesquisadora: Apesar de você não vir com eles, você incentiva que eles venham aqui, informa que aqui tem os livros?

Professora Rejane: Venho com eles, mas não com muita frequência. Na sala eu faço o cantinho da leitura, tem os tapetezinhos que foram confeccionados, eu que confeccionei, coloco no chão a gente senta e lê alguns livrinhos, alguns já leem sozinhos e eu digo “sente com quem não está tendo domínio e vá ler pra ele”, muitas vezes quando começa muito barulho eu chamo “vamos pra cadeira” e junta de dois em dois.

Pesquisadora: Você acredita que existe alguma relação entre a forma como você conduz esse ensino de leitura e a maneira com que seus professores faziam com você?

Professora Rejane: Tem muita relação, então eu tento desvencilhar isso a todo momento porque é uma coisa que fica enraizada e o que é que eu faço, eu busco conhecimentos para aperfeiçoar a minha pratica, me desvencilhar desses hábitos que foram construídos em mim, porque é difícil você foi alfabetizado de uma maneira e você quer alfabetizar bem aí você sempre pega alguma coisa do passado infelizmente, aí o que é que eu faço, me vigio constantemente pra não repetir pelo menos da época da palmatória, então não tenho como repetir isso, graças a Deus!

Pesquisadora: Você acredita que suas experiências de leitura, aquela caixinha de revista e livros que seu tinha em casa que ele levava lá e você tinha acesso, a sua prática de leitura, aquelas tardes de leitura, aquelas noites com o candieiro ligado, as influências que você teve durante toda a sua vida, as leituras no magistério, na universidade, você acha que isso ajuda na sua prática cotidiana de formação de leitores?

Professora Rejane: Ajuda, ajuda muito. Onde é que a gente ajuda, quando a gente tem uma dificuldade, quando eu estou achando que o aluno que o aluno não está conseguindo compreender um assunto que eu estou falando várias vezes repetidamente, então eu vou procurar saber como é que eu ou fazer pra ele compreender, então eu vou buscar ajuda, tanto no campo pedagógico como no psicopedagógico.

Pesquisadora: A partir da sua experiência como professora, como você acredita que se forma um bom leitor?

Professora Rejane: Lendo. Mesmo que ele não saiba ler ainda, mas ele precisa pegar aquele livro como eu fazia e sem decodificar nada eu estava lendo aqueles livros, manuseando eles, imaginando, quando tinha gravuras era ótimo que eu já criava a história, quando não tinha, eu ficava imaginando. Então se constrói um bom leitor assim, dando um livro na mão dele. Quando se tem pais leitores eles leem todas as noites para os filhos como eu vou fazer se Deus quiser, mas quando não se tem, tem que ter incentivo de alguma forma, agora realmente eu sempre procuro lembrar de onde eu busquei incentivo além de meu é claro, alguém (inaudível) não é só porque ele colocou um livro ali, mas eu não consigo me lembrar de ninguém na minha casa ninguém lia.

Entrevista com a professora Débora – 3º ano do Ensino Fundamental:

Pesquisadora: A gente começa primeiro falando um pouco sobre a questão da leitura na sua vida, a leitura na sua vida pessoal e daí vai até chegar na sua prática certo!?

Pesquisadora: Como foi que a leitura entrou na sua vida?

Professora Débora: A leitura entrou na minha vida muito cedo porque eu tinha uma tia que era professora, então ela começou desde quatro, cinco anos quando eu comecei a me alfabetizar ela já me dava de presente livros, então ela nunca me deu boneca essas coisas, aí me dava livros, aqueles livros de montagens e tudo e eu gostava demais então eu aprendi a ler muito cedo e ela incentivava muito esse mundo da leitura comigo, ela me levava pro teatro e pra ver os contos de fadas e depois ela dava o livrinho com relação a história. Então desde muito cedo eu tive contato com a leitura, o mundo de Monteiro Lobato com a história do Sítio do Pica-Pau Amarelo, então isso aí foi uma coisa muito forte na minha vida desde muito cedo, muito cedo trabalhei com leitura.

Pesquisadora: E assim, quais são as lembranças dessa leitura, assim de outras leituras que você tem quando você era criança? Com que frequência essa tia lia pra você, se era diariamente?

Professora Débora: Minha tia lia todos os dias porque ela morava de frente da minha casa não é, então assim, era como, eu jantava a noite e como prêmio ela lia uma história pra mim e ela lia muitas coisas, inclusive lendas indígenas que eu me lembro que aprendi muito de lendas indígenas com ela contando, então todo dia lia uma história diferente, ela sempre procurava variar e me dava muito de presente, eu fiz varias coleções de história em quadrinhos, então na época da Mônica em que a Mônica era muito forte, Chico Bento, o interessante de Chico Bento é que ela trabalhava muito comigo a questão do Chico Bento falar errado então ela ia consertando.

Pesquisadora: Consertando pra você também não cometer o mesmo erro...

Professora Débora: É e era muito interessante, uma brincadeira muito que ela fazia em relação a isso a consertar, vamos consertar a maneira do Chico Bento falar e eu gostava muito então era assim uma coisa muito, muito forte é quase que diariamente sempre a noite né (sic), cedo depois do jantar eu ia pra lá e ela sempre lia pra mim, então era muito forte era uma coisa muito presente é bem frequente.

Pesquisadora: E assim, com quantos anos e onde foi que você aprendeu a ler?

Professora Débora: Eu aprendi a ler numa escola chamada é, eu acho, eu sei que era Pica-Pau Amarelo eu não me lembro bem (sic) se era Jardim Escola Pica-Pau Amarelo e eu aprendi a ler eu já tinha uns cinco anos de idade, porque desde os quatro eu já lia assim, muito pouco né (sic), mas conseguia fazer alguma coisa, mas com cinco anos eu já conseguia ler principalmente, história em quadrinhos que era mais fácil pra mim, então eu me alfabetizei cedo.

Pesquisadora: E assim, além dessa sua tia você acha que existiu outra pessoa que lhe deu estímulo a essa prática de leitura?

Professora Débora: Olha na verdade eu sou caçula de uma família muito grande, de uma família muito mais velha, então eu tenho cunhadas que tem idade pra ser mãe e eu tenho minha madrinha que é minha cunhada é professora e ela fazia também essa história de me dar livros de presente muitos jogos, muito livro e ela gostava de me ver ler, quando eu aprendi a ler às vezes ela sentava e conversava comigo: “Vamos ler alguma coisa?” “Vamos!”, então ela também não como a minha tia, como estímulo diário da minha tia, mas ela também contribuiu um bocado pra isso.

Pesquisadora: E quais eram os tipos de materiais que você tinha acesso pra você poder ter gosto pela leitura?

Professora Débora: Tinha muito de livros, livros de contos de fadas, eu lembro que tinha uma coleção muito antiga chamada Mundo da Criança que era um livro bem assim, eu acho que era americano ele, mas todo traduzido e ele tinha umas figuras eles figuravam muito bem assim, tinham uns desenhos muito maravilhosos e muito poema no livro, então eu tive acesso a isso tive acesso aqueles livros de montagem que você abre e ele monta e fora o que ela contava, que ela inventava né (sic). Minha tia era muito chegada gostava muito de sala de aula, de criança, muitos brinquedos, brinquedos de montar com sílabas e com letras ela fazia bastante também, eu tive muito acesso a isso. Tive acesso a teatro também, ajuda muito na leitura, a cinema também fui bastante, esses materiais foi o que eu fui usando.

Pesquisadora: Em casa você tinha também esses materiais?

Professora Débora: Tinha, até porque assim, ela [madrinha] me dava de presente, todos os presentes eram livros, tudo era relacionado à leitura; ela trabalhava com biblioteca, ela era professora e trabalhava numa biblioteca então, ela tinha muito acesso a isso e trazia muita coisa pra mim.

Pesquisadora: Assim, como você ganhava, você tem algum livro que você ganhou dessa tia?

Professora Débora: Tenho, essa coleção Mundo da Criança eu tenho inteiro eu ganhei, ela me deu de presente, ela comprou pra ela, ela me deu de herança né (sic), tá lá (sic) guardado disse a ela “Deixe aí bonitinho que eu vou arranjar um lugarzinho bem bonitinho pra colocar”, tenho muita história em quadrinhos porque tenho sobrinhos pequenos, que assim como eu fui muito estimulada eu gosto muito de estimular, levo muito isso lá pra casa, levo pros meus sobrinhos, histórias em quadrinhos eu compro sempre, eu tenho uma sobrinha que adora ler, ela tá no mundo da internet, que eu não tinha isso, ela lê pela internet e fala: “Tia olhe que coisa linda!”, são livros infantis pela internet e eu estimulo bastante ela com isso aí então hoje em dia a gente já tem outras opções fora o livros sim, o livro físico, a gente tem muita opção de internet que é uma coisa que tem bastante, até desses shows que tem pra criança também eu trabalho bastante com isso, levo também muito eles.

Pesquisadora: E assim, dessa época da sua infância tem alguma história que você leu ou então que essa sua tia contou que assim a marca assim, que você lembra?

Professora Débora: Tem a história que era eu não me lembro muito bem do título, mas era uma história dos gansos, eram sete gansos e que essa criança foi dada de presente a mãe por um ganso que encontrou ele no meio da praia sozinho e ele levou essa criança pra uma mãe que precisava muito de um filho e a mãe criou essa criança com muito carinho, só que essa criança era minúscula, era bem pequenininha era como se fosse um duende e a mãe criava ele dentro de uma flor eu muito disso e eu achava linda essa história que dava a ele o orvalho pra beber e a comidinha era como se fosse o néctar da flor e ela contava muito isso e eu achava lindo e eu dizia: “Ai tia, eu queria ser bem pequenininha pra caber dentro de uma flor”, eu me lembro muito dessa história.

Pesquisadora: E agora a gente vai passar pro tempo que você frequentou os bancos escolares.

Pesquisadora: Durante o tempo que você frequentou a escola como aluna, você também teve atividades de estímulo a leitura? Como eram essas atividades?

Professora Débora: Eu estudei no CIC [Colégio Imaculada Conceição] muito tempo, comecei no Maristela. No Maristela a gente teve pouco, pouco acesso à biblioteca então era menos livros, mas quando eu entrei no CIC lá pro 5º ano já e nós tínhamos uma professora de literatura que era voltada pra isso aí e a gente tinha acesso a biblioteca toda semana, porque a gente tinha uma aula dentro da biblioteca e com isso ela fazia muita questão de trabalhar a leitura, trabalhar as histórias, trabalhar a história em quadrinhos, ela trazia muito recorte de revista, entrevista, sempre na semana tinha um foco não é do que aconteceu na semana e a gente fazia várias leituras sobre aquilo ali, então nessa época até o 3º ano é, o meu contato com a leitura foi mais assim, mais essa questão de biblioteca essa questão de estudar texto de, foi voltado a isso aí, durante muito tempo. Depois eu entrei, fui fazer o magistério no Ateneu, aí a escola estadual a gente tinha quase nada de acesso a biblioteca né (sic) e ao mesmo tempo que eu fazia um, eu estudava numa escola de manhã e em outra a tarde, que eu queria fazer magistério, mas eu não queria sair sem o 2º grau normal, então eu frequentava os dois. Dentro do Ateneu eu não tive acesso, mas dentro do CIC eu tive bastante, com professor, com biblioteca, com aulas sobre isso, a gente foi muito ao cinema, discussão de filme, a gente redigiu bastante com relação aos filmes que a gente assistia e tudo e aí entra a Universidade também porque na Universidade eu fiz pedagogia e você não faz pedagogia se você não lê não tem como então assim eu tive muito acesso nesse período aí, com relação a escol, dentro do CIC, na Universidade que aí é uma questão sua pessoa você não obriga você a ir pra biblioteca você vai porque você necessita realmente dela.

Pesquisadora: E você teve o estímulo da sua tia e na escola você teve algum estímulo de algum professor?

Professora Débora: Em especial não. Em especial por incrível que pareça não, a gente tinha as aulas de literatura com a professora de literatura né (sic), então ela já era voltada pra isso, o estímulo de lá era o estímulo normal de sala de aula.

Pesquisadora: Certo. E assim, as atividades corriqueiras que ela fazia o que?

Professora Débora: Geralmente ela fazia um estudo de texto, geralmente ela fazia uma discussão de texto, geralmente ela fazia uma dissertação né (sic), ela trazia, por exemplo, uma manchete de jornal sobre alguma coisa e a gente fazia aquele

foco pessoal, sobre aquilo ali, reunia grupos, dividia grupos e apresentações de seminários também, eu já fazia isso bastante no 2º grau com relação a isso aí e contar histórias de uma maneira diferente, recebia a história, a gente lia a história, depois a gente passava a história de uma outra maneira, isso aí eu tive bastante.

Pesquisadora: E assim, você já falou que no CIC você tinha acesso bastante a biblioteca, como era essa sua relação com a biblioteca? Você ia porque a professora dirigia o trabalho ou porque você gostava de ir mesmo?

Professora Débora: Muitas vezes fora desse horário ou na hora do intervalo, eu lanchava a gente lanchava e entrava na biblioteca pra ler, pra ver algumas coisas diferentes, como a gente naquela época já tinha esse acesso a internet se tinha o computador, mas o acesso a internet era muito reduzido, então a gente via muito isso, a questão de revistas, entrevistas de livros, coisa do tipo: “olha que vocês dessem uma lidinha em tal livro, Senhora, que vai cair na questão do vestibular”, então a gente já ia dando uma sondada pra vê como era, então eu tive bastante acesso a biblioteca nessa época.

Pesquisadora: E Professora Elvira, como foi que a senhora se tornou professora?

Professora Débora: Foi uma questão de paixão, porque eu via minha tia né, ela me, ela foi uma influência total aí ela falava muito disso eu e eu achava maravilhoso ela trabalhando né (sic), sempre foi uma paixão e eu dizia: “Ai tia quando eu crescer eu vou ser professora”, ela dizia: “Então estude, que pra ser professora precisa estudar” e eu fui entrando nesse mundo assim de educação muito cedo né (sic), desde muito pequena, foi uma questão de amor mesmo, eu podia ter feito só o 2º grau normal, mas optei por fazer o magistério porque eu queria ir pra sala de aula e assim, apesar de ser uma coisa muito difícil não é fácil ser professora, mas quando a gente gosta daquilo que a gente faz é um prazer fazer, muitas vezes a gente vem com a cabeça cansada, muitas vezes a gente vem desestimulada porque a gente sabe que não tá fácil, a gente vê o governo não estimular essa questão do professor que é uma coisa, era pra ser primordial e não é, mesmo com tudo isso às vezes dizem: “Ah você é sofressora”, eu digo: “Não, eu sou professora”, porque foi uma opção, uma escolha de vida que eu fiz, na hora que for sofressora (sic) eu saio de sala de aula porque não tá me servindo mais trabalhar com crianças. Eu trabalhei com todas as faixas, eu trabalhei com crianças pequenininhas, com menino de maternal, com jardim, com alfabetização, com 1º ano, com 2º, com 3º, com 4º, com 5º, trabalhei de 5º ao 9º ano dando aula de história, aí trabalhei com 2º grau né (sic) porque aí eu fui preparar os meninos pro CEFET, pro vestibular com aulas de história, aula de ética e cidadania, então eu nunca saí desse mundo, meu mundo desde muito cedo.

Pesquisadora: Há quantos anos?

Professora Débora: Já tenho dezesseis anos de sala de aula. Já tenho dezesseis anos lá dentro, comecei muito cedinho na época não tava nem contando mais que eu ia me formar, que eu ia não sei o que, eu já tava muito cedo com os meninos pequeninhos, já tava lá, comecei bem cedinho.

Pesquisadora: E assim, o que é ser professora pra você?

Professora Débora: Além de ser minha profissão é uma paixão. Ensinar pra mim é uma questão de paixão mesmo é uma coisa que me estimula todos os dias, “Ah eu

estou muito desestimulada porque isso, porque aquilo, porque aquilo outro”, mas se eu não tivesse estímulo como é que eu ia me levantar todo dia 5:30 da manhã pra tá aqui dentro de sala de aula dando uma aula, então pra mim é mais do que uma profissão é realmente, é uma direção é uma escolha de vida que você faz, você não é professor só em sala de aula, quando você escolhe ser educador, professor, você é isso 24 horas por dia na escola, em casa. Os meus sobrinhos quando querem saber alguma coisa: “Tia isso aqui, aquilo outro”, eu digo: “Olhe, vocês lembrem que eu não sei de tudo não”, mas pra eles ser professor é saber de tudo né (sic), então pra mim é isso, é uma paixão é ser 24 horas por dia.

Pesquisadora: E como, o que você definiria o que é ler.

Professora Débora: Ler é conhecer o mundo, se você não consegue ler você não tem domínio de nada, até pra você pegar um ônibus na rua se você não souber ler você não pega um ônibus. Quando a gente é criança, eu me lembro muito disso, que o mundo de uma maneira muito diferente antes de ler e como eu aprendi a ler eu percebia que eu dominava o mundo pra mim era assim, eu domino o mundo eu sei de tudo, eu quero comer uma coisa eu sei o nome que tem aquilo ali porque consigo ler, a partir do momento que você lê você descobre o mundo, a gente só descobre o mundo depois que a gente consegue ler, isso é uma coisa que é certa.

Pesquisadora: E o que é literatura?

Professora Débora: Aí literatura entra tanto nessa parte da questão da leitura em si, como o conhecimento que eu acho que todo mundo deve ter e ele serve pra tudo. A literatura não entra só em livros pra vestibular, em livros que necessita se ler, nem contos de fada, não só isso, mas tá, bem em revistas, em jornais, em coisas atuais que você precisa saber todo professor ele precisa tá em dia e todo aluno precisa também principalmente, aquele que tá na fase de vestibular e tudo, naquela fase de estudar pra universidade, então a literatura ela é primordial pra você conseguir desenvolver um bom trabalho tanto como aluno como professor também, é muito necessário.

Pesquisadora: E como é que você definiria o que é a escola, a instituição escola?

Professora Débora: Eu gostaria de dizer a você que a escola é uma das melhores coisas que existe, mas infelizmente ela não é porque hoje em dia ela não consegue suprir algumas necessidades básicas tanto do professor quanto do aluno, então eu acho que a escola é necessária porque é um órgão com o qual você consegue organizar, isso é você tem uma aula, você tem um professor, você tem uma sala de aula, você tem um horário de intervalo, você tem uma direção pra conversar, você tem um supervisor que atende a sua necessidade que conversa com você que discute seu trabalho com você que lhe dá uma mão e tal, eu acho que é uma instituição necessária, mas eu acho que a escola podia cumprir um papel ainda se os pais conseguissem trabalhar em conjunto com a gente, que às vezes não dá é difícil, é eu acho que é isso.

Pesquisadora: Professora, a senhora se considera leitora?

Professora Débora: Sou com certeza. Às vezes eu acho que eu sou até chata com isso porque eu faço aula de leitura com os meninos, eu procuro nunca fazer, como é que a gente diz assim, nunca impor isso da melhor maneira possível com eles porque eles tão numa fase difícil, alguns já sabem ler, entra a preguiça, entra, essa

fase você tem que pegar pra que eles possam ter gosto por leitura, então às vezes é bem complicado.

Pesquisadora: No seu processo de formação profissional né, você fez magistério, você estudou alguma coisa, alguma parte teórica de, sobre leitura, sobre literatura, essa relação leitura...?

Professora Débora: Não especifico nisso aí não, porque assim eu fiz um trabalho, mas o meu trabalho era sobre um programa que tinha dentro da prefeitura que era “Escola Para Todos” que era um trabalho que se fazia dentro das escolas particulares, se colocava tantas vagas em escolas particulares com criança lá dentro, então eu achei muito interessante o trabalho, eu estudei o trabalho eu fui coordenadora dentro da escola que eu trabalhava desse projeto então assim, eu não fiz um projeto específico com leitura, eu fiz um projeto com o trabalho da prefeitura dentro das escolas, não foi específico nisso nessa área.

Pesquisadora: Na sua sala de aula, com que frequência ocorrem as atividades com relação a leitura?

Professora Débora: Olhe toda semana tem e pra não lhe dizer que são todos os dias, mas é sempre né (sic) digamos que a gente tem cinco dias na semana, eu procuro três ou quatro tá trabalhando isso, até porque tudo que você faz tem relação com a leitura, como é que você vai passar uma atividade pro aluno que ele não sabe o que tá fazendo, a própria vida precisa ler.

Pesquisadora: Quais são os tipos de atividades?

Professora Débora: Aí eu vario, levo muito histórias, histórias em quadrinhos, livros, faço muita montagem com jogos do jeito que faziam comigo eu faço com eles. A gente tem um joguinho que é, a gente junta os grupos, divide os grupos e eu vou dizendo as palavras ou vou contando uma história e eu vou pedindo pra eles identificarem as palavras que são usadas na história e eles vão organizando nesse quebra-cabeça, e a gente tem um cantinho de leitura, a gente tem uma caixa de livros dentro da sala que às vezes eles terminam “Tia eu posso pegar um livro?” “Pode”, deixo a caixa lá eles pegam eles leem né (sic), então assim a gente faz uma coisa bem variada, às vezes eu digo: “Ó vai passar um filme tal de tarde vamos assistir?”, eles assistem no outro dia a gente discute o filme, conta de um jeito diferente, às vezes eu boto um desenho no quadro, eu digo agora vamos criar uma história, então eles vão dizendo “aí tem isso, tem aquilo, ele é assim ele é assado” e a gente vai montando a história, então a gente trabalha sempre estimulando muito essa questão, montar né (sic), porque eles precisam disso também.

Pesquisadora: Essas atividades são previamente planejadas ou...?

Professora Débora: São, faço planejamento toda quinta-feira, então dentro do meu planejamento eu já vou colocando isso, o que não é planejado é quando eles terminam a atividade mais cedo que eles dizem: “Tia a gente pode ler uma história? Pegar um livro?”, eu digo: “A vontade pode pegar aí”.

Pesquisadora: E assim, quais são os tipos de materiais que você utiliza nesse trabalho, você falou dessa...?

Professora Débora: É essa questão dos jogos eu criei um jogo também que foi esse jogo das sílabas, das letras pra trabalhar com ele, jogo da memória a gente também faz bastante com frases e montar frases e tudo, essa semana a gente

trabalhou até com aquela brincadeira do telefone sem-fio, pronto eu faço isso bastante isso aí e livros. Agora assim, a gente tem poucos recursos, mas aí a gente, professor tem ser pai, mãe, criativo tudo no mundo ele tem que ser então ele vai inventando, pouquinho.

Pesquisadora: E você utiliza a biblioteca da escola?

Professora Débora: Na verdade isso é um problema assim que às vezes a gente tem porque existe um horário pra biblioteca, mas um horário e você sabe que um horário de meia hora não dá pra nada, eles não conseguem nem manusear o livro e uma biblioteca que não serve só pra biblioteca, aí tem aula de vídeo, tem aula disso, tem aula daquilo, às vezes eu prefiro fazer em sala de aula vou lá e digo: “Ó vim pegar uns livros aqui!” “Pode levar” e eu prefiro fazer em sala de aula, mas assim pelo menos uma vez por mês eu procuro levar nem que seja só pra eles terem contato só pra saber o que é, como é que funciona.

Pesquisadora: A funcionalidade...

Professora Débora: É!

Pesquisadora: E você acha que tem alguma relação entre a forma como você trabalha a leitura na sala de aula com seus alunos com o que seus professores faziam quando você estudava?

Professora Débora: Com toda certeza. O que eu faço com os meninos, eu sempre me lembro com que facilidade eu aprendi aquilo ali, como aquilo funcionou pra mim, as pessoas falam: “Ah, mas você não pode comparar”, pode porque quando você passa pelo processo, você sabe onde você tem mais facilidade mais dificuldade e eu analiso os meus alunos né (sic), eu tenho uma ficha pra analisar, então eu vou trabalhando isso aí onde eu vejo mais dificuldades ou mais facilidades, realmente essa questão do que eu tive na minha infância influencia demais no meu trabalho hoje em dia.

Pesquisadora: E as suas experiências de leitura, desde a sua tia contando lendo até passando pela questão do seu acesso à biblioteca no CIC, você acha que isso influencia na sua prática pra formação de leitores?

Professora Débora: Influencia sim. E assim, eu não digo só isso né, vai muito, além disso, vai também daquilo que você quer fazer, da importância que você dá a leitura na sua vida, porque existem pessoas que acham que a leitura não é tão importante, que eu já escutei isso, com certeza influenciaram e assim hoje eu tenho uma visão muito mais ampla da que eu tinha quando eu tinha dezesseis, dezessete anos, quando eu tinha dez, onze anos que eu via o mundo de uma maneira e hoje eu vejo muito diferente, tem influência, tem com certeza, agora você vai afinando o seu gosto, você vai refinando aquilo que você tem e você vai também procurando ver o que eles precisam porque são gerações diferentes, mas a necessidade de leitura é sempre a mesma, que leitura ela é informativa, leitura mexe com a sua criatividade, vê como a forma que você vê o mundo, então tudo, tudo é uma relação com a leitura né, influencia, influencia, mas você tem que refinar também aquilo que você vai aplicando, dentro de sala de aula ou até na maneira como eu faço com meus sobrinhos não é, hoje em dia existem coisas que eu me baseio nisso aí, mas uma internet eu não tinha e a maneira de você ler na internet é uma né (sic) e de você ler um livro é outra então isso aí a gente tem que respeitar né (sic), que são formas diferentes são materiais diferentes, com certeza sim.

Pesquisadora: E assim, você já tem dezesseis anos de sala de aula, como é que você acha que você forma um bom leitor?

Professora Débora: Olhe primeiro, você tem que dar acesso a todo tipo de material que puder não é pra que ele possa formar digamos assim, ele possa formar dentro da cabecinha dele é uma forma que você não tem uma forma pra ensinar a ler, isso não existe, cada criança ela tem um ritmo diferente, ela tem uma forma diferente então eu vou tentando fazer assim, vou tentando usar métodos cada vez mais criativos na verdade, até com recortes e colagem você faz isso pra que eles possam gostar de ler, na verdade a criança hoje em dia, o mundo oferece muito mais meios de leitura do que um livro, então às vezes eles fazem: “Ai tia, vamos pra internet que é melhor” então assim, às vezes a cabecinha fica preguiçosa então você tem que trabalhar muito essa questão da criatividade, de que maneira você chega no aluno pra que ele abra o espaço pra que você possa trabalhar a leitura com ele, então é muito de criatividade.

Entrevista com a professora Maria José – 4º ano do Ensino Fundamental:

Pesquisadora: Como a leitura entrou na sua vida? Antes de saber ler, você teve algum estímulo a leitura? Por parte de quem?

Professora Maria José: Eu comecei a me interessar pela leitura através do meu irmão, meu irmão mais velho, ele lia muito, tinha muitos livros, meu pai sempre comprava livros para ele. Eu via e ficava curiosa para saber o que tinha nos livros.

Pesquisadora: Seus pais também liam?

Professora Maria José: Não! Minha mãe é semi-analfabeta e meu pai tem o 2º grau. Mas eu digo até que ele é incoerente com as leituras, porque ele lê muito, mas não coloca em prática o que leu, assim ele lê mas não tem aquela visão crítica que deveria ter.

Pesquisadora: Quais lembranças de leitura você tem de quando era criança? Com que frequência ocorriam as atividades que envolviam a leitura, ouvir histórias lidas ou contadas?

Professora Maria José: As lembranças que eu tenho são essas, do meu irmão me dizendo o livro que ele tinha lido e que eu lesse também. (Para e pensa) Assim, de ouvir histórias não, meu irmão fazia comentários e reflexões sobre os livros que ele lia. Mas de ouvir alguém contar, não tenho essa experiência.

Pesquisadora: Onde, com quem e com qual idade você aprendeu a ler?

Professora Maria José: Eu aprendi a ler com uns 7 anos, acho. Na minha época, existiam professoras particulares, então antes de ir para a escola eu tive uma professora particular que me ensinou a ler. Quando eu fui para a escola já estava encaminhada.

Pesquisadora: Quem é a pessoa que você acha que mais o/a estimulou à leitura?

Professora Maria José: Meu irmão, com certeza!

Pesquisadora: Nenhum professor?

Professora Maria José: Não. (Também afirmou com a cabeça).

Pesquisadora: Que tipo de materiais você tinha acesso (livros, jornais, revistas; hq) na sua infância? Onde; como?

Professora Maria José: Eram os livros do meu irmão e na escola quando as professoras pediam para comprar um livro e fazer resumo. Era só livro mesmo e em casa.

Pesquisadora: Você tem livros que guarda desde essa época? Quais? Você lembra de alguma história, livro que você leu ou ouviu quando criança?

Professora Maria José: Não, eu não tenho nenhum livro desse. Mas eu me lembro de um livro que meu irmão tinha, não me lembro o nome, mas tinha várias histórias.

Pesquisadora: Uma coletânea?

Professora Maria José: Isso (sic), uma coletânea. Que tinha uma história chamada Luz Vermelha, que eu li esse texto várias vezes, era a história de uma menina que sofria muito, essa eu gostava demais.

Pesquisadora: Durante a sua escolaridade você teve atividades de estímulo à leitura? Quais?

Professora Maria José: Não, nenhuma.

Pesquisadora: Seus professores não liam para você?

Professora Maria José: Não. A leitura era assim: todo bimestre tínhamos que comprar o livro que a professora pedia, fazia o resumo e entregava a ela. Mas eu sempre gostava dos livros.

Pesquisadora: Você teve algum professor(a) que o/a estimulou na prática da leitura? Quais atividades ele(a) fazia que o/a levaram a gostar de ler?

Professora Maria José: Nenhum, infelizmente.

Pesquisadora: Na escola em que você estudou havia uma biblioteca? Como ela funcionava? Que lembranças você tem de sua relação com a biblioteca?

Professora Maria José: Tinha biblioteca sim, eu estudava lá na Francisco Ivo. E eu sempre ia lá. Pegava livros, consultava quando precisava para fazer trabalho.

Pesquisadora: Mas você só pegava livros para pesquisa? E os livros de literatura?

Professora Maria José: Sim, eu pegava muitos romances, eu gostava muito de romances. Eu só pesquisava quando precisava para trabalho. Mas eu sempre pegava romances para ler em casa.

Pesquisadora: Como você se tornou professor(a)? Há quantos anos você é professor(a)?

Professora Maria José: Ah! (sic) Eu me tornei professora por acaso, porque eu estava precisando. De funcionária pública eu sou professora há 21 anos, mas eu ensinei 2 anos antes em uma escola particular, escolinha de bairro, mas que não conta oficialmente. Foi assim: a mulher foi chamar minha irmã lá em casa para ensinar, mas minha irmã estava trabalhando. Como eu estava precisando de dinheiro, me ofereci. Foi assim! Mas eu tinha feito vestibular para Administração e não passei, fiquei desestimulada. Quando eu estava na escolinha, tentei vestibular novamente e fiquei em dúvida entre Letras e Pedagogia, e o pessoal da escola me incentivou a fazer Pedagogia “Como você está ensinando, você faz o curso para aprender mais e assim você cresce”. Ai eu fiz (em tom desanimado).

Pesquisadora: O que é ser professora para você? Você gosta da sua profissão? Você é feliz com a sua profissão?

Professora Maria José: (Pausa longa). Ser professora é ser modelo, modelo para aqueles alunos. É transmitir conhecimentos. É educar mesmo, porque hoje em dia o professor tem que ensinar tudo, não é só passar conteúdo, é dizer como se comportar, impor limites, porque os pais não fazem mais isso. As vezes essa questão do conhecimento fica de lado. Acumulou as 2 coisas, né? (sic) A família não faz mais a sua parte, e a escola precisa se responsabilizar. Voltando a pergunta. Pois é, eu gosto da minha profissão quando eu vejo bons resultados, quando eu sei

que eu consegui passar o conteúdo e o aluno aprendeu e ele tá usando aquele conhecimento. Mas também algumas coisas ruins, que todo mundo sabe. Como em toda profissão... (sic) tem seu lado bom e seu lado ruim.

Pesquisadora: Defina com suas palavras o que é ler.

Professora Maria José: Leitura é você conseguir entender, interpretar a leitura, o que o texto quer dizer.

Pesquisadora: Defina com suas palavras o que é literatura.

Professora Maria José: Literatura é o conjunto de obras sobre uma área do conhecimento, toda área tem a sua literatura, assim, na medicina, tem aqueles livros que eles utilizam, não é só na nossa área não, não é só literatura infantil.

Pesquisadora: Defina com suas palavras o que é escola.

Professora Maria José: A escola deveria ser um lugar de transmissão do conhecimento, de ensino, de aprendizagem, deveria ser um lugar agradável, mas infelizmente não está sendo assim, por vários motivos, por vários fatores (ar de tristeza, decepção). Deveria ser um lugar que todos gostassem de vir, mas não é assim.

Pesquisadora: Você se considera um leitor(a)?

Professora Maria José: Não! (Bem incisiva). De jeito nenhum. Faz muito tempo que eu não leio, que eu não pego um livro, um romance que eu gosto muito. Sabe por quê? Eu não tenho tempo. Trabalho 2 expedientes, quando chego em casa tenho que fazer as coisas, depois quero descansar um pouco. Outra coisa, onde eu moro é um bairro muito movimentado, tem muito barulho, essa juventude de hoje só escuta som alto, só conversa alto. E eu sou assim: só consigo ler, estudar em silêncio, tudo tranquilo, só assim me concentro para ler. Mas eu sinto falta de ler.

Pesquisadora: No seu processo de formação profissional, você estudou sobre leitura, ensino de leitura ou a relação leitura e literatura?

Professora Maria José: Não. Nenhum. Eu não me lembro não. Que tratasse assim profundamente não, era só aquela parte técnica de como chegar na sala de aula e fazer.

Pesquisadora: Você fez Pedagogia em qual Instituição de ensino?

Professora Maria José: Na Universidade Federal mesmo (sic).

Pesquisadora: Na sua prática em sala de aula com os alunos, com que frequência ocorrem às atividades de leitura de literatura? Como são essas atividades de leitura? Existe algum tipo de planejamento?

Professora Maria José: Eu trabalho com a leitura todos os dias. Porque o horário é dividido pelas disciplinas. E em todas as disciplinas. E em todas as disciplinas eu trabalho a parte da leitura, em ciências, por exemplo, não é só na aula de língua portuguesa. Eu pego textos, assim, nos livros didáticos hoje vem muitos textos, então eu trabalho com eles.

Pesquisadora: Mas com a literatura? Com a leitura literária? Como é? Você conta histórias? Ler? Você faz sempre ou é só quando sobra tempo? Você planeja levar esses livros ou é aleatoriamente?

Professora Maria José: Eu compro livro e levo para eles, leio. Deixo eles levarem para casa. Eu indico e digo: “Olhe, no nosso armário tem livros, podem pegar para ler”.

Pesquisadora: E como você faz essas leituras? Você planeja a leitura? Ou é quando dá tempo? Um tapa buraco?

Professora Maria José: É tapa buraco, quando dá tempo (sic). Nas aulas de língua portuguesa eu levo mais, leio para eles.

Pesquisadora: E que atividades você faz com a leitura?

Professora Maria José: Eu peço para eles escreverem o que eles entenderam, assim eu observo a escrita também. E às vezes eu faço questionamentos, às vezes eu peço para eles falarem o que eles acharam da história.

Pesquisadora: Que tipo de material você usa para o trabalho com a leitura de literatura?

Professora Maria José: Eu uso o livro didático e os livros que eu trago para o armário da sala. Porque nos livros didáticos tem muitos textos bons, e em todas as disciplinas.

Pesquisadora: Mas para trabalhar a leitura literária? Você usa o retroprojeto, livros grandes, datashow? Ou só o livro mesmo?

Professora Maria José: Só o livro mesmo.

Pesquisadora: Você utiliza a biblioteca da escola com seus alunos? Com que frequência faz isso?

Professora Maria José: Uso muito não. Só quando é alguma pesquisa. Mas eu procuro saber se chegou algum livro novo e indico para os alunos. Leio o livro e digo “Olhe lá na biblioteca tem um livro legal”, e digo qual é o livro. A biblioteca tá um pouco complicada.

Pesquisadora: Existe alguma relação entre a forma com que você conduz o ensino de leitura e a maneira que seus professores faziam quando você era estudante?

Professora Maria José: Não. Porque quando eu estudava a gente tinha que ler o livro obrigatoriamente e fazer o resumo. Já eu faço assim: leio para eles, deixo eles a vontade para lerem se quiserem ler, depois também, dicas de livros. Acho que não tem nada a ver.

Pesquisadora: Você acredita que as suas experiências de leitura, a sua prática de leitura, as influências que você teve durante toda a sua vida, isso ajuda na sua prática de formação de leitores?

Professora Maria José: Acredito que sim, a partir do momento que eu leio para eles, eu sou modelo. Porque eu sou modelo para eles, então o contato que eu tive a partir do meu irmão me ajuda a ler para eles, apesar de no momento eu não estar sendo leitora.

Pesquisadora: A partir da sua experiência como professor(a), como você acredita que se forma um bom leitor?

Professora Maria José: É ensinando, porque como eu já falei, hoje temos que educar também, tem que fazer tudo. E para se formar leitor o professor precisa trabalhar a leitura em todos os momentos da aula. Tem que ler e estimular o aluno a ler.

Pesquisadora: E com relação à formação do leitor de literatura?

Professora Maria José: (Pensando). Tem que trazer livros novos, ler e dar dicas de livros para os alunos que quiserem ler.

Entrevista com a professora Goretti – 5º ano do Ensino Fundamental:

Pesquisadora: Goretti, como é que a leitura entrou na sua vida? Antes de você ler alguém lhe estimulava? Alguém lia pra você? Contava ou lia histórias?

Professora Goretti: Minha experiência com a leitura é bem interessante, eu tinha uma pessoa que eu conhecia que morava lá na rua, aquelas madrinhas de fogueira de antigamente madrinha Zeneide e ela tinha o hábito de contar histórias e ela contava histórias nas rodas mesmo assim, então ela tinha uma afinidade muito grande com criança e eu era uma dessas, uma das preferidas dela, muito próxima dela tinha um carinho muito especial por mim e todos os dias ela fazia aquela roda com as crianças e contava aquelas histórias, geralmente esses contos de fadas só que de uma forma bem informal ela contava e tinha um jeito bem bonito.

Pesquisadora: Ela contava ou lia?

Professora Goretti: Ela contava; ela não lia. E aquilo me deixava muito curiosa pensando se um dia eu podia encontrar aqui num livro, eu queria encontrar aquelas histórias num livro, sempre aquilo ficava eu cresci com isso na minha cabeça, depois de adulta foi que eu percebi e um dia encontrei algumas histórias num livro reunidas praticamente num livro só. Então era essa a forma de chegar num conto, depois lá na frente influenciou muito nas minhas leituras, o encantamento que ela passava pra gente.

Pesquisadora: Qual era a frequência que isso ocorria, tipo assim (sic), existem outras lembranças que você tem da leitura durante a sua infância ou é só isso mesmo?

Professora Goretti: O livro propriamente dito, as lembranças que eu tenho bem marcantes é que lá na minha casa quando eu era criança morávamos em dez, praticamente em dez pessoas e tinha uma menina que namorava que tinha um namoro muito assim muito acirrado com um camarada e na minha curiosidade de criança eu sempre a via com umas revistinhas, ela e tinha um primo meu que também morava lá em casa, umas revistinhas e essas revistinhas elas sempre quando liam ou os outros estavam lendo e a gente chegava próximo elas escondiam só que aquilo aguçou muito a minha curiosidade foi um dos meus primeiros contatos que eu tive com a leitura foi esse tipo de revistinha, eram revistinhas eróticas em preto e branco com aquele papel bem fraco, vinha aí eu me escondia e quando ela saía eu sabia onde ela guardava e eu pegava aquelas revistinhas e lia né (sic) aquilo aguçava muito a minha curiosidade. Depois tinha uma delas que tinha um namorado que lia muito aquela revista Texas e eu gostava também de ler e lia não era porque tinha só aquilo não, eu lia porque gostava de ler na verdade eu sempre fui muito curiosa na leitura, quando eu comecei a ler de criança mesmo pequenininha tudo eu queria ler sabe, eu queria ler gostava das gravuras gostava de tudo, então esses primeiros contatos com a leitura foram assim né (sic) de uma forma bem até esquisita. Aí teve o Texas, depois quando fui me tornando adolescente aí tinha uma vizinha minha que lia muita Sabrina, eu lia muito Sabrina tinha até uma concorrência quem lia mais, lia mais rápido, quanto se lia na semana e depois quando eu entrei na escola propriamente quando comecei a ter contato com os professores aí foram dando algumas leituras e o contato também com outras pessoas.

Pesquisadora: Com quem foi? Onde você aprendeu a ler? E quantos anos você tinha quando você aprendeu a ler?

Professora Goretti: A minha história de alfabetização foi bem interessante, meu pai não queria que nós fôssemos pra escola cedo ele achava que uma criança com sete anos era muito cedo ainda, então ele pedia a minha mão, ele não queria era uma novela lá em casa chegavam até a discutir. Minha mãe escondido foi e me colocou pertinho da minha casa numa aulinha, D. Elvira, nunca esqueci o nome da professora, muito séria foi quem me alfabetizou, aí quando minha mãe discutiu muito, discutiu muito eu entrei na escola já sabendo ler também já alfabetizada com todas essas confusões, mas eu cheguei lá fui alfabetizada e não lembro de ter sido incentivada na leitura não, eu lembro que a escola que eu estudava, antiga Escola Guararapes, tinha uma biblioteca muito bonita, arrumada, limpa, mas era um local praticamente intocável, aquela coisa até misteriosa; se chegar na biblioteca era uma coisa assim tão distante do aluno, eu tinha essa visão, eu percebia isso era uma coisa misteriosa ver que estava lá como se nós não tivéssemos acesso, como se ali fosse proibido, tendo que permanecer sempre arrumadinha, daquele jeito e quando tinha a oportunidade de ir era com muito cuidado morrendo de medo porque qualquer olhar daquela pessoa que tivesse responsável olhasse com um pouquinho mais assim, a gente ficava com medo, então isso provocava um certo medo de ir a biblioteca por isso, porque era um lugar como se fosse algo sagrado ali que sempre não tratei assim, tinha que ser uma coisa muito, sempre tratei assim essa biblioteca lá da escola.

Pesquisadora: Qual foi a pessoa que você acha que durante a sua infância mais lhe estimulou a leitura?

Professora Goretti: Curiosamente foi através dessa contadora de história, porque leitura mesmo eu não tinha, mas eu sempre fui muito curiosa em termos de querer ler querer aprender, tudo que eu pegava eu lia, achava bonito, até hoje ainda acho bonito a forma como as letras se encaixam foram palavras se emaranham, dentro de um texto eu acho encantador até hoje me encanto essa forma da escrita e daí foi que foi surgindo minha curiosidade, quando eu comecei a ter acesso mesmo aos livros foi quando comecei a estudar ir pras escolas, na adolescência eu procurava ia muito a biblioteca Câmara Cascudo gostava muito de ir lá tinha os trabalhos né (sic), estudava ali no Anísio Teixeira e pertinho, então qualquer pretexto, qualquer coisa era motivo pra eu ir pra lá pra biblioteca e lá eu pegava as revistas pegava livros, eu era curiosa sempre fui curiosa na leitura.

Pesquisadora: Você tem algum livro que você ganhou, que alguém lhe deu que você comprou quando era criança, você tem algum livro você se lembra de alguma história que alguém contou e que você guarda isso até hoje?

Professora Goretti: Livro, livro não. Eu tenho essa lembrança, mas eu tenho a lembrança de um livro didático que era um livro chamado Caminho... (fica pensando) não lembro o resto não (sic), um livro usado no segundo ou terceiro ano não lembro, me chamava atenção a imagem dele a capa e os contos, os contos geralmente não eram contos, eram pequenos fragmentos de textozinhos muitos elementares. Outro livro também que eu tive que foi também nesse processo de ensino fundamental era um livro também didático chamado Novo Nordeste, o que é que me chamava atenção no Novo Nordeste era a capa dele que trazia os canaviais daqui do rio Grande do Norte trazia o Rio Grande do Norte representado naqueles canaviais, um caminho assim e vários canaviais e se não me engano tinha alguma coisa no fundo

que não me lembro bem, mas o livro mesmo em se o livro literário vamos dizer um livro de conto narrativo não, nenhum não de ter alguém ter me dado de presente.

Pesquisadora: Quando você foi pra escola mesmo, você teve os seus professores faziam atividades de estimular a prática da leitura, como eram essas atividades?

Professora Goretti: Não tive não, nenhuma (sic). Todas elas direcionadas ao livro didático. Não tinha esse estímulo, não lembro de nenhum professor ter contado histórias que estimulasse tudo, que sentisse o desejo naquela hora, pegar um livro depois não tinha esse incentivo não é uma lembrança mesmo boa não que eu tenho.

Pesquisadora: Como era que eles, eles só trabalhavam mesmo com o livro didático?

Professora Goretti: Praticamente o livro didático era ali usado sempre. Quando tinha, quando eu vim ter contato com alguns livros foi já no ensino fundamental II, aliás, no ensino médio que os professores pediam, às vezes pra você comprar um livro e fazer, tinha lembro que os livros vinham até com um fichariozinho atrás que você tinha que ler e responder. Na maioria das vezes eu não comprava porque eu não podia geralmente eu pegava emprestado e não tinha nem como responder na própria fichinha eu tinha que responder no caderno tudo. Apesar de ser uma leitura forçada, o professor mandava a gente, tinha que ler, mas eu gostava aquilo lá era uma oportunidade apesar de ser forçada porque a gente tinha que fazer e tudo, mas eu gostava porque aquilo dali me aproximava do que eu não tinha oportunidade de ter, quando algum aluno comprava do grupo pegava emprestado e lia, então eu lembro que um dos primeiros contatos que eu tive foi o livro Iracema que na época eu lembro que eu não gostei achei muito cansativo sabe, não entendia nada do que tava dizendo ali até mesmo pra fazer o trabalho eu lembro que tive dificuldade.

Pesquisadora: Mas você gostava?

Professora Goretti: Gostava, achava interessante. Nesse mesmo período eu tive, conheci um rapaz eu tive um namorado que ele tinha um círculo de amigos que eram pessoas metidas com grupos de, trabalhavam nas lideranças dentro da escola tinha aqueles grupos que faziam reuniões, então ali eram pessoas vamos dizer “os politizados”, tinha uma visão politizada da coisa, estudantes revolucionários, tudo eles queriam mudar e eu me aproximei exatamente por causa de Josué que era esse meu namorado, apesar de Josué não tinha também nada a ver com eles em termos de ler nem gostar de ler ele gostava, mas esse contato com eles assim me aproximou por que, porque eles eram leitores, então eu lembro que na época eu li O Capital de Marx, eu li livros assim bem, li até que eles me deram de presente que foi um filósofo, eu achava o máximo, sempre gostei de filosofia, então eu achava o máximo, tratava e abordava as questões e o Karl Marx, eu lembro que eu li e não entendi nada e depois assim a gente sempre tentava discutir e isso me dava uma alegria muito grande, tanto é que depois nós, eu sempre gostei muito de escrever cartas até hoje gosto, e nós eu comecei a me envolver com um deles tamanho foi o envolvimento que surgiu até um namorzinho com ele exatamente por essa proximidade que ele tinha dos livros aquilo me encantava e ele me dava essa oportunidade, ele me dava muitos livros, emprestava, trocávamos cartas comentando de tal livro e tal, e isso me deu uma amplidão em relação a leitura foi daí realmente que eu comecei a ler e livros mais densos, esse contato com esses meninos, hoje em dia um deles até participa de liderança sindical aqui em Natal ta

na cria, mas esse contato com eles foi muito bom porque eu li muitos livros interessantes na época.

Pesquisadora: Na escola que você estudava havia biblioteca?

Professora Goretti: Tinha biblioteca, porque a escola que eu estudava era uma escola conveniada, como o Bradesco hoje é, era uma escola conveniada com as costureiras do Grupo Guararapes e minha mãe era costureira, aí saiu mas só que ela tinha um contato tão grande com as pessoas lá que conseguiu vaga, então colocou eu e meus dois irmãos então na época era uma escola muito arrumada uma escola até de elite, nós andávamos mesmo na linha porque era uma escola que tinha que preservar um nome, então lá eles tinham essa biblioteca muito bonita como eu já falei, mas era assim uma coisa muito distante do aluno era um ambiente, parecia tão sagrado que a gente tinha até medo de ir lá e realmente éramos impedidos e de uma certa forma esse medo provocava o nosso afastamento mesmo, essa forma como eles colocavam a biblioteca.

Pesquisadora: E os seus professores não levavam?

Professora Goretti: Não levavam. Quando um ou outro levava era uma coisa muito esporadicamente, talvez muito difícil eu nem tenho essa lembrança, quando íamos era assim talvez por uma curiosidade, quando alguém mandava pesquisar a gente ia chegava lá e perguntava se tinha o livro aí ia na biblioteca e pesquisava. Mas em termos pra ir como lazer pra uma leitura, não.

Pesquisadora: Você comenta que ia pra biblioteca Câmara Cascudo, como é que você ia? Sozinha ou com um grupo de amigos?

Professora Goretti: Geralmente a gente ia em grupo quando tinha trabalho pra fazer.

Pesquisadora: Era mais pra pesquisa?

Professora Goretti: Isso, mas depois que eu comecei a conhecer o ambiente da biblioteca eu comecei a ir só porque eu gostava da biblioteca, até hoje eu gosto de biblioteca. Eu gostava, então, às vezes eu estava lá em casa mesmo de tarde e vinha pra cá pra biblioteca, às vezes, passava praticamente o dia todo dentro da biblioteca, aí olhava revistas, olhava livros, artigos, tudo que eu achava interessante eu pegava lá, eu gostava daquele ambiente, silêncio é... a forma como as pessoas sentavam pra ler achava interessante, achava bonito, aí (sic), pra mim era encantador.

Pesquisadora: Goretti, como foi que você se tornou professora? Há quantos anos você leciona?

Professora Goretti: Eu leciono já há 15 anos. A minha história de professora é bem interessante porque já outro dia eu tava pensando se eu havia me tornando professora por acaso, não foi, já em pequena mesmo eu gostava de brincar de escolinha, né (sic), o quadro e o giz apesar que hoje eu não suporto, eu nunca gostei de giz, mas naquela época era interessante; o giz eu achava legal ter um quadrinho; nós não tínhamos quadro, mas nós tínhamos eu lembro que era uma porta velha e a gente estudava com aquela porta, escrevíamos e tal e eu lembro que nesse processo de escrita eu apanhei muitas vezes porque quando eu aprendi a escrever mesmo, eu queria registrar tudo em qualquer canto, então eu registrava nas paredes da minha casa, eu registrava nos móveis com friso, registrava no chão

eu gostava de riscar, entende? Eu apanhei muito por isso, muito mesmo porque meu pai não gostava e realmente eu riscava as paredes, eu colocava nomes, eu colocava frases onde eu podia escrever eu escrevia. No processo também de conhecer a leitura uma pessoa também me influenciou muito e com grandes leitores, inclusive os clássicos, foi o pai do meu filho já bem, já em adulta mesmo por volta de vinte anos eu conheci ele e ele é uma pessoa muito, tem bagagem de leitura muito boa e eu lembro que na época foi maravilhoso porque uma das coisas que me encantou era exatamente esse lado dele né (sic) e ele me emprestou muitos livros, muitos livros de bons autores clássicos como: Stendhal, Lee, Dostoiévski, eu li vários autores que ele me apresentou muitos mesmo e foi assim, construiu um grande repertório de leitura no tempo que eu estive com ele foram dezoito anos construídos também em cima dessa bagagem, minha leitura todinha com ele. Em relação à minha vida como professora, já em pequena como eu vinha lhe dizendo eu já gostava de escrever, de ensinar e tudo, quando eu fui crescendo tinha sempre alguém que me pedia aulazinha de reforço, eu ia e dava, aquelas aulazinhas de reforço ajudava e tal. Depois quando me tornei adolescente, antes de começar a trabalhar mesmo, eu lembro que fui trabalhar no Mobral, existia o Mobral, minha mãe inclusive era minha aluna numa escolinha lá em Morro Branco, que sei nem sei se ainda existe hoje, eu era muito novinha e o meu público era o que eram pessoas casadas, empregadas domésticas, pessoas que já eram avós, avôs, então já eram pessoas já bem, de até hoje eu tenho uma afinidade muito grande com essas pessoas, minhas primeiras experiências como professora mesmo especificamente em que foram de planejar e ter aquele cuidado, eu lembro que eu ganhava umas moedinhas, às vezes eu ia pro banco e ganhava e umas moedinhas, poucas moedinhas ele botava na minha mão, mas isso me dava uma grande satisfação eu lembro disso com muito carinho, que eu acho que essa, eu sou professora hoje vem de mim é um sentimento mesmo é uma vontade que eu sempre tive. Fiz vestibular para nutrição não passei aquilo me causou uma grande frustração, já tinha feito o curso de administração, o curso técnico de administração aqui no Anísio Teixeira e quando fiz o vestibular que não passei fiquei muito frustrada achei aquilo muito injusto eu tinha estudado muito, só que eu trabalhava o dia todo e sacrificada eu fazia cursinho aquilo me deixou muito desgostosa mesmo aí parei e fiquei lá na minha sem estudar só mesmo trabalhando, trabalhava numa ótica na época, quando foi um dia uma amiga minha chegou lá em casa e disse assim: “Vamos estudar?” aí eu disse vou estudar o que já terminei o segundo grau vou fazer o que, aí ela disse vamos fazer lá no Kennedy, estudar lá no Kennedy aí a gente faz só dois anos a gente já tinha feito segundo grau; quando nós chegamos lá disseram não vocês tem que fazer os três anos, aquela possibilidade de estudar de novo que eu sempre gostei de estudar me deu uma nova vida, um novo ânimo e eu comecei a estudar e a conhecer alguns, algumas metodologias, digamos assim e alguns professores que influenciaram muito a forma como eu vejo hoje o ser professor, um deles foi um professor chamado Márcio, professor de filosofia, assim que me encantava muito a forma como ele ensinava, ele passava muitos textos didáticos, mas era de uma forma muito assim que parecia que ele estava contando, narrando uma história quando saí de lá eu fiz meu curso foi filosofia, fui fazer filosofia, vestibular e tinha uma professora de português nesse período talvez porque mais recente me marcaram muito nesse período foi essa professora de português e o esposo dela era um professor de geografia se eu não me engano chamado Gasparoto, que tinha uma letra linda ele fazia caligrafia, sabe tinha aquela letra bem bonita cursiva muito linda, tinha uma professora também de, um professor de matemática que me

chamava muita atenção a forma como ele ensinava porque ele não ensinava ele enrolava e aquilo me deixava muito angustiada, então ali naquele ambiente foi surgindo o desejo, aliás não foi nem surgindo foi reforçando a vontade de mudar, de mudar aquela visão que eu tinha daqueles professores alguns de uma forma negativa e outros que eu me espelhava, que eu me espelhava na forma, na forma como eles passavam os conteúdos, como eles trabalhavam a abordagem dos conteúdos e como é que eu aprendia com eles nas reflexões que eles faziam, me influenciou bastante de todas as formas e aí quando eu saí de lá quando eu terminei o Kennedy foi quando eu engravidei e pouco tempo depois eu já trabalhava numa construtora aí eu passei nesse concurso, o pai do meu filho estava comigo nesta época e ele também passou só que ele assumiu primeiro a educação e eu fiquei e nesse ínterim quando ele assumiu a educação ele foi trabalhar numa escola lá na Beira da Maré ali no Passo da Pátria, lá dentro mesmo na época era uma favela hoje eles chamam comunidade e ele sabia do meu gosto pela educação e me convidou pra trabalhar como voluntária, então eu trabalhava lá como voluntária, trabalhei lá dois anos, fiz assim muitas amizades e cresceu o gosto né (sic) pela coisa, ensinei pela manhã um tempo lá depois passei pra tarde, depois ensinei a noite, nesse ínterim eu fui chamada pra trabalhar no Liceu, aí não teve pra ninguém né (sic), trabalhar minha primeira experiência numa escola dentro do município foi numa escola lá em Felipe Camarão uma turma eu lembro, uma turma que vinha com um histórico muito comprometido na aprendizagem na disciplina, uma turma já de quatro anos os mesmos alunos, na mesma sala e por ironia eles intitulavam “A Turma D” e realmente era uma turma na sala D, uma turma muito problemática, crianças a maioria era composta por meninos, meninos que tinham histórico de aprendizagem muito comprometido, não sabiam ler não sabiam escrever, um histórico de drogas em família, muito complicado. Essa foi a minha primeira experiência no município.

Pesquisadora: Goretti, pra você quanto professora há quinze anos já, o que é ser professor? O que é ser você em sala de aula? Você gosta do que você faz? Você é feliz sendo professora?

Professora Goretti: Sou, sou tão feliz que vivo angustiada, exatamente por que, porque eu me vejo professora e não é só a palavra em se não tem uma dimensão muito maior quando você diz professora, pra mim é uma palavra muito forte por que, porque eu me vejo como referência da mesma forma como eu tive professores que foram referências para mim eu me vejo como uma referência e eu sei que eu sou uma referência para esses alunos desde que eu ensino com a mesma visão, com o mesmo gosto; já tenho quinze anos no município esse meu gosto de mudar continua forte em mim, viva, a esperança às vezes fica balançada os anos diante de uma série de situações que já são conhecidas de todo mundo, mas também ao mesmo tempo elas me animam me fortalecem porque eu vejo dentro da profissão a possibilidade de mudar apesar de ser uma mudança que requer muito tempo, adoro a minha profissão não me vejo fazendo outra coisa já pensei em mudar mas não me fazendo outra coisa e me vejo sendo como professora, professor pra mim é você transformar a vida das pessoas, não existe nenhuma pessoa no mundo que não tenha tido a influência de um professor na sua vida seja de forma informal, seja de forma mesmo ali direcionando dentro da escola, sempre vai ter alguém que lhe ensine, o professor pra mim passa por isso, alguém que lhe ensina alguém que lhe passa valores, alguém que lhe transforma, que lhe afeta de alguma forma, essa pessoa é afetada através da figura do professor.

Pesquisadora: Pra você, com suas palavras o que é ler?

Professora Goretti: Ler pra mim é, tem uma dimensão muito grandiosa porque eu leio em todos os locais em tudo que eu vejo em todos os objetos, em cada canto eu leio alguma coisa, eu interpreto alguma informação, então, eu vejo a leitura, eu vejo a leitura como dessa forma. Em tudo que vejo, eu leio e interpreto, eu pego algum conhecimento, adquiro alguma coisa daquilo, então pra mim ela não está restrita só ao fato do livro, só ao fato da escrita propriamente dita, ela tem uma dimensão bem mais ampla, são os meus olhos quem lêem o mundo, eu leio com o coração, eu leio com as mãos, eu leio com os sentimentos, eu leio em tudo, eu vejo leitura, dimensão de leitura pra mim é bem ampla, vai além da (inaudível) vai além do contexto escolar ela extrapola, na minha compreensão ela extrapola a minha compreensão, minha mesmo, do que seja ler.

Pesquisadora: O que é literatura?

Professora Goretti: A literatura está muito afetada pelas pesquisas, mas a literatura pra mim é uma forma de você interagir, conversar com o outro, quando você pega um livro de literatura que você começa a conversar, eu digo que é conversar porque é uma conversa que você mantém um diálogo e naquela literatura, naquele livro que você tá lendo você às vezes encontra respostas até pras suas próprias angústias e, às vezes, eu me pego pensando: “Por que eu não disse isso?”, isso aqui, ele tá dizendo exatamente o que eu penso, ou, isso aqui que ela tá dizendo é exatamente o que eu gostaria de dizer, então a literatura pra mim é isso, é você ter essa possibilidade de conversar, de se encontrar no outro de ver no outro, você mesmo, entendeu? Esse encontro mesmo de dois, de duas pessoas e no coletivo também, só que de uma forma muito particular cada um encontra-se dentro de um livro mesmo numa leitura coletiva, cada um vai ter muito da sua leitura particular e muito do seu momento, posso dar um exemplo: quando eu li o livro Memórias das Minhas Putas Tristes de Gabriel García Márquez, eu odiei, mas por que, hoje eu faço uma reflexão porque eu odiei aquele livro, porque foi exatamente no momento que eu estava passando num processo de separação do pai do meu filho que eu descobri que ele tinha várias mulheres, então eu associo diretamente ali e que inclusive foi ele que deu pra ler, então ele me deu aquele livro que eu comecei a ler eu me vi transportada para aquela situação ali, conversou muito comigo, minha conversa comigo foi tão direta com aquele livro que eu odiei, hoje talvez eu precisasse ler novamente pra eu poder tirar essa imagem que ficou meio assim conturbada na nossa relação não é? Mas eu vejo assim, o texto literário ele conversa muito com você, a literatura conversa muito com você e ela dá essa possibilidade de às vezes em situações que você vê propriamente dita, o texto poético, por exemplo: de você encontrar respostas pras coisas tão simples, eu tenho o olhar poético dentro de mim, eu sei que eu tenho, eu consigo olhar pra coisas simples que algumas pessoas não olham, eu consigo ver a poesia além, eu leio em tudo, em tudo que eu vejo, eu leio alguma coisa então eu acho que eu daria uma ótima poetisa, seria sim, felizmente ou infelizmente não adentrei por esse caminho, ainda risco lá em casa algumas coisas, mas eu me encontro na literatura e acho que ela tem, ela dá essa possibilidade de qualquer pessoa ler um texto literário se encontrar de alguma forma, encontrar respostas.

Pesquisadora: Goretti, pra você o que é escola?

Professora Goretti: A escola pra mim, eu vejo a escola como um ambiente onde deveriam se construir muitas relações, relações que envolvem aprendizagem, amizade, sociabilidade, relações que envolvem sentimentos como ódio, relações que envolvem sentimentos como amor. A escola ela pode ser pra você o local onde você se encontra e pode ser o local mesmo onde você pode estar totalmente fora dela, onde não é o meu ambiente, eu me reporto muito ao aluno quando eu vejo que aquele aluno está logo cedo aqui no pátio da escola e dá a hora de ir embora e permanece na escola, tem alunos assim na escola e permanecem na escola que vão pra casa e que pouco tempo voltam pra escola de novo, que terminam aqui na escola, terminam o tempo na escola foram pra outra escola, mas sempre estão vindo a escola. Então a escola, eu vejo ela assim como um ambiente que são duas relações ou de ódio ou de amor e ela vai ter muita influência na construção do seu conhecimento, da sua visão de mundo é um ambiente onde essas relações deveriam estar estreitas mesmo ali, embora eu vejo que está muito distante sabe, cabe vez mais se distanciam, eu vejo a escola como uma comunidade de muitos onde todos devem estar envolvidos no processo, nesse processo de em que todos estão intrincados na aprendizagem, mas isso vem se perdendo, hoje a escola você vê hoje tem ambientes escolares que eu vejo mais como um depósito mesmo, os pais vêm assim, alguns não e ao mesmo tempo ultimamente venho fazendo uma reflexão muito grande em relação a escola eu não sei se é porque cada ano que passa você tem uma turma diferente, mas de uns dois anos pra cá eu venho percebendo o seguinte que os pais estão mais preocupados com essa qualidade da escola, estão mais preocupados com essa comunidade escolar eles querem estar mais inseridos, eles querem participar mais, eles ficam atentos ao que acontece dentro da escola, o sistema não permite isso; a forma como é colocada a eles ainda não permite ainda é muito fechado, eu vejo assim o pai ainda fica muito distante, exatamente porque a escola não dá essa abertura apesar que os discursos são outros, a escola como um ambiente democrático, espaço democrático, nem sempre isso vem acontecendo e a precariedade também nas estruturas não permite também que isso aconteça, que essas relações se estreitem.

Pesquisadora: Você se considera uma leitora?

Professora Goretti: Me considero sim. Me considero sim porque eu vejo que pra você ler, você tem que ser curioso, você tem que ter a curiosidade de querer compreender de querer interpretar aquilo, então eu me vejo como uma grande leitora mesmo, eu gosto de ler eu tenho prazer eu me emociono, eu choro, eu acho engraçado, eu leio às vezes o livro, a leitura acaba hoje eu passo uma ou duas semanas digerindo aquelas informações conversando ainda com aquele texto. Então, a leitura pra mim eu vejo isso, então eu me considero uma leitora embora às vezes por uma série de fatores eu não consiga ler com a frequência que eu gostaria, mas eu quando não leio os meus livros ficam próximos a minha cama e eu namoro com eles, eu converso com eles só pela capa, quando não posso ler fico marcando encontro com eles: “Nas férias eu leio você.” “No período que eu estiver em tal canto eu leio você.”, e assim eu vou.

Pesquisadora: Goretti, você fez magistério foi?

Professora Goretti: Fiz magistério lá no Kennedy.

Pesquisadora: Durante esse período do magistério teve alguma disciplina que você pagou que falava sobre leitura, literatura, relação leitura-literatura? Você estudou alguma coisa sobre isso?

Professora Goretti: Eu lembro que tinha essa disciplina que era o professor Márcio que comentava sempre sobre o assunto, se eu não me engano, era História da Educação e lá eles apresentavam os teóricos e tinha uma disciplina também Didática que a professora era a professora Maria José, hoje já é Doutora e tal, ela também passava alguns textos relacionados à literatura, uma coisa muito pouca mesmo, mas tenho uma vaga lembrança, era mais assim com o professor Márcio, mesmo.

Pesquisadora: E hoje em dia na sua sala de aula, na sua prática, com que frequência acontece atividades de leitura de literatura. Como são essas atividades, se elas são planejadas, se não são.

Professora Goretti: Bom, nós temos assim aquele horarizinho de cada disciplina, mas eu procuro, eu tenho uma visão, a seguinte: como eu estou muito afetada pelas pesquisas, pela pesquisa lá da universidade, eu comecei a olhar hoje em todos os textos que eu leio até no didático mesmo, história e geografia eu comecei a olhar com olhar literário, então quando eu vou ler aqueles textos para as crianças eu sempre procuro ler de alguma forma ou passar para ele como se eu tivesse trabalhando um livro literário. De alguma forma eu percebo que a recepção tá sendo bem melhor, mas a frequência com que eu trabalho o texto literário é praticamente todos os dias, raras exceções um ou dois dias, mas praticamente todos os dias eu apresento um texto literário pra eles.

Com relação a planejamento, geralmente quando eu quero, pretendo mediar de forma mais intensa, trabalhar aquele livro específico, aquele livro literário ali de uma forma mais densa aí, eu faço um planejamento prévio; tudo o que me foi passado na pesquisa, aquele planejamento de fazer a pré-leitura, estudo o livro, releio o livro em casa, leio o livro várias vezes pra compreender direitinho, procurar informações que eu sei que talvez possam ser abordadas pelas crianças e trago, mas isso é um trabalho que como é muito sistematizado e o próprio tempo também que toma que requer não é, essa situação maior então assim geralmente eu marco pra trazer eu me desligo das outras disciplinas e ou centrar o foco naquele dia, com aqueles meninos e trabalho, deixo bem à vontade vou trabalhando tudo o que foi determinado no meu planejamento, mas a frequência com que eu apresento o texto e até ensaio as perguntas, algumas reflexões, mas não muito aprofundado meu objetivo não é aquele é mais pelo prazer mesmo de ler, às vezes eu trago aquele livro leio pra eles e numa outra oportunidade aí eu vou trabalhar aquele livro com olhar mais reflexivo, aí faço todo o planejamento, aí eu já vejo que isso faz uma diferença também quando eu trago o livro leio eles ouvem como uma narrativa normal e depois eu trago numa outra oportunidade já com esse olhar mais cuidadoso, com objetivo mais específico, de mediar, de fazer com que eles percebam a reflexão do que aquela leitura vai trazer pra ele, um encontro mesmo, mas a apresentação, a presença do livro, do texto literário é uma constante na minha prática.

Pesquisadora: Quais são os materiais que você usa durante essas aulas de leitura de literatura?

Professora Goretti: A própria escola me impossibilita muito. Nós temos um retroprojeto na escola, mas infelizmente a escola nunca dispõe de material adequado as lâminas, transparências, então assim eu fico muito impossibilitada, o recurso mesmo é a voz, o recurso é o livro o único livro porque a escola não dispõe de livros em quantidade apesar foi uma das coisas que eu pedi a escola, mas a escola pelo menos contemplasse uma obra com quinze livros pra que a gente trabalhasse em dupla com a criança porque isso é interessante, esse é um pedido que eu venho fazendo desde o ano passado e que não sei se vai dar certo, aí me restrinjo a isso, ao diálogo mesmo, a conversa a trazer o texto, a mostrar as imagens, a apresentar o livro pra eles e quando às vezes se eu quiser explorar de alguma forma, de outra forma eu pego o livro e eles fazem cartazes eles conversam com o texto fazendo elaborando a própria interpretação em folhas de papel ofício, a gente monta um grande mural sequenciando, assim.

Pesquisadora: Você usa a biblioteca pra fazer alguma atividade? Como é? Com que frequência você leva os seus alunos?

Professora Goretti: Ultimamente não porque a escola está com um problema sério. Do ano passado pra cá tinha o projeto “Mais Educação” e ficava com o horário muito restrito no mínimo você tinha trinta minutos quarenta minutos e me deixava muito angustiada e aborrecida, então o que é que eu fazia, eu pegava os livros e levava pra sala de aula e lá eu trabalhava essa literatura com eles, trazia os meninos também pra eles escolherem e ficava um tempo com eles na sala conversando e tudo só que a biblioteca não sei por que cargas d’água vive passando por um processo de reforma, vivem tirando os livros do lugar vivem arrumando todas as vezes que você chega na biblioteca ultimamente nesses últimos dias principalmente esse ano tem sempre uma pilha de livro em cima de uma mesa, tem sempre um pacote não sei onde, então tá um caos dentro da biblioteca e eu até digo que a biblioteca perdeu a, se descaracterizou, não parece mais biblioteca parece mais um depósito, isso daí deixa muito angustiada porque biblioteca pra mim tem que ter uma imagem gostosa, saborosa de você olhar degustar, você se sentir bem, como eu não me sinto bem e eu sei que aquele ambiente não é, não tá sendo, não é uma biblioteca pra mim não é, então eu não trago, eu pego os livros e levo pra sala e trabalho com eles e tenho também o meu repertório de ler livros, meu acervozinho, não é nada muito, mas eu trabalho com eles na sala dessa forma.

Pesquisadora: Goretti existe alguma relação entre a forma com que você faz o seu trabalho do ensino de leitura e a maneira com que seus professores faziam quando você era estudante?

Professora Goretti: Não, nenhuma relação.

Pesquisadora: São totalmente opostos?

Professora Goretti: Totalmente.

Pesquisadora: Por que?

Pesquisadora: Ah (sic), porque na época em que eu era estudante eram aquelas leituras forçadas, das interpretações que tinham que ser retirados do livro e hoje, eu não faço isso com meus alunos, existe discussões e argumentações. Tem interpretação também, mas não é tão fechado como meus professores faziam. Mas eu tive boas referências de leituras das minhas professoras quando era eu criança,

mas na adolescência já não foi assim, por parte dos professores né (sic), nesse período foram os namorados (risos).

Pesquisadora: E você acredita que suas experiências como leitora, o seu repertório de leitura, a sua prática de leitura ela influencia a sua forma como você passa isso pra os seus alunos na sua prática pra formação de leitores?

Professora Goretti: Acredito que sim, embora cada ano, a cada turma que eu pego me parece que todas elas tem muitas particularidades e eu vejo muito o seguinte, esse processo de formação de leitura é um processo muito contínuo, ele tá sempre se renovando se reforçando ganhando novos horizontes, como eu percebo que alguns professores não tem essa prática então às vezes eu pego turmas que já vem com esse ânimo, essa vontade, esse desejo, outras já vem mais arrefecidos que eu vou construindo aos poucos é o que vem acontecendo esse ano eu sempre trago textos, eles até inclusive quando não trago, não leio eles: “Ah professora leia eu adoro quando a senhora lê, olhe é tão maravilhoso é tão diferente” e assim, mas eu ainda não consegui com essa minha turminhas desse ano, porque que eu digo que eu não consegui porque quando eu lia os livros em turmas anteriores em algumas turmas especificamente, eu lia e eu via que eles já tinham aquele referencial de leitura, então eu lia e eles ficavam curiosos para ver o livro, eu colocava sempre que eu lia eu dizia: “Oh gente o livro está a disposição, quem quiser depois pegar pode levar pra casa” e sempre tinha alguém lá, aliás era um número grande de alunos praticamente todos levavam perdi inclusive muitos livros assim, esse ano não esse ano tá sendo diferente. Desde o início do ano, desde que comecei as aulas, que eu venho fazendo isso trazendo textos, eles adoram sabe se encontram e tudo conversam e tudo, mas eu não vejo praticamente nenhum pegar o livro emprestado pra levar ou ter aquela coisa, ou não ser naqueles momentos “Professora deixa eu olhar”, mas eu vejo que não é um desejo de conhecer o livro é muito mais assim porque o livro, aquela coisa imediata, mas eu vejo que eles não levam pra casa entendeu, esse desejo não guardam ainda essa vontade por isso que eu digo que eles ainda não são, não estão constituídos como leitores.

Pesquisadora: A partir da sua experiência como professora, você já tá há quinze anos na sala de aula, como é que você acredita, o que é que um professor tem fazer pra formar leitores?

Professora Goretti: Eu vejo o seguinte: na minha experiência e nos relatos de outros professores uma das coisas que interferem muito nessa compreensão de você ser o formador de leitor e você ser o professor formado na leitura, o referencial teórico. Eu penso que pesa muito faz toda a diferença por quê? Porque quando você tem a referência teórica, quando você conhece a forma como abordar aquele livro, os tipos de perguntas que você pode fazer, a forma como você pode planejar aquela leitura, o que o texto pode apresentar pra você, as imagens que aquele livro traz pra você, todo o entrosamento que existe entre a imagem, o texto, as conversas que podem ser mediadas ali dentro, os pensamentos que podem ser todos, que são colocados ali de forma que o aluno se sinta instigado, eu percebo que isso daí você só consegue perceber quando você tem um referencial teórico aliado a sua bagagem de leitura. Uma coisa é você gostar de ler, prazer em ler, certo? Também é importante, mas eu vejo que também é importante você ter essa referência teórica, você conheça o livro literário saber como aquele livro literário deve ser trabalhado pra mim é fundamental, eu vejo isso, eu vejo que peca-se muito hoje porque se leva o livro pra escola isso, eu estou baseada na minha experiência antes que eu trazia o

livro, mas eu não tinha aquela abordagem, aquele repertório de perguntas fundamentadas, embasadas, eu não fazia aquela leitura do livro literário como eu faço hoje e o que eu penso que eu percebo que os professores na maioria usam esse livro literário numa forma de entretenimento, de passar o tempo, de acalmar a sala, tá um barulho, chega próximo do intervalo “vamos acalmar, vamos ler, eu vou ler, eu vou contar um conto pra vocês, eu vou ler esse livro daqui”, eu vejo assim; mas nunca quase nenhum me fala que trabalha com essa sistematização de planejar leitura, de colocar, de abordar, de fazer a mediação de uma forma que argumentação, que o aluno se sinta desejoso de explorar mais entendeu, de aprofundar aquela leitura, então eu vejo que o referencial teórico hoje na minha concepção.

Pesquisadora: Você acha que o professor quando gosta de ler, quando tem esse prazer pela leitura ele consegue Passat isso com mais facilidade para o aluno?

Professora Goretti: Consegue sim. Quando você realmente gosta e acho que também tem a questão, você gosta de ler e tudo, você pode influenciar, mas é como eu lhe disse se você não tiver essa visão, vou dizer assim é didática, acho que você se perde.

Pesquisadora: Não é só gostar...

Professora Goretti: Não é só gostar não, eu adoro ler, sempre gostei de ler, sempre apresentei texto literário para os meus alunos desde que eu ensino.

Pesquisadora: Mas agora você já...

Professora Goretti: Mas agora eu já sei explorar melhor esse livro, já sei causar um impacto, já sei fazer com que esse aluno se sinta curioso, desejoso; eu vou procurando formas de fazer com que aquele texto realmente converse com aquele aluno, então eu acredito que formar perpassa por isso também, você precisa das duas coisas, elas precisam estar bem direcionadas e juntas ali nesse processo, uma caminhando ao lado da outra, só o gostar eu não acredito que só o gostar influencie, pode influenciar, mas não nessa perspectiva de tornar esse leitor reflexivo, crítico sabe? Eu não acredito não, hoje não.

ENTREVISTA COM O ALUNO MIGUEL:

Pesquisadora: Miguel, como já havia explicado na sala, hoje vamos conversar um pouquinho com você, podemos começar?

Miguel: (Afirma que sim com a cabeça).

Pesquisadora: Com quantos anos você aprendeu a ler? Quem o ensinou a ler? Você gosta de ler?

Miguel: Eu não me lembro bem a idade não, mas foi aqui na escola, vou contar (baixou a cabeça e contou nos dedos), acho que eu tinha 6 anos, (parou e pensou novamente), 6 anos? Não, foi com 7, acho que eu fazia o 2º ano. Eu até gosto de ler, mas não leio muito não.

Pesquisadora: Por que você gosta de ler?

Miguel: Eu acho que é bem divertido, é interessante, a gente ver aquele monte de letras que diz uma mensagem.

Pesquisadora: E por que você não ler muito?

Miguel: Porque eu gosto mais de brincar, de ficar assistindo desenho, mas na escola eu gosto de ler, não tenho preguiça para ler na escola não, só em casa.

Pesquisadora: Qual é o lugar que você gosta de ler? Em casa, na escola, na biblioteca?

Miguel: Na escola, porque tem muitos livros, e a professora também lê, o colega também lê.

Pesquisadora: E em casa? Você não ler?

Miguel: Só as atividades de casa, quando a professora manda fazer pesquisa.

Pesquisadora: Não pega nenhum livro em casa e ler?

Miguel: Não!

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é ler?

Miguel: (Silêncio, riso, mexida de negação com os ombros). Eu não sei dizer não, ei (sic), essa pergunta é difícil, pergunta de prova (começou a rir).

Pesquisadora: Você sabe sim, pense um pouquinho. Você me disse que gosta de ler, como você gosta de uma coisa se não sabe o que é?

Miguel: (Fica pensativo). Eu não sei se tá certo não, ainda bem que não é para escrever... Acho que ler é entender o que está escrito, no livro, no caderno, nas paredes, e é assim, a gente ler e aprende.

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é literatura?

Miguel: Eita! (sic) Essa eu não sei não.

Pesquisadora: Você já ouviu falar em literatura?

Miguel: Eu não.

Pesquisadora: Nem suas professoras? Elas nunca falaram em literatura?

Miguel: Não. (Ele fica meio tenso).

Pesquisadora: Olha só, as vezes sua professora leva alguns livros para a sala, ler ou pede para vocês lerem, aqui na biblioteca tem muitos livros com histórias, tem histórias reais e histórias de ficção.

Miguel: Tem poesia também, né? (sic)

Pesquisadora: Pois é, tem poesia.

Miguel: Poesia é literatura?

Pesquisadora: É sim. Você gosta de poesia?

Miguel: É que a professora Deusa trouxe poesia, eu achei muito interessante, tem poesia que rima, tem poesia que não rima, tem poesia que é bem igualzinha, assim, no papel, outras que parece texto mesmo.

Pesquisadora: Mas e aí, Miguel, o que você acredita que seja literatura?

Miguel: Você me deu pistas, né?! (sic) Então, eu acho que literatura é uma coisa legal.

Pesquisadora: Mas você acredita que a literatura é legal, porquê?

Miguel: Porque se for aquelas histórias que as professoras contam na sala, é bem legal, tem umas coisas que não tem nada haver, que não podem acontecer de verdade, umas histórias antigas, tem umas parecidas, muda só o nome das pessoas.

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é escola?

Miguel: Como assim? (sic)

Pesquisadora: Para você, o que significa esse espaço aqui, a escola?

Miguel: Ah (sic), aqui é um lugar de aprender, né?! (sic) A gente também brinca, tem alguns projetos.

Pesquisadora: E você gosta da escola?

Miguel: Gosto!

Pesquisadora: Por que você gosta da escola?

Miguel: Porque aqui a gente aprende várias coisas que não aprende na rua e também porque aqui tem vários amigos meus, então a gente vai e vem da escola juntos.

Pesquisadora: O que é que você aprende aqui e não aprende na rua?

Miguel: Deixe eu ver (sic). Assim, essa parte de contas, de gramática, ninguém aprende conversando na rua, só aprende na escola, na rua a gente aprende a brincar, uns macetes de vídeo game, a fazer pipa, essas coisas, sabe?!

Pesquisadora: **Você tem livros em casa? Seus pais compram livros para você? Seus pais lêem com frequência em casa?**

Miguel: Tenho só os livros da escola mesmo. Às vezes eu pego algum com a professora e levo pra casa.

Pesquisadora: **Mas seus pais não compram livros não para você?**

Miguel: Compram não, eu até já pedi, mas minha mãe não comprou não.

Pesquisadora: **E seus pais, eles leem?**

Miguel: Às vezes minha mãe compra uma revista para ler, ou então ela traz do trabalho, e também, às vezes ela traz histórias em revista para mim, do trabalho também, quando deixam lá.

Pesquisadora: **São histórias em quadrinhos?**

Miguel: Isso (sic), aquelas do Cebolinha, da Mônica.

Pesquisadora: **E você gosta?**

Miguel: Gosto sim tem umas que são bem engraçadas, tem um personagem que fala errado também. Eu gosto dele porque eu tinha um amigo que morava na outra rua que eu morei que ele falava do mesmo jeito, e eu gostava muito desse meu amigo.

Pesquisadora: **Que tipos de leitura você faz?**

Miguel: As que a professora manda. Tem os textos dos livros, ela também leva texto separado, na folha, ela também dá livros para a gente ler, ela guarda no armário, as vezes vem aqui na biblioteca e pode ler ou até levar para casa, no armário da professora também tem revistas em quadrinhos, e aí eu pego também.

Pesquisadora: **Você sempre estudou nessa escola, você sempre teve aulas de leitura durante esses anos?**

Miguel: Você quer dizer de ler alguma coisa?

Pesquisadora: **Isso!**

Miguel: É tem sempre leitura, roda, ou então ler com um amigo, a professora também conta, eu gosto quando a professora conta.

Pesquisadora: **Você tem aula de leitura de literatura? Como são essas aulas?**

Miguel: Como assim? (sic)

Pesquisadora: **A professora levar livros de histórias para vocês lerem, ou conta para vocês, tem um momento só para isso?**

Miguel: Ah, tem (sic). Eu gosto muito quando ela conta histórias, a voz dela com os personagens. É personagens, mesmo que se fala?

Pesquisadora: Isso. Personagens.

Miguel: Pois é, às vezes ela diz porque escolheu, manda a gente pesquisar sobre quem escreveu, pergunta o que a gente acha que vai acontecer na história, quando acaba ela pergunta o que a gente gostou, o que a gente entendeu.

Pesquisadora: Ela passa alguma atividade, depois da leitura?

Miguel: Às vezes, mas é mais assim, perguntando, às vezes a gente pesquisa no dicionário alguma palavra difícil que não entendeu.

Pesquisadora: E você gosta desse tipo de aula?

Miguel: Gosto, porque não fica tão cansativo como é quando a aula é só copiar do quadro para o caderno, ficar respondendo do livro para o caderno, é diferente.

Pesquisadora: Na sua opinião, ler literatura é importante?

Miguel: (Ficou pensativo). Essa é difícil também, viu?! (sic)

Pesquisadora: Vou lhe ajudar um pouquinho. Você acredita que essas aulas desse tipo de leitura que a professora faz, é importante?

Miguel: É importante sim, porque a gente conhece várias histórias, vários lugares, assim, tem uns lugares que eu não sei que existe aí vai e tem na história, então a gente pergunta onde é, a professora explica. Também tem história que a gente acha que vai terminar de um jeito e termina de outro.

Pesquisadora: Suas professoras sempre lhe incentivam/ incentivam a ler?

Miguel: É. Eu estudo desde o 1º ano aqui, e sempre tem histórias.

Pesquisadora: Todas as suas professoras contavam ou liam histórias para você?

Miguel: É. Elas leem e depois mandam a gente ler também. A professora Deusa, sempre diz que é importante ler, ler em casa também, quando não tiver nada para fazer. Ela diz assim: “Olhe podem brincar na rua, mas quando estiver em casa sem fazer nada, peguem um livro e leiam”.

Pesquisadora: Suas professoras fazem comentários de livros que já leu ou que está lendo?

Miguel: Não.

Pesquisadora: Mas elas não chegam e dizem, olha eu estou lendo esse livro é interessante, liam também?

Miguel: Não, assim, elas falam que tem tal livro, mas que ela está lendo não.

Pesquisadora: Nenhuma professora sua fez isso?

Miguel: Não.

Pesquisadora: Nesses anos de escola, você percebia/ percebe por parte das suas professoras se elas gostam quando elas estão lendo ou contando uma história? Como? Elas discutem, deixam você falar o que você deseja? Elas indicam livros?

Miguel: Eu acho que elas gostam, porque se elas leem para a turma é porque elas gostam, eu acho que elas gostam, porque assim, elas entram na história, a fala e o olho mudam, sei lá, parece que ficam contentes.

Pesquisadora: E depois da leitura? Elas deixam vocês falarem?

Miguel: Elas perguntam quem gostou, se queria mudar alguma coisa na história, e aí (sic) a gente vai falando, mas tem hora que precisa parar porque todo mundo quer falar de uma vez só, vira uma feira (risos).

Pesquisadora: Você frequenta a biblioteca da escola? Com que frequência você pega livros emprestados na biblioteca para levar para casa?

Miguel: Pouco, só quando a professora traz. Quando a professora traz e eu gosto de algum aí eu tomo emprestado.

Pesquisadora: Mas com que frequência sua professora traz a biblioteca?

Miguel: Eu nem sei (sic), é pouco demais, porque parece que aqui é meio bagunçado (falando baixo, pois estávamos na própria biblioteca e tinha uma funcionária lá), mas eu acho que só uma vez no mês, eu nem sei direito.

Pesquisadora: Você daria alguma sugestão para melhorar as aulas de leitura literária?

Miguel: Eu não, eu gosto de tudo, principalmente de quando muda a voz de um personagem para outro.

ENTREVISTA COM A ALUNA CLARA:

Pesquisadora: Com quantos anos você aprendeu a ler? Quem o ensinou a ler? Você gosta de ler?

Clara: Aprender as letras, foi com 6 anos, mas ler mesmo, juntar as letras e conseguir ler direito, acho que foi com uns 8 anos. Eu aprendi a ler na escola, mas em casa, minha mãe sempre me ajudava também.

Pesquisadora: Você gosta de ler?

Clara: Gosto sim, não histórias longas, mas eu gosto.

Pesquisadora: Por que você gosta de ler?

Clara: Porque eu gosto.

Pesquisadora: Mas o que tem no ato de ler que faz você gostar?

Clara: Acho que são as histórias, porque através da leitura dos livros a gente conhece outras coisas que não tem como conhecer de verdade, eu também gosto porque é um momento de silêncio, não fica aquela bagunça.

Pesquisadora: Qual é o lugar que você gosta de ler? Em casa, na escola, na biblioteca?

Clara: Em casa, porque é silêncio, na escola tem muita bagunça, todo mundo fala na mesma hora, e com bagunça eu não consigo ler.

Pesquisadora: Não tem como se concentrar?

Clara: É, quando tá barulho, eu fico lendo várias vezes, mas não entendo nada.

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é ler?

Clara: Ler é juntar as letras, depois as palavras, as frases e entender o que aquilo quer dizer. Mas uma vez uma professora, acho que foi do 3º ano, mandou a gente ler uma figura, e todo mundo ficou sem saber o que fazer, e depois ela disse que podemos ler não só palavras, mas figuras também, que as figuras também podem dizer algo.

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é literatura?

Clara: O que é literatura? (Fica pensativa durante um tempinho). Eu já ouvi falar, mas não sei lhe dizer o que é, não.

Pesquisadora: Nenhuma professora sua nunca comentou ou falou o que é?

Clara: Assim (sic), eu já ouvi falar em literatura infantil.

Pesquisadora: Você sabe o que é literatura infantil?

Clara: São livros de histórias para crianças pequenas.

Pesquisadora: E você sabe dizer como são esses livros e essas histórias?

Clara: São livros com muitas figuras e com aquelas histórias de lobo, de porquinho, de chapeuzinho vermelho, histórias que ensinam as crianças a serem educadas.

Pesquisadora: Então, você lá leu ou escutou essas histórias, né?! (sic) Você gosta delas?

Clara: Já ouvi sim, quando eu era menor as professoras contavam essas histórias. Eu gosto de histórias assim, porque dá medo, elas surpreendem. Isso é literatura?

Pesquisadora: É sim. Literatura é a arte da palavra, é o trabalho que o autor, ou seja, quem está escrevendo o texto, ou livro faz para criar histórias diferentes.

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é escola?

Clara: A escola é o lugar que a gente vem para aprender coisas que futuramente serão necessárias no nosso trabalho. É assim (sic), o professor ensina e o aluno aprende.

Pesquisadora: E você já sabe o que você quer ser profissionalmente?

Clara: Acho que vou ser dentista, acho a profissão muito bonita. Eu gosto muito de ciências, é a matéria que eu mais estudo, porque quando eu for para a faculdade vai ser mais fácil.

Pesquisadora: Mas na escola só tem professor e aluno?

Clara: Não tem outros funcionários também, tem o pessoal da cozinha, tem gente na secretária, que é importante porque quando a gente precisa das coisas eles fazem.

Pesquisadora: Você tem livros em casa? Seus pais compram livros para você? Seus pais leem com frequência em casa?

Clara: Tenho sim, quando eu peço minha mãe compra, no dia das crianças eu pedi um livro a minha mãe e ela me deu.

Pesquisadora: Qual o livro que você pediu?

Clara: Menina Bonita do Laço de Fita.

Pesquisadora: Que legal! A autora é Ana Maria Machado.

Clara: É, eu vi na livraria lá no shopping, vi o título e gostei, e pedi a minha mãe, aí no dia das crianças ela me deu.

Pesquisadora: Que tipos de leitura você faz?

Clara: Eu gosto de ler livros sobre ciência, eu entro na internet e gosto de pesquisar sobre ciências, gosto muito, e também gosto de ler os livros que a professora Deusa guarda no armário, ela sempre deixa a gente levar para casa, às vezes pego livro aqui na biblioteca também, quando a gente vem, eu sempre levo um, e também leio umas revistas de novela que minha tia compra.

Pesquisadora: Você sempre estudou nessa escola, você sempre teve aulas de leitura durante esses anos?

Clara: Você diz um momento para ler, é?

Pesquisadora: Isso. Ou a professora ler para vocês, ou vocês leem sozinhos?

Clara: Tem sim, sempre tem, desde o jardim. As professoras faziam uma roda no chão e liam um livro mostrando as figuras. Também tem livros na sala, aí em uma hora da aula, ela pede para a gente escolher e ler na mesa, ou então, um escolhe e ler para todo mundo, mas geralmente é a professora que ler.

Pesquisadora: Você tem aula de leitura de literatura? Como são essas aulas?

Clara: Tem sim. A professora leva um livro, ler e depois a gente faz comentários, ela pergunta algumas coisas, ou manda recontar a história, depende do livro, depende do tempo também, às vezes é pouco tempo, as vezes é muito tempo, se o livro for bom aí é mais tempo, tem livros que são muito bons e então a gente fica falando sobre ele vários dias.

Pesquisadora: Na sua opinião, ler literatura é importante?

Clara: É, né?! (sic) Porque quando a pessoa ler, acaba conhecendo histórias que nunca pudesse conhecer. E isso trabalha com a cabeça da pessoa. Sabe que uma vez eu vendo televisão, um médico disse que ler é importante para a cabeça não parar de funcionar, eu fiquei sem saber, aí eu perguntei a minha mãe e ela me explicou que é para nossa cabeça fique sempre em atividade, não fique esquecida e nem pensando besteira. Então eu acho que ler literatura é importante, porque a cabeça fica só viajando naquelas histórias.

Pesquisadora: A cabeça fica viajando? Como assim? Me explique, por favor.

Clara: É. A gente fica imaginando o que o texto quer dizer, imagina os lugares, as pessoas, pensa no que vai acontecer depois. Viajar que eu digo é assim. Não é pegar a mala e sair para algum canto não, nem usar drogas como umas pessoas lá na rua, que diz que a droga é bom porque a pessoa viaja, ele vai viajar é para o outro lado se não se cuidar.

Pesquisadora: Suas professoras sempre lhe incentivaram/incentivam a ler?

Clara: Algumas.

Pesquisadora: Você lembra o nome delas?

Clara: A professora Diva, ela é muito legal, eu gosto muito dela, e ela sempre fazia roda de leitura, sentava no chão com todo mundo para ler um livro, as vezes trazia almofada, uma vez até um menino dormiu enquanto ela contava a história. A professora Goretti também, viu (sic). Ela diz muito que ler é importante, ela traz livros novos para ler com a gente, ela deixa a gente pegar livros e revistas no armário dela.

Pesquisadora: E as outras professoras que você teve não lhe incentivavam a ler?

Clara: Elas também liam, mas eram poucas vezes, mais assim, no livro da escola mesmo. Pegar um livro para ler só quando acabava a atividade e tinha tempo.

Pesquisadora: Suas professoras fazem comentários de livros que já leu ou que está lendo?

Clara: Não!

Pesquisadora: Elas nunca falam que já leram tal livro ou que estão lendo?

Clara: Às vezes quando elas vão ler um livro elas dizem assim: “Vamos escutar, é muito bom esse livro, eu gosto desse livro”, elas dizem isso. E eu não vejo elas lendo esses livros não, eu só vejo elas com os livros da escola, com os diários (fica parada pensando...) olha só (sic), se elas forem ler, não vão ter tempo para ir trabalhar na outra escola, porque elas não trabalham só aqui não.

Pesquisadora: Você acha que suas professoras não tem tempo para ler, é isso?

Clara: É, porque de manhã é aqui, a tarde é na outra escola, porque eu escuto elas dizerem que vão para outra escola e a noite elas precisam descansar, assistir TV.

Pesquisadora: Mas e se ao invés delas assistirem TV, elas lessem um livro?

Clara: É, podia ser, mas tem o jornal que tem informações e depois tem a novela, novela é muito bom, é divertido (risos).

Pesquisadora: Nesses anos de escola, você percebia/ percebe por parte das suas professoras se elas gostam quando elas estão lendo ou contando uma história?

Como? Elas discutem, deixam você falar o que você deseja? Elas indicam livros?

Clara: Acho que elas gostam sim, porque se não gostassem não faziam né?! A professora Goretti ela até chora, as vezes, você acredita? Ela muda a voz quando muda de pessoa na história. A professora Diva quando ela lia, ela trazia fantoches, ela falava mais alto, ela fazia teatro.

Pesquisadora: E depois da leitura tem alguma atividade?

Clara: A professora pede para a gente falar o que achou da história, comentar.

Pesquisadora: E você gosta quando ela faz isso?

Clara: Gosto, porque às vezes alguém fala uma coisa que eu nem tinha percebido, as vezes é ruim porque quem não concorda quer brigar, aí a professora fica pedindo silêncio, para cada um falar de uma vez.

Pesquisadora: E quando alguém fala alguma coisa que você não tinha percebido você concorda?

Clara: Às vezes, se estiver certo, sim, mas se eu achar que tá errado, aí eu não aceito, mas também não fico brigando como tem umas pessoas que fica.

Pesquisadora: Você frequenta a biblioteca da escola? Com que frequência você pega livros emprestados na biblioteca para levar para casa?

Clara: Pouco, quando a professora traz, tem um rodízio das salas, de pegar livro sabe, não é sempre que pode pegar livros. E quando tá chovendo ou então eu não quero

brincar na quadra, na hora do intervalo eu venho para a biblioteca, pego um livro e começo a ler.

Pesquisadora: Você daria alguma sugestão para melhorar as aulas de leitura literária?

Clara: Eu não (rindo).

Pesquisadora: Nada, mesmo?

Clara: Nada!

ENTREVISTA COM O ALUNO JOÃO:

Pesquisadora: Com quantos anos você aprendeu a ler? Quem o ensinou a ler? Você gosta de ler?

João: Sei lá (sic). Eu não me lembro não, quem deve saber é minha mãe.

Pesquisadora: Mas você não lembra em qual série você aprendeu a ler, não?

João: Acho que foi com a professora Fátima, porque eu lembro que as vezes ela ia para minha carteira me ajudar na hora da leitura, ou foi 2º ou 3º ano.

Pesquisadora: E quem foi que lhe ensinou?

João: Ah (sic), foi aqui na escola, as professoras, desde o prezinho que estudo aqui, e sempre teve muitas letras nas paredes e tinha que dizer que letra era aquela, e a professora Fátima, como eu disse ela sempre me ajudava quando eu tinha dificuldade de ler, mas também depois que eu aprendi não precisei mais da ajuda de ninguém.

Pesquisadora: E me diga, você gosta de ler?

João: Gosto nada (sic).

Pesquisadora: Por que você não gosta de ler?

João: Porque me dá muita preguiça.

Pesquisadora: E porque lhe dá preguiça?

João: Porque é muito cansativo, eu só tenho vontade de dormir, é muito parado, eu gosto de jogar bola, pelada com meus amigos na quadra da escola e na rua.

Pesquisadora: Mas como é que você ler? Deitado, sentado?

João: Eu faço o dever da escola na minha cama, porque a mesa da cozinha tá sempre ocupada, aí eu (sic) sempre acabo adormecendo, minha mãe sempre tem que me acordar para eu terminar a atividade.

Pesquisadora: E na escola, você gosta de ler?

João: Na escola é diferente, porque a gente ler para fazer as atividades, ou então a professora ler aquelas histórias, mais aí é ela.

Pesquisadora: E quando ela conta, você gosta?

João: Gosto demais é muito legal.

Pesquisadora: Qual é o lugar que você gosta de ler? Em casa, na escola, na biblioteca?

João: Na escola é melhor, porque eu não tenho preguiça, não tem como dormir (risos) naquela carteira dura.

Pesquisadora: Então em casa você não ler nada?

João: Só as atividades.

Pesquisadora: Que dizer que em casa, você não pega nenhum livro para ler?

João: Não! Em casa é assim, almoço, durmo, faço a tarefa e depois jogar bola, só posso jogar bola depois que eu faço a tarefa, aí só volto para casa para dormir.

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é ler?

João: Posso pensar?

Pesquisadora: Pode sim.

João: (Fica um tempo de cabeça baixa na mesa). Olha só (sic), uma vez eu vi na parede aqui da escola, como é o nome daquilo que gruda na parede?

Pesquisadora: Cartaz?

João: Sim, cartaz, tinha um cartaz que dizia assim: “Ler é viajar”, e eu concordo, sabia?! Ler do livro normal, das matérias não, é uma leitura que você tem que fazer para aprender, como é que chama? Eita (sic), eu estudei esse ano, depende do gênero, acho que é gênero informativo, então não tem como viajar muito. Mas já nesses outros livros que a professora leva para ler ou que pega aqui na biblioteca, aí sim, tem viagem, tem cada história, muito massa.

Pesquisadora: Mas além de viajar, ler é o que mais?

João: Ler também é entender tudo que está escrito, as palavras podem dizer muitas coisas, entende? Vou explicar melhor, tem que ler direito, concentrado, porque uma palavra pode ter mais de um significado, vai depender do que o texto todo vai dizer.

Pesquisadora: Quem foi que explicou isso a você?

João: Foi a professora Deusa, estudamos sobre isso nas aulas de Português.

Pesquisadora: Muito bem!

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é literatura?

João: A professora Goretti também já falou sobre isso, uma vez quando ela foi ler um livro que tem essas histórias legais, mas eu não sei se eu lembro não, pensei que essa conversa fosse ser mais fácil (fala rindo). Posso pensar?

Pesquisadora: Pode.

João: (Novamente abaixa a cabeça e encosta na mesa). (Passa um bom tempo e pergunta): Posso responder depois, quando eu me lembrar eu falo?

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é escola?

João: A escola é onde aprendemos as coisas para quando crescer ter a oportunidade de ter um emprego melhor do que dos nossos pais.

Pesquisadora: Você gosta da escola?

João: Eu gosto sim (sic), porque além de aprender muitas coisas importantes, também tem passeios, as professoras chamam de aula de campo, tem as competições com

esporte entre meninos e meninas. Só não gosto quando tem reunião com a família, porque sempre eu levo carão da minha mãe, porque a professora diz que eu dou trabalho na aula (rindo).

Pesquisadora: Você tem livros em casa? Seus pais compram livros para você? Seus pais leem com frequência em casa?

João: Na minha casa tem uns livros, mas minha mãe diz que é antigo, é do tempo que ela estudava, ela até disse que ia jogar esses livros fora.

Pesquisadora: E na sua casa não tem desses livros de história não, que tem aqui na biblioteca?

João: Igi (sic), desses? Tem nada.

Pesquisadora: Você nada pede para seus pais comprarem não?

João: Eu não, eu só leio aqui na escola mesmo, as vezes, meu pai compra umas revistas de carro e moto que ele gosta.

Pesquisadora: E você ler essas revistas?

João: Leio sim, eu também gosto porque tem muito carro e moto bonita, aí vem explicando sobre o país fabricante, sobre o moto, sobre arrancada.

João: Agora eu acho que eu me lembrei o que é literatura.

Pesquisadora: Então vamos lá, me diga o que é literatura para você.

João: Literatura tem haver com a história desses tipos de livros que tem aqui na biblioteca. A professora já explicou isso. Literatura é a leitura desses livros que tem histórias diferentes, é ficção!, é essa a palavra que eu queria, literatura é ficção, que não é verdade, entende?! Por isso, que viaja na nossa imaginação. Eu gosto mais de literatura do que desses livros que tem matéria, é muito cansativo, os livros de história que tem a literatura eu fico viajando, imaginando um monte de coisas, fico querendo ser um personagem da história, é massa.

Pesquisadora: Que tipos de leitura você faz?

João: Só as atividades que a professora passa mesmo.

Pesquisadora: Revista em quadrinhos, as revistas do seu pai, os livros da biblioteca?

João: Os livros da biblioteca só quando a professora traz aqui, mas eu não levo para casa não, que também pode sabe, mas eu não levo. Eu pego gibis e outros livros no armário da professora Deusa e em casa as revistas do meu pai.

Pesquisadora: E porque você não leva emprestado os livros da biblioteca?

João: Porque eu não quero, prefiro os da professora. Eu nunca levei os da professora, porque não quero, mas quando alguém pede ela deixa.

Pesquisadora: Você sempre estudou nessa escola, você sempre teve aulas de leitura durante esses anos?

João: Aula de leitura que você quer dizer é pegar um livro e ler?

Pesquisadora: Isso, mas esses livros de literatura.

João: É (um pouco negativo), não é sempre que tem não, mas tem.

Pesquisadora: Você tem aula de leitura de literatura? Como são essas aulas?

João: É assim, a professora sempre leva esses livros e ler a história, ou então conta mesmo, um conto, sem ler, eu acho massa, porque ela lembra tudo, mas antes as outras professoras também liam, entende, as vezes, quando eu era menor, sentava no chão em roda, as vezes tinha fantoche, almofada.

Pesquisadora: Na sua opinião, ler literatura é importante?

João: É sim, claro. Porque se não fosse esses livros eu não conhecia tantas histórias cabulosas, eu só ia conhecer o que é verdade, a ficção eu não ia conhecer.

Pesquisadora: Suas professoras sempre lhe incentivaram/incentivam a ler?

João: Elas sempre falam da importância da leitura, porque ajuda na hora de falar, de escrever.

Pesquisadora: Suas professoras fazem comentários de livros que já leu ou que está lendo?

João: Não!

Pesquisadora: Elas nunca falavam ou falam de algum livro que já leu, ou que está lendo que foi lançado recentemente?

João: Uma vez a professora Goretti leu um livro que ela gosta muito e que ela até chorou, ela também conta umas histórias que uma pessoa contava para ela quando ela era criança.

Pesquisadora: Nesses anos de escola, você percebia/ percebe por parte das suas professoras se elas gostam quando elas estão lendo ou contando uma história? Como? Elas discutem, deixam você falar o que você deseja? Elas indicam livros?

João: Eu não sei. Tem que perguntar a elas, né?! (rindo)

Pesquisadora: Mas não dá para perceber se elas gostam ou não?!

João: Eu acho que elas gostam sim, porque se elas leem para a turma e se elas manda a gente ler, é porque elas gostam também, porque elas não gostam de barulho e manda a gente ficar em silêncio, então se elas não gostassem de ler elas não mandavam ler, entendeu?

Pesquisadora: E quando elas leem elas deixam vocês falarem alguma coisa?

João: Deixam sim, ou fala ou desenha, alguma coisa assim, sim também pesquisa no dicionário ou na internet, procura sobre quem escreveu o livro.

Pesquisadora: **Você frequenta a biblioteca da escola? Com que frequência você pega livros emprestados na biblioteca para levar para casa?**

João: Só quando a professora traz sabe, não gosto não.

Pesquisadora: **Mas porque você não gosta daqui?**

João: Sei lá (sic). Nunca a gente vem, muito pouco, tem muito barulho porque é aqui do lado do parque, eu não gosto de ler quando tá barulho.

Pesquisadora: **Você daria alguma sugestão para melhorar as aulas de leitura literária?**

João: Eu não (rindo).

ENTREVISTA COM A ALUNA ALICE:

Pesquisadora: Com quantos anos você aprendeu a ler? Quem o ensinou a ler?
Você gosta de ler?

Alice: Eu gosto de ler sim, acho que aprendi a ler quando eu tinha 7 anos, foi aqui na escola que eu aprendi, mas minha irmã também me ajudava em casa, até hoje, quando eu preciso ela me ajuda.

Pesquisadora: Por que você gosta de ler?

Alice: (Diz que não sabe com os braços).

Pesquisadora: Alice, não precisa ficar tímida, pode falar, se você não falar, como vou escutar depois suas respostas?

Alice: Sei lá (sic), eu gosto de ler para aprender.

Pesquisadora: Para aprender e o que mais?

Alice: Só para aprender mesmo.

Pesquisadora: Qual é o lugar que você gosta de ler? Em casa, na escola, na biblioteca?

Alice: Em casa, na escola também, mas eu leio mais em casa, porque de manhã eu venho para a escola e a tarde eu fico só em casa, até meu pai chegar e depois minha mãe chega, aí eu fico fazendo as atividades da escola e quando termino eu vou ler, eu compro revista num ponto perto da minha casa.

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é ler?

Alice: Sei lá! (sic)

Pesquisadora: Olha só Alice, vamos pensar um pouquinho, aqui na escola você, a professora e seus amigos leem, em casa, você também ler, e então, o que é a leitura para você?

Alice: Ler é aprender, porque quando a gente tá lendo, tá aprendendo várias coisas novas, sempre que eu leio alguma coisa, eu aprendo.

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é literatura?

Alice: Literatura? (Fica pensando). Seria uma coleção de livros? Ah, já sei, literatura são aqueles livros bem antigos, bem velhos, de páginas amarelas e bem grossos que tem em museu. Eu já fui em um museu aqui, o museu de Câmara Cascudo, lá tem um monte desses livros, eu fui lá uma vez, foi a professora que levou.

Pesquisadora: Mas será que literatura são só esses livros antigos?

Alice: Eu acho que sim. (sic)

Pesquisadora: Nenhuma professora sua nunca falou sobre o que seria literatura?

Alice: (Fica pensando). Eu acho que não. (sic)

Pesquisadora: A professora Deusa nunca falou nada a respeito?

Alice: Eu não sei dizer, é que eu perco as coisas as vezes, eu gosto muito de conversar e as vezes eu não escuto o que a professora diz, ela reclama comigo por isso, diz que eu sou inteligente, mas fico só conversando.

Pesquisadora: O que você acha desses livros que tem aqui na biblioteca? Dos livros que as professoras levam de história para ler na sala?

Alice: Ahhhhhhhhh (sic), eu gosto muito, a melhor hora da aula. Esses tipos de livros eu também leio em casa, a patroa do meio pai é professora e ela manda desses livros para mim, tenho uma prateleira no meu quarto cheia.

Pesquisadora: Você não acha que eles podem ser literatura?

Alice: Quando eles estiverem velhos, sim, né? (sic) Mas esses livros são tão fininhos, né?! (sic)

Pesquisadora: Olha só, literatura não são só livros antigos não, esses livros de histórias que as professoras e você leem, também são literatura.

Literatura é o trabalho que o autor do livro faz com as palavras para criar a história e transforma-la em algo “diferente” do real, vamos dizer assim, em uma história que envolva quem está lendo, que faça a pessoa que está lendo refletir.

Alice: Ah (sic), então todos esses livros assim, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, esses livros de contos, são literatura?

Pesquisadora: São sim.

Alice: Entendi agora (sic), eu não sabia.

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é escola?

Alice: Sei lá! (sic)

Pesquisadora: Você não sabe me dizer o que é a escola, se todos os dias você vem para a escola?

Alice: A escola é onde as professoras ensinam as matérias aos alunos.

Pesquisadora: Só isso? E não ensinam outras coisas, além de matérias, não?

Alice: As professoras também deixam brincar na hora do intervalo, levam para passear na cidade, porque também tem aula em prédios sabe, chama de aula passeio, tem também apresentações culturais que a gente ensaia, tem essas coisas.

Pesquisadora: Você falou que tem livros em casa. Seus pais compram livros para você? Seus pais leem com frequência em casa?

Alice: Comprar mesmo não, meu pai que sempre leva, porque a patroa dele manda para mim. Minha mãe não ler muito não, as vezes alguma revista, mas meu pai, as vezes quando ele chega do trabalho que vem trazendo um livro, a gente ler junto no

sofá, ele pede para que eu leia, ele se deita no sofá e eu fico no chão lendo para ele escutar.

Pesquisadora: Que tipos de leitura você faz?

Alice: Não entendi essa pergunta.

Pesquisadora: Você gosta mais de ler, o que? Revistas, livros de literatura?

Alice: Eu leio mais livros, mais leio também jornal, todo dia meu pai leva jornal para casa, porque a patroa dele manda que ele leia para ficar informado do que está acontecendo na cidade, assim, ele leva o jornal do dia anterior.

Pesquisadora: E seu pai trabalha onde?

Alice: É motorista. O patrão e a patroa dele são professores da Universidade e tem um filho que não anda, aí meu pai fica andando com esse menino.

Pesquisadora: Entendo. E a sua mãe?

Alice: Minha mãe é vendedora em uma loja de móveis.

Pesquisadora: Você sempre estudou nessa escola, você sempre teve aulas de leitura durante esses anos?

Alice: Se as professoras sempre leram, é isso?

Pesquisadora: Isso. (sic)

Alice: É, sempre elas separam um momento da aula para leitura, não são todos os dias, mas sempre acontece.

Pesquisadora: Você tem aula de leitura de literatura? Como são essas aulas?

Alice: É a leitura desses livros de histórias?

Pesquisadora: Exatamente.

Alice: Tem sim. Quando era menor, era em rodinha, era com teatro, fantoches, agora é mais só o livro mesmo, tinha a professora Ubiracira que ela lia mostrando as figuras, eu acompanhava pelas figuras.

Pesquisadora: Na sua opinião, ler literatura é importante?

Alice: Ler esses livros de história, é? Deve ser, porque a matéria é muito importante, porque cai na prova, mas essa leitura não cai. Mas assim, com essas histórias eu também aprendo palavras novas, lugares novos, essas coisas, aprende a pesquisar na internet, quando a professora manda pesquisar sobre a autora ou alguma coisa do livro.

Pesquisadora: Suas professoras sempre lhe incentivaram/incentivam a ler?

Alice: As professoras sempre mandam ler, diz que ler é importante. Às vezes tem umas pessoas que vem na escola fazer propaganda de livro para as mães comprarem. Tem também cartaz na escola que fala da importância da leitura, as professoras vêm para a biblioteca.

Pesquisadora: Suas professoras fazem comentários de livros que já leu ou que está lendo?

Alice: A professora Deusa, ela sempre fala dos livros que já leu. Ela diz que tá lendo um livro que a professora dela da Universidade deu para ela, ela fala.

Pesquisadora: E as outras professoras que você já teve? Não falavam?

Alice: Eu não lembro não viu, sei lá. (sic)

Pesquisadora: Nesses anos de escola, você percebia/ percebe por parte das suas professoras se elas gostam quando elas estão lendo ou contando uma história? Como? Elas discutem, deixam você falar o que você deseja? Elas indicam livros?

Alice: E acho que elas gostam de ler sim. Principalmente professora Fátima e professora Deusa, porque elas chegam mudam as vozes.

Pesquisadora: Mudam a voz?

Alice: É de um personagem para o outro, elas fazem a voz diferente, e eu acho muito legal isso.

Pesquisadora: E depois da leitura? O que acontece?

Alice: Nada!

Pesquisadora: Não acontece nada? A professora não pergunta nada? Não pede para fazer nada?

Alice: Tem sim, é verdade. Antes, antes assim, com as outras professoras, lia e depois respondia a um questionário, com a professora Deusa, é só falando mesmo, discutindo, todo mundo pode falar o que pensa, as vezes tem alguma pesquisa, é assim.

Pesquisadora: E você gosta mais de responder ao questionário ou das discussões?

Alice: Das discussões, porque não precisa escrever e também porque com as discussões tem várias opiniões diferentes e eu fico sabendo da opinião da minha colega, e quando é escrito eu não sei, só quem sabe é a professora que corrige. Sabe que eu já observei que na discussão ninguém tá certo ou errado, é que cada um tem uma opinião diferente, e quando vai escrever, tem o certo e o errado.

Pesquisadora: É que no questionário, as perguntas são fechadas, tem uma chave de respostas e na discussão não.

Alice: (Concorda balançando a cabeça).

Pesquisadora: Você frequenta a biblioteca da escola? Com que frequência você pega livros emprestados na biblioteca para levar para casa?

Alice: Frequento sim, quando eu era menor, vinha mais, mas agora eu venho menos, porque agora tem um rodízio, antes não tinha. Eu só venho quando a professora Deusa traz.

Pesquisadora: Você daria alguma sugestão para melhorar as aulas de leitura literária?

Alice: Sei lá! (sic)

Pesquisadora: Você gostaria que mudasse alguma coisa nas aulas de leituras?

Alice: Ter uma leitura todo dia (risos).

ENTREVISTA COM A ALUNA EDUARDA:

Pesquisadora: Pronto Eduarda chegou a sua vez, vamos conversar um pouquinho? Com quantos anos você aprendeu a ler? Quem o ensinou a ler? Você gosta de ler?

Eduarda: Minha tia fala que eu aprendi a ler logo cedo, porque ela é professora, aí ela me ensinava, ela ainda me ensina até hoje, quando eu preciso ela me ajuda.

Pesquisadora: Então foi a sua tia que ensinou você a ler?

Eduarda: Foi sim, a ler e a escrever, eu fui a primeira que aprendi a ler e a escrever na sala, aprendi antes de todo mundo.

Pesquisadora: E você gosta de ler?

Eduarda: Gosto sim.

Pesquisadora: Por que você gosta de ler?

Eduarda: Porque quando eu leio, eu consigo aprender várias coisas que não dá tempo de aprender na aula. Eu também gosto de ler, livros de contos de fadas, livros de histórias.

Pesquisadora: Que bom que você gosta de ler literatura!

Pesquisadora: Qual é o lugar que você gosta de ler? Em casa, na escola, na biblioteca?

Eduarda: Eu leio mais em casa, porque aqui na escola tem que fazer as atividades e ler o livro que a professora passa. E em casa eu leio o livro que eu quero.

Pesquisadora: Mas aqui na escola, a professora não deixa você também ler o livro que você quer, não?

Eduarda: Deixa também, mas é que eu gosto de ler mais em casa, na verdade não é na minha casa, é na casa da minha avó, que minha tia mora com ela, e lá tem livros, aí ela deixa pegar.

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é ler?

Eduarda: Ler é uma coisa muito boa, porque faz aprender, e aprender é muito importante para o futuro. Eu quero ser enfermeira e quando eu for estudar para ser enfermeira eu vou precisar ler muito, minha tia que diz, então eu já estou lendo, porque minha tia diz que tem que “criar uma bagagem de leitura” para poder ser enfermeira.

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é literatura?

Eduarda: Literatura são essas histórias desses livros que tem a história e tem as figuras, tem histórias diferentes, tem esses contos. Foi a professora Deusa que explicou na sala.

Pesquisadora: Com suas palavras, o que é escola?

Eduarda: A escola é um lugar muito legal, eu gosto muito da escola, chego aqui bem cedinho, sou uma das primeiras e sou uma das últimas a sair. A escola é um lugar de fazer amizades, eu tenho várias amigas aqui, na escola se aprende muitas coisas importantes para o futuro, por isso é importante vir todos os dias, não faltar, porque se falta, aí perde explicações e prejudica.

Pesquisadora: **Você falou que tem livros em casa. Seus pais compram livros para você? Seus pais leem com frequência em casa?**

Eduarda: É a minha tia que compra, tem uns livros também que foram da minha avó, minha avó aprendeu a ler depois que casou, é ela que conta, e aí, ela trabalhava de doméstica e quando as pessoas da casa que ela trabalhava jogava livro fora, ela pegava e levava para casa, aí tem muitos livros lá, minha tia tem um quarto, que ela diz que é um escritório (risos) que tem vários livros.

Pesquisadora: **E quem ler na sua casa?**

Eduarda: Só eu e minha tia.

Pesquisadora: **E seus pais?**

Eduarda: Meus pais não, eles só ficam assistindo ou então meu pai fica jogando videogame com meu irmão.

Pesquisadora: **Você mora com sua tia?**

Eduarda: É assim, é um terreno só, com a casa da minha avó que mora com minha tia, e a minha casa, aí eu passo o dia na casa da minha avó e vou para casa quando minha mãe chega.

Pesquisadora: **Que tipos de leitura você faz?**

Eduarda: Tipo de leitura?

Pesquisadora: **Sim, livros, revistas?**

Eduarda: Agora entendi (sic), leio livros e revistas.

Pesquisadora: **Que tipos de revistas?**

Eduarda: Istoé e revista de novela também, porque minha tia compra Istoé e minha avó compra revista de novela.

Pesquisadora: **Você sempre estudou nessa escola, você sempre teve aulas de leitura durante esses anos?**

Eduarda: Sempre tem.

Pesquisadora: **Você tem aula de leitura de literatura? Como são essas aulas?**

Eduarda: Tem sim. A professora leva um livro, ler e depois fala sobre a história do livro.

Pesquisadora: **Quem fala sobre o livro, a professora?**

Eduarda: A professora e os alunos também, tem discussão, tem vez que tem que parar para poder ficar tudo em silêncio e cada um falar de cada vez, porque tem vez que tem gente que não concorda com o outro aí fica só falando (risos), eu acho engraçado, sabe.

Pesquisadora: Na sua opinião, ler literatura é importante?

Eduarda: É sim.

Pesquisadora: Por que você acredita que é importante?

Eduarda: Porque é um mundo diferente do nosso, são histórias diferentes das que eu conheço, tem muitas coisas diferentes, a pessoa viaja para outro mundo.

Pesquisadora: Suas professoras sempre lhe incentivaram/incentivam a ler?

Eduarda: É, elas sempre pedem para ler, porque a leitura é importante.

Pesquisadora: Suas professoras fazem comentários de livros que já leu ou que está lendo?

Eduarda: Não.

Pesquisadora: Elas não falam que estão lendo esse ou aquele livro, que gostam de certo livro?

Eduarda: Às vezes, quando elas leem aí dizem que gostam do livro, que gostam de romance, falam isso, mas não falam do livro que tá lendo não.

Pesquisadora: Nesses anos de escola, você percebia/ percebe por parte das suas professoras se elas gostam quando elas estão lendo ou contando uma história? Como? Elas discutem, deixam você falar o que você deseja? Elas indicam livros?

Eduarda: Elas dizem que gostam de ler, então eu acredito (risos). A professora Deusa deixa a pessoa falar o que quer sobre o livro, eu gosto quando ela pergunta o que cada um achou do livro.

Pesquisadora: Você frequenta a biblioteca da escola? Com que frequência você pega livros emprestados na biblioteca para levar para casa?

Eduarda: Quando a professora traz, porque tem o dia certo de cada sala vir para a biblioteca, pode pegar livro e levar para casa.

Pesquisadora: E você leva livros para casa?

Eduarda: Levo sim, sempre que a professora traz e pode levar eu levo.

Pesquisadora: Você daria alguma sugestão para melhorar as aulas de leitura literária?

Eduarda: Eu não (risos).

Pesquisadora: Nadinha?

Eduarda: Nada, eu gosto como ela faz, de deixar cada um falar.

Pesquisadora: Obrigada pela conversa.